



JUNGUIANA



Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA)
Member of the International Association for Analytical Psychology (IAAP)



JUNGUIANA

REVISTA LATINO-AMERICANA DA SOCIEDADE
BRASILEIRA DE PSICOLOGIA ANALÍTICA
Volume 36-2/2018

Editorial

Vera Lúcia Viveiros Sá – editora-geral
Fani Goldenstein Kaufman – editora assistente
Victor Roberto da Cruz Palomo- editor assistente

Conselho Editorial

Augusto Capelo
Ana Celia Rodrigues de Souza.
Fani Goldenstein Kaufman
Marfiza Reis
Maria Zelia de Alvarenga
Vera Lucia Viveiros Sá
Victor Roberto da Cruz Palomo
Zara Oliveira Freitas Magalhães Lyrio

Conselho Editorial Internacional

Axel Capriles – Sociedad Venezolana de
Analistas Junguianos
Jacqueline Gerson – Asociación Mexicana
de Analistas Junguianos
Juan Carlos Alonso – Asociación para el Desarrollo
de la Psicología Analítica en Colombia – Adepac
Luis Sanz – Asociación Venezolana de Psicología
Analítica
Mariana Arancibia – Grupo de Estudios C. G. Jung
de Chile
Mario E. Saiz – Sociedad Uruguaya de Psicología
Analítica
Nestor Costa – Asociación de Formación e
Investigación en Psicología Analítica
Patricia Michan – Asociación Mexicana de Analistas
Junguianos
Vladimir Serrano Pérez – Fundación C. G. Jung
del Ecuador

Consultores científicos

Christina Hajaj Gonzales – Universidade Federal de
São Paulo, SP
João Frayze-Pereira – Universidade de São Paulo, SP
Mariluce Moura – revista *Pesquisa Fapesp*, SP
Marisa Müller – Pontifícia Universidade Católica, RS
Paulo Vaz de Arruda – Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo, SP

Capa: Ana Gabriela Barth
São Paulo, 2018
Junguiana

A revista *Junguiana* tem por objetivo publicar trabalhos originais que contribuam para o conhecimento da psicologia analítica e ciências afins. Publica artigos de revisão, ensaios, relatos de pesquisas, comunicações, entrevistas, resenhas. Os interessados em colaborar devem seguir as normas de publicação especificadas no final da revista.

A *Junguiana* também está aberta a comentários sobre algum artigo publicado, bastando para isso enviar o texto para o e-mail artigojunguiana@sbpa.org.br.



SOCIEDADE BRASILEIRA
DE PSICOLOGIA ANALÍTICA

SBPA-São Paulo

Presidente André Luiz Saraiva Pinheiro
Diretor Administrativo/Financeiro Luis Fernando Nieri de Toledo Soares
Diretora do Instituto de Formação Jane Eyre Sader de Siqueira
Diretora de Cursos e Eventos Ana Maria Cordeiro
Diretora da Biblioteca Dora Eli Martin Freitas
Diretora da Clínica Vera Lucia Colson Valente
Diretora de Comunicação/Divulgação Luciana Bagatella

São Paulo

Rua Dr. Flaquer, 63 – Paraíso – 04006-010
Telefax: (11) 5575-7296
E-mail: sbpa@sbpa.org.br
Home page: www.sbpa.org.br

SBPA-Rio de Janeiro

Presidente: Maddi Damião Júnior
Administração e Secretaria: Marcelo Fiorillo Bogado
Publicação e Biblioteca: Alexandre Alves Domingues
Cursos e Eventos: Cynthia Pereira Lira
Finanças e Tesouraria: Carla Maria Portella Dias Bezerra
Cursos e Eventos; Ensino: Elizabeth Christina Cotta Mello
Tel.: (21) 2235-7294
E-mail: sbparj@bighost.com.br
Home page: www.sbpa-rj.org.br

Indexação

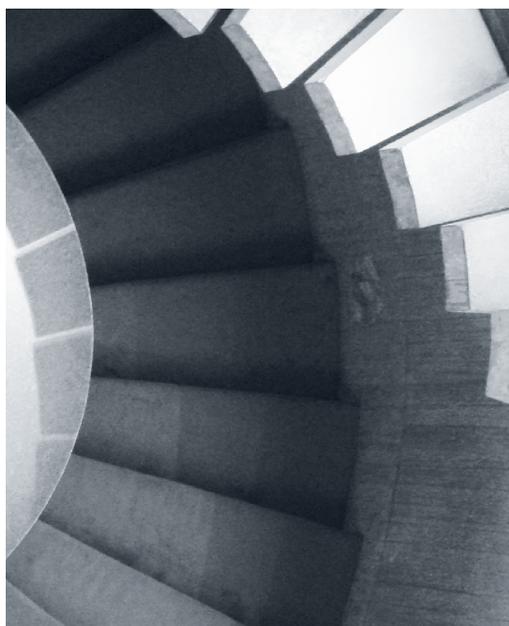
Index Psi Periódicos: www.bvs-psi.org.br
Base de dados Lilacs/Bireme – Literatura Latino-
-Americana e do Caribe da Saúde, da Organização
Pan-Americana da Saúde (Opas) e da Organização
Mundial da Saúde (OMS). www.bireme.br
PePSIC <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?lng=pt>

Editora CABOVERDE

Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira
de Psicologia Analítica – n.1 (1983)
São Paulo: Sociedade, 1983 -
Semestral
ISSN 2595-12971
1. Psicologia – periódicos

CDD 150

Editorial



Além dos 40 anos da SBPA e do registro no *International Standard Serial Number*, a *Junguiana* também comemora ter obtido a classificação B2 na métrica do Qualis; reconhecimento da sua importância na área da psicologia para o público nacional.

Atendendo a pedidos, a partir desta edição, o conselho editorial alterou suas normas, passando a fornecer devolutiva dos textos recusados, esperando, desta forma, produzir maior diálogo com os autores.

O volume 36/2 inicia-se com o artigo “As sete dinâmicas de consciência, a hominização, a inteligência espiritual e o processo de individuação”, que propõe a existência de três novas dinâmicas de consciência, além das quatro atualmente descritas pela Psicologia Analítica. Em “O erro na Psicologia Analítica: sombra ou luz?”, a autora discute em que medida a busca do certo, do modelo ideal, pode impedir o desenvolvimento do movimento intrapsíquico. “Estudo sobre sonhos de pacientes da oncologia pediátrica” coletou sonhos de crianças,

entre 10 e 12 anos a fim de relacionar os elementos e/ou temáticas comuns aos sonhos de crianças nessa tão delicada condição. “A pele que somos e a pele que sentimos” aborda os papéis da pele, do tato e do toque no desenvolvimento e na estruturação da consciência e do que denomina “pele simbólica” ou “pele psíquica”. Finalizamos com duas resenhas: “O banquete da psique” e “Morte e luto – a Psiquiatria sem drogas e as enfermidades míticas no cinema”.

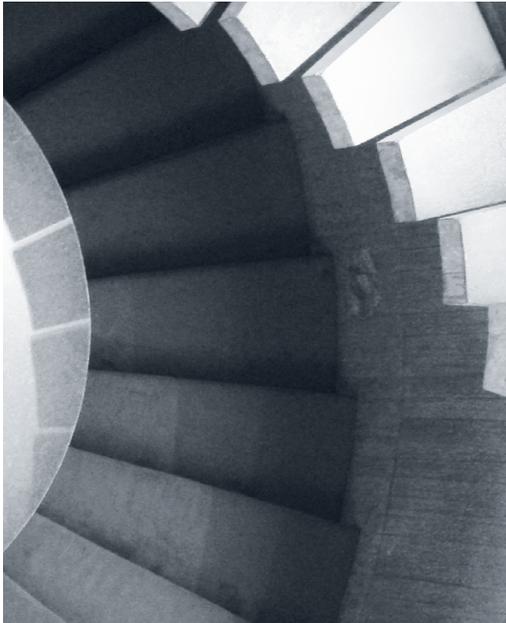
Acreditando na importância da participação da produção brasileira, em Psicologia Analítica, na comunidade internacional, a *Junguiana* volta a ser publicada em português e mais uma língua, que pode ser inglês ou espanhol.

Boa Leitura!

Editores

30 de novembro de 2018

Editorial



In addition to the 40 years of the SBPA and the registration in the International Standard Serial Number, Junguiana also celebrates having obtained B2 classification in Qualis metric; recognition of its importance in the field of psychology for the national public.

In response to requests, as of this edition, the editorial board changed its norms, returning to provide the rejected texts, hoping in this way to produce greater dialogue with the authors.

Volume 36/2 begins with the article “The seven dynamics of consciousness, hominization, spiritual intelligence and the process of individuation” which proposes the existence of three new dynamics of consciousness, in addition to the four currently described by Analytic Psychology. In “The error in Analytical Psychology: shadow or light?” the author discusses to what extent the pursuit of the right, of the ideal model, can impede the development of the intrapsychic movement. “Dreams study of pediatric oncology patients” collected dreams of children aged 10 to 12 years in order to relate the common

elements and/or themes to the dreams of children in this delicate condition. “The skin we are and the skin we feel” addresses the roles of skin, touch and touch in the development and structuring of consciousness and what it calls “symbolic skin” or “psychic skin.” We conclude with two reviews: “The banquet of the psyche” and “Death and mourning – Psychiatry without drugs and mythical illnesses in the cinema.”

Believing in the importance of the participation of Brazilian production, in Analytical Psychology, in the international community, Junguiana is again published in Portuguese and one more language, which may be English or Spanish.

Good reading!
Editores
30 de novembro de 2018

Sumário

Contents

- Las siete dinámicas de la conciencia,
la hominización, la inteligencia espiritual
y el proceso de individuación
- 7** As sete dinâmicas de consciência,
a hominização, a inteligência
espiritual e o processo
de individuação
Maria Zelia de Alvarenga
- As sete dinâmicas de consciência,
a hominização, a inteligência espiritual e
o processo de individuação
- 23** Las siete dinámicas de la
conciencia, la hominización,
la inteligencia espiritual y el proceso
de individuación
Maria Zelia de Alvarenga
- Error in analytical psychology:
shadow or light?
- 39** O erro na psicologia analítica:
sombra ou luz?
Aurea Afonso M. Caetano
- O erro na psicologia analítica:
sombra ou luz?
- 47** Error in analytical psychology:
shadow or light?
Áurea Afonso Caetano
- Study on pediatric oncology
patients' dreams
- 55** Estudo sobre sonhos de pacientes da
oncologia pediátrica
Gabriela Perna de Mendonça e Ivelise Fortim
- Estudo sobre sonhos de pacientes da
oncologia pediátrica
- 67** Study on pediatric oncology
patients' dreams
Gabriela Perna de Mendonça e Ivelise Fortim
- The skin we are, the skin we feel
Skin – symbol – consciousness
- 77** A pele que somos e a pele que
sentimos Pele – símbolo – consciência
Iara Galiás Yoshinaga e Iraci Galiás

- A pele que somos e a pele que sentimos
Pele – símbolo – consciência
- 89** The skin we are, the skin we feel
Skin – symbol – consciousness
Iara Galiás Yoshinaga e Iraci Galiás
- Review
“O Banquete de Psique”
- 99** Resenha
O Banquete de Psique
Victor Palomo
- Review
“Morte e Luto – A Psiquiatria sem Drogas
e as Enfermidades Míticas no Cinema”
- 101** Resenha
Morte e Luto – A Psiquiatria sem
Drogas e as Enfermidades Míticas
no Cinema
Sylvia Mello Silva Baptista
- Guidelines for publishing
- 103** Normas

As sete dinâmicas de consciência, a hominização, a inteligência espiritual e o processo de individuação

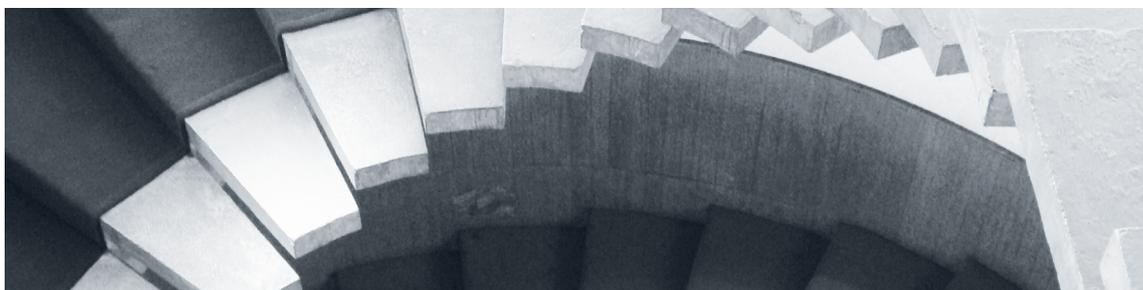
Maria Zelia de Alvarenga*

Resumo

Este artigo propõe a existência de sete dinâmicas de consciência, e não somente as quatro atualmente descritas pela Psicologia Analítica. A par da proposição de sete dinâmicas, teço comentários sobre a inteligência espiritual e sobre o processo de hominização, dados esses que concorreram para a proposição das sete dinâmicas de Consciência. Alguns dados aqui presentes foram apresentados no VIII Congresso Latino Americano de Psicologia Analítica – julho de 2018, em Bogotá-Colômbia sob o nome de "As sete Dinâmicas de Consciência". O texto atual foi acrescido de descrições pormenorizadas das novas dinâmicas propostas como componentes do elenco de dinâmicas de consciência

regentes da personalidade humana, a par de tecer comentários sobre aspectos da sétima dinâmica que passo a nominar como da Compreensão Universal. As dinâmicas elencadas são: da Origem ou Urobórica, sob a regência do arquétipo da *Natureza Divina*; do Feminino ou da Grande Mãe, sob a regência do arquétipo da *Deusa Mãe*; do Masculino ou do Pai, sob a regência do arquétipo do *Deus Pai*; do Encontro, sob a regência do arquétipo da *Coniunctio*; da Comunicação, sob a regência do arquétipo do *Verbo encarnado*; da Vidência ou Antevisão do Futuro, sob a regência do arquétipo da *Profecia*; da Compreensão Universal, sob a regência do arquétipo da *Totalidade*. ■

Palavras-chave
inteligência espiritual,
processo de hominização,
sete dinâmicas de consciência,
processo de individuação.



* Médica pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), 49ª turma. Psiquiatra pela ABP (registro no CRM-SP 12766). Analista Junguiana pela Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA), afiliada à *International Association for Analytical Psychology* (IAAP). E-mail: <mza@boitata.org>

As sete dinâmicas de consciência, a hominização, a inteligência espiritual e o processo de individuação

A alma há de ser atrevida para
poder gerar crescimento
(Rabino Nilton Bonder, A Alma Imoral).

1. A Inteligência Espiritual

A Inteligência Espiritual é um conceito recente, divulgado pelos trabalhos de Zohar e Marshal (2016), bem como de Wigglesworth (2012), e descrito por Zohar e Marshal (2016, p.19) "como uma capacidade de bem escolher (e que) presenteia-nos com um senso moral, uma capacidade de amenizar normas rígidas com compreensão e compaixão". Essa competência explicita-se pela disponibilidade de, por opção, assumir a responsabilidade e resolver conflitos cujas demandas não têm um caráter pessoal, mas dizem respeito ao coletivo.

No passado, a inteligência espiritual esteve expressa por grandes avatares como: Buda, Jesus Cristo, Francisco de Assis, Teresa D'Ávila e tantos outros. Nestes últimos tempos, essa competência vem sendo veiculada e exercida por grandes líderes como Gandhi, Martin Luther King, Madre Teresa de Calcutá, Chico Xavier etc., ressoando sincronicamente e de forma sintônica em milhares de pessoas!

O acontecer inteligência espiritual, em sendo decorrência de fenômenos interacionais de campos morfogenéticos (Sheldrake, 2016) ou de intercomunicações, interdependências e interações resultantes do universo coletivo (McTaggart, 2004), transforma as pessoas em seres carismáticos e traduz a maravilhosa realidade de que todos nós que compomos a humanidade, estamos realmente nos tornando **humanos**, a par de constatarmos, como predisse Chardin (1995) em "O Fenômeno Humano", que o processo de evolução de nossa

consciência para atingir o Ômega encontra-se em andamento.

É de Chardin a proposição de que a emergência da consciência se faz presente desde o reino mineral, seguida pelo vegetal e pelo animal, evoluindo como consciência reflexiva somente nas criaturas humanas. Em sua afirmação, a consciência caminha do Alfa para o Ômega.

Neste texto, proponho que a emergência da Inteligência Espiritual, a par de alavancar o processo de individuação, enseja a consciência de que o caminhar para a sua consecução se torna a maior demanda da Vida. Tornarmo-nos humanos implica autoconhecimento, meta do processo de individuação que se concretiza pela *coniunctio de si com o si mesmo* ou do *Eu com o Self*.

A Inteligência Espiritual, ao se expressar numa intensidade maior, como acontece nesses últimos tempos, concorre para que os humanos tomem consciência da importância profunda da demanda pela liberdade de ser, de fazer, de pensar, de querer e, por escolha, assumir a opção de caminhar para o *Self*. Quando realmente os seres se tornam humanos, cada um **de per si quer ser a solução** dos problemas familiares, sociais e/ou da Humanidade.

A inteligência espiritual nos capacita para, por opção, nos ocuparmos do outro e da solução de problemas e conflitos do coletivo, pois nos sabemos e nos sentimos partícipes e componentes da comunidade. Zohar e Marshal (2016, p. 33) descreve a fala de um jovem empresário sueco e sua fantástica declaração de querer ser a solução dos problemas com os quais se depara. Sirvo-me desta informação para traduzi-la como:

"Quando nos tornamos humanos queremos ser a solução e fazer a mudança!".

2. As Sete Dinâmicas de Consciência

Quando me dei conta do fenômeno "inteligência espiritual" e da importância de ele explicitar-se com tanta clareza, neste momento da Terra, fui levada a repensar constatações havidas enquanto escrevia meu último livro: "*Anima/Animus de Todos os Tempos*" (ALVARENGA, 2017), para o qual contei com a colaboração de muitos analistas junguianos, meus amigos. Na época, deparei-me fascinada com a descoberta do texto de D'Ávila, "*As Moradas do Castelo Interior* (1981), escrito em 1577, como guia para o desenvolvimento espiritual através do serviço e da oração, e somente publicado em 1588, após sua morte. Constatei que o texto confirmava minhas proposições de que o processo de individuação traduz a busca e o encontro do autoconhecimento. D'Ávila afirma que a *coniunctio* com Deus, realizada após percorrer seu longo caminho pelas sete moradas do Castelo Interior, redundou em **autoconhecimento**.

Constato que a condição do autoconhecer, a par de conferir aos que o conseguem a inteireza da hominização, concorre para a consciência de que, quanto mais humanos nos tornamos, mais experimentamos a presença de criaturas dissociadas de nós mesmos; essas criaturas, nossas sombras, as mais sombrias, permanecem habitantes em nossa psique, dificultando mais e mais o processo de individuação!

A busca da *coniunctio simbólica com Deus*, fala de D'Ávila, ou o caminhar para o *Self* (demanda maior do processo de individuação, proposto por Jung em toda sua obra), configura, no meu entender, a instauração de uma dinâmica de consciência eminentemente de caráter de Totalidade. O conseguimento, traduzido por essa *coniunctio*, torna a criatura **Una com o Self**.

Quando essa realidade se fizer, não haverá mais Eu-Outro, mas, sim, o Kainos Anthropos, ou seja, o filho do tempo novo, expressão que introduzo para representar a plenitude da hominização, realidade estruturada em nós quando atingirmos a *coniunctio* com Deus e/ou com o Self.

Kainos anthropos é uma expressão grega, e a palavra kainos é usada para designar um "novo na qualidade", isto é, algo que tem uma natureza diferente. No Novo Testamento, kainos anthropos, o "novo homem", descreve a "nova humanidade" criada em Cristo, da qual participam todos os crentes, tanto individual como coletivamente (Holman Treasury of Key Bible Words, de Eugene E. Carpenter e Philip W. Comfort).

Ao nos tornarmos Unos com o Self, nos faremos plenamente humanos, compreendendo o grande paradoxo de que "liberdade implica escolher Deus". Este enigma foi a mim proposto por uma doutora em Filosofia e Teologia, em aulas de religião, quando dos meus primeiros tempos na Faculdade de Medicina. Esse paradoxo custou-me anos de reflexão, análise, dúvidas até constatar que essa realidade somente poderia ser compreendida pelo Self e nunca pelo Ego (ALVARENGA, 2016).

D'Ávila precisou sofrer e elaborar suas tantas tentações e desafios vividos, quando de sua passagem pelos sete níveis ou moradas do Castelo. Ocorreu-me então, que as Dinâmicas de Consciência, até agora propostas pela Psicologia Analítica eram insuficientes para traduzir o processo vivido e sofrido por Teresa D'Ávila, tanto como pelas demais criaturas que o buscassem.

Desde então reflito sobre este fato e conclui que sete são as Dinâmicas de Consciência necessárias para alcançarmos a *coniunctio* com o Self e constatarmos que realmente o processo de individuação se realiza.

Proponho que as sete Dinâmicas de Consciência estejam correlacionadas aos sete Chakras.

As Sete Dinâmicas da Consciência são:

1. da Origem ou Urobórica, sob a regência do arquétipo da Natureza Divina;
2. do Feminino ou da Grande Mãe, sob a regência do arquétipo da Deusa Mãe;
3. do Masculino ou do Pai, sob a regência do arquétipo do Deus Pai;
4. do Encontro, sob a regência do arquétipo da *Coniunctio*;

5. da Comunicação, sob a regência do arquétipo do Verbo encarnado;

6. da Vidência ou Antevisão do Futuro, sob a regência do arquétipo da Profecia;

7. da Compreensão Universal, sob a regência do arquétipo da Totalidade.

3. Descrição das sete dinâmicas de consciência

3a. A primeira Dinâmica, da Origem ou Urobórica, vivida e atualizada nos tempos de vida intrauterina, está correlacionada ao chakra básico (Muladhara), condizente com os primeiros tempos de vida da criatura que se forja, na condição intrauterina, logo após a concepção.

O óvulo fertilizado torna-se ovo ou zigoto, e o fenômeno ocorre na parede da trompa de Falópio para, a seguir, descer para o interior do útero, fixando-se em sua parede mucosa, processo esse denominado nidificação ou nidificação. No zigoto, transformações espetaculares são desencadeadas pois, ao fim de poucos dias, emergem vários mecanismos previamente codificados em sua constituição genética. E, em função da demanda que se estabelece, por processos desconhecidos, a aglomeração celular, denominada mórula, decorrente das divisões do próprio zigoto, em sua fase de segmentação, irá diferenciar-se em várias estruturas que constituirão o futuro embrião e, deste mesmo grupamento celular, irão surgir a bolsa amniótica e a placenta, órgãos responsáveis pela oxigenação, nutrição e proteção do futuro embrião-feto. A primeira fase do desenvolvimento, denominada segmentação, corresponde ao período imediato à fertilização e nidificação da blástula na mucosa uterina. A segunda fase, chamada embrionária, ocorre entre a segunda semana pós fecundação até a nona semana, período ao longo do qual todos os órgãos do corpo serão formados. Durante esta fase, o novo ser é chamado embrião. A terceira fase, a mais prolongada, denominada fase fetal, compreende o tempo que resta até o mo-

mento do nascimento, período de amadurecimento, ao longo do qual os órgãos, já formados na etapa anterior, acabam por adquirir sua estrutura definitiva. Os órgãos, alcançando plena atividade, concorrem para que fatores essenciais possibilitadores de uma vida independente, fora do organismo materno, se completem. Ao longo desta fase, o produto da fertilização é chamado feto (MOORE, 2016).

A dinâmica Urobórica, pertinente ao período intrauterino, durante o qual o milagre da vida acontece, reflete uma complexidade sublime da natureza, expressa por metamorfoses espetaculares, sob a regência de competências inerentes à célula primordial, fonte de possibilidades não inteligíveis, mas profundamente inteligente, direcionada para um propósito único: fazer a Vida acontecer!

E, este embrião forja em poucas semanas, nunca mais que dez, todos os órgãos, pele, músculos, nervos, cérebro, estrutura óssea, desenvolve os sentidos e competências para ouvir, enxergar, saborear, experimentar a temperatura, sentir emoções, movimentar-se e depois sonhar, pensar e "saber". A dinâmica Urobórica, expressão ímpar do *Self*, prepara o ser em gestação para tornar-se, no futuro, consciente se si mesmo e de sua relação com os demais, fazendo-se humano.

A Uroboros, em sendo uma referência à criação do Universo, representa um tempo em que o embrião estrutura todas as suas competências, como também estrutura sua primeira dinâmica de consciência. Esta dinâmica de consciência, de início, confere ao embrião a condição dele "sentir-se" como entidade *Una com o Self*, mas sem ainda "saber-se", em sua condição reflexiva, como criatura ímpar. A consciência Urobórica estrutura-se, pois incorpora-se de atributos decorrentes das transformações embrionárias que forjam dispositivos mnemônicos, com o que o feto passa a saber-se como criatura que experimenta sons, luminosidades, sente. Estes dispositivos mnemônicos darão competência, ao futuro nascituro, para reconhecer a frequência cardíaca da mãe quando

colocado sobre o tórax dela; reconhecer o timbre da voz da mãe e chorar com o mesmo repertório musical da voz materna de tal maneira que a mãe possa reconhecer e saber quando o choro é de fome ou de dor ou de outro desconforto.

Assim, a dinâmica Urobórica, inerência dessa sabedoria intrínseca da natureza do ovo primordial – zigoto, forja-se como fator determinante e fundante de todas as demais dinâmicas de consciência que se apresentarão a posteriori. A dinâmica de consciência Urobórica é a matriz das demais dinâmicas. Ela e o corpo que a gesta, simplesmente, são *Um Só com o Self*. A Dinâmica Urobórica rege a forja da totalidade corpo, tanto físico quanto mental/emocional.

O desenvolvimento do cérebro, conforme pesquisas recentes (Araujo, 2018), prepara o futuro nascituro com competência para fazer vínculo, ou apego, com a mãe ou substituta, sem o que a sobrevivência não aconteceria. O ovo primordial sai da condição concreta e simbólica do *Khaos* grego (fonte de todas as possibilidades) para estruturar-se como um vir a ser humano. Ao assim se fazer, integra em sua natureza a condição de: para tornar-se humano é fundamental ter o outro e, para tanto, é necessário fazer vínculo. A Dinâmica Urobórica retrata a condição do contido e do continente serem *Unos e sua* dependência com o outro, corpo gestante, é total, sem o que a Vida não se consuma. O ser nasce porque alguém o gestou, suportou, fez a Vida acontecer.

Kohler, analista junguiano, salienta a importância crítica do desenvolvimento pré-natal para a estruturação e funcionamento do cérebro e da personalidade. Esse autor acredita que a constelação dos arquétipos e o desenvolvimento dos complexos já ocorrem no embrião e no feto, e busca descrever o impacto do relacionamento entre o embrião e o feto e a mãe e o mundo onde ela está inserida. Baseou suas considerações nas pesquisas neurobiológicas de Huther e Krens a respeito dos mistérios dos primeiros nove meses de vida, a respeito das nossas precoces influências formativas (ARAÚJO, 2018).

Todo o desenvolvimento do ser humano e de suas dinâmicas de consciência implicam a reflexão do quanto cada um de nós precisa do outro para ser, sem o que a Vida não se faz. O ser em gestação "sabe-se" acolhido sem o que nunca desenvolveria competência para acolher o outro em si mesmo, meta do processo de individuação.

A Dinâmica Urobórica pede que o acolhimento aconteça para que o corpo gestante aceite o diferente em si, constatando ser ele, corpo gestante, o receptáculo da sacralidade da existência. Quando o corpo gestante não acolhe o gestado, concorre para o rompimento da unidade original, com o que não haverá possibilidade de manutenção do processo que compõe a Vida do novo ser em gestação.

A dinâmica Urobórica certamente se faz sob a regência de uma condição arquetípica, que proponho seja creditada ao arquétipo da **Natureza divina**, realidade primordial portadora de todas as competências, frutificadoras da Vida e da Morte.

A primeira dinâmica se traduz e se ocupa com a origem e a manutenção da Vida!

3b. A segunda dinâmica, que passo a denominar como do Feminino ou da Deusa Mãe, amplamente estudada pela Psicologia Analítica sob a denominação de Matriarcal, está correlacionada ao chakra da sexualidade (Svādhistāna). A dinâmica do Feminino, sob a regência da Deusa Mãe, retrata a instauração do encontro eu-outro, sem consciência reflexiva de quem é o Eu e de quem é o Outro, com a finalidade precípua de manutenção da espécie; a descoberta dos prazeres decorrentes da sexualidade, a par do estabelecimento dos cuidados com o conceito são inerências dessa dinâmica. A medida que os vários outros se diversificam o Eu se estrutura, a relação deixa de ser de exclusividade, mas sempre na interdependência de um Outro. Na dinâmica da Deusa Mãe, a Vida é sempre soberana.

A segunda dinâmica traduz e se ocupa com manutenção da espécie!

3c. A terceira Dinâmica, denominada do Masculino ou do Deus Pai, previamente denominada como Patriarcal, também já amplamente estudada pela Psicologia Analítica, está correlacionada ao terceiro chakra, o umbilical ou solar (Manipuraka), e representa a expressão dos tempos de conquista de território e da submissão dos conquistados. Nessa dinâmica a discriminação entre o Eu e o Outro se estabelece e os princípios alicerçantes, que regem a relação, compõem o Código, com discriminação do que pode e do que não pode. A relação se faz assimétrica e o exercício do poder se estabelece entre os partícipes, quando então a Ordem é estabelecida. Na terceira dinâmica os cânones do Estado de Direito são estabelecidos e a Vida torna-se soberana somente dentro da tribo ou do clã.

A terceira dinâmica traduz e se ocupa da implantação do Código!

3d. A quarta Dinâmica traduz o Encontro entre as pessoas e implica o estabelecimento de uma relação de paridade entre o Eu e o Outro, segundo o referencial anímico ou fraterno, e do reconhecimento das diferenças entre os pares, bem como dos mesmos direitos prevalentes para todos. Está correlacionada ao quarto chakra, o cardíaco (Anāhata), (previamente descrita por Byington (1983) como de Alteridade e por mim mesma como Dinâmica do Coração (ALVARENGA, 2000). Na quarta dinâmica instaura-se plenamente o processo reflexivo de consciência, com a discriminação do um e do outro como seres diferentes e com direitos inalienáveis. A Vida é soberana dentro da tribo como fora dela.

A quarta dinâmica traduz e se ocupa da consumação da paridade!

3e. A quinta dinâmica é correlacionada ao quinto chakra, laríngeo (Visuddha), chamei da Comunicação ou do Verbo, e é por meio dela que nos tornaremos competentes para falar e ouvir,

compreendendo todos e sendo por todos ouvido e compreendido, talvez de forma independente do idioma de expressão, uma vez que o entendimento e a compreensão se farão muito mais pela sintonia vibratória e harmônica entre os seres. Não será significativo o que se fala, mas sim o que se comunica pela vibração dos sons emitidos e recebidos. A palavra, ou qualquer outro tipo de comunicação passam a ter a competência da cura.

A Comunicação, quando exercida de forma criativa, pedirá fundamentalmente Congruência entre o que se fala e o que se faz, bem como Complacência para com o outro que ainda não atingiu esse patamar de comunicação/compreensão. Quando exercida em sua plenitude maior, não só corresponderá à compreensão do comunicado, mas também a voz do emitente terá competência para vibrar em sintonia com o Outro, criando ressonâncias de apaziguamento.

O dom da fala, atributo da dinâmica da Comunicação, confere ao ser humano um poder assustador, um poder de convencimento, de arrebatador plateias, de despertar no coletivo o senso da justiça, a demanda pelo empoderamento, a convicção da responsabilidade de querer ser a solução e fazer as mudanças necessárias para o coletivo.

O dom da Palavra é uma dádiva quando exercida com discriminação de propósitos que visem o bem-estar geral, se for proferida sobre os alicerces da ética e usada para acordar o herói adormecido. A Palavra promove mudanças que a guerra não conquista, alcança profundezas nos escaninhos da psique que nem a ameaça da morte abala, propõe desafios amedrontadores que a alma aceita com tranquilidade.

No sentido simbólico, o dom da Palavra está explicitado, por exemplo, nos relatos de "As mil e uma Noites", em função da atitude de Sherazade para com o Sultão, bem como da arte maior da heroína em contar histórias (CORDEIRO, 2017).

A palavra é um dom que pode promover ações construtivas como pode demover esperanças de transformação. A palavra acolhe como

destrói, apascenta como instiga a fúria; envolve, enquanto continente, como invade como se fora um estupro, assustadoramente violento, causando feridas incuráveis, ofendendo a dignidade, mobilizando a vergonha.

O dom da fala tem seu caminho mais espinhoso quando se ocupa em **dizer** o que o outro **precisa** ouvir e **o não dizer** o que o outro **gostaria** de ouvir. Este, suponho, seja o maior desafio para os que se exercem como avatares de um tempo novo, que se apresentam como propositores de milagres transformadores a serem realizados ou desafios instigantes a serem vencidos. Então, o dom da fala apresenta-se com a competência mais assustadora para se tornar propensa ao desenvolvimento sombrio.

A pessoa que se exerce pela dinâmica da Comunicação, por seus aspectos sombrios, constata o quanto tem de competência para atrair adeptos e defensores. Como decorrência, tendo suas demandas narcísicas satisfeitas, pela devolutiva dos seguidores, poderá passar a apreçoar soluções de caráter populista em que, como exemplo, os direitos pelo usufruto da dependência monetária, por trabalhos não executados, tornam-se a regra.

Assim, manter-se na integridade de propósitos representa um desafio enlouquecedor, pois a tentação por proveitos escusos se faz presente com muita frequência. O uso abusivo da dinâmica da Comunicação mobiliza (em grande parte) nas pessoas, o que cada um tem de demanda pelo "paraíso perdido", ou seja, de manter-se como um eterno *puer* alimentado pelas regalias de um Estado, ao qual tenha sido atribuído a condição de ser um eterno provedor.

A comunicação também pode carregar-se da intencionalidade de seduzir, envolver, enganar. Quando a palavra do comunicador se encontra povoada de persuasão e convencimentos, certamente precisa do casamento entre a fala emitida com o ouvido que escuta. Mas, para tanto, é necessário que tanto quem fala como quem escuta, estejam ambos povoados pelas demandas de ganhos secundários.

A dinâmica da Comunicação quando exercida segundo o contexto acima descrito, configura comportamento criminoso, ofensivo e injuriante para com o coletivo. O uso abusivo da Palavra perverte a relação e torna o encontro entre as pessoas corrompido. O uso pervertido da dinâmica da Comunicação leva à falência do sistema, das famílias, da sociedade civil e à falência do Estado de Direito.

A comunicação entre as pessoas é um fenômeno tão complexo quanto inédito por ser continente das mais espetaculares criações humanas, quanto das piores aberrações, motivos de brigas, crimes, guerras.

As ideias, quando promulgadas em seu reclamo primordial, traduzem também o anseio da criatura por ser reconhecida como autora da proposição, demandando ser autenticada e qualificada pelo mérito da criação, como também necessitada que o Outro lhe conceda a honorabilidade pelo feito.

De outra parte, a comunicação implica poesia, música, beijos e abraços, toques sutis entre almas que se encontram. É inseminadora e fertilizante, criadora que gera criaturas.

A condição de ouvir o outro, num processo de análise, tem mais a ver, no meu entender, com as vibrações emitidas pelo cliente do que com o realmente verbalizado. Falar e ser entendido, ouvir e compreender, acolher e ser complacente com o outro demandam coerência, generosidade, continência, integridade e ética. Entretanto, o processo analítico pode ser palco de muitas mazelas. Quando o fenômeno do encontro ocorre entre o analista que fala tão somente o que o cliente deseja ouvir, a sombra torna-se constelada. O dom transformador da palavra naufraga na *solutio* que encharca. Cliente e analista se aplaudem e o incesto se faz instaurado.

A dinâmica da Comunicação, a par de sua correlação explícita entre a fala emitida pelo comunicador e o ouvido de quem a ouve, tem ligação direta com os demais órgãos do sentido.

A expressão comunicadora poderá ser dialógica entre a fala que expressa um conteúdo intelectual inedito de descoberta e alcança o ouvido que escuta e se deslumbra, se envaidece, se encanta, se espanta, se comove, se descobre desnudo, se sabe compreendido e tantas outras emoções que as palavras causam. A expressão comunicadora poderá, de outra parte, ser proposta pela música que o Um executa e que o ouvido do Outro ouve e sente despertar em si saudade, tristeza, alegria, medo, reverência, estranhamento, embevecimento, audácia, coragem e tantas outras emoções que as músicas podem causar. Ou a expressão comunicadora poderá ser proposta pelo corpo em movimento, em dança, em êxtase, em súplica, e que atinge o olho que enxerga um pedido para ser tocado, acolhido. Também a expressão comunicadora poderá ser proposta pela pintura, pelo filme, pelas fotos, e que ao povoarem os olhos, preenchem-no de imagens, expressão da beleza ou do terrível. A expressão comunicadora poderá ser proposta pelos perfumes emanados, que impregnando os receptores olfativos do outro, mobilizam memórias agradáveis ou sofridas. Como também a expressão comunicadora poderá ser proposta pelos sabores que trazem de volta momentos da infância, de figuras parentais e suas manifestações de ternura. Ou advir de toques, carícias evocadoras de momentos dramáticos assustadores ou deliciosamente mágicos.

Assim, a comunicação se fará pelos mais diversos canais, mas, inegavelmente, a Palavra é o veículo primeiro que mais atinge, mais convence e seduz, hipnotiza e arrebatava a alma dos que se sentem principalmente abandonados, incompreendidos, mal-amados, levando aos ouvidos de quem ouve algum comando de ordem.

A dinâmica da Comunicação, atributo singularmente desenvolvido pelos seres humanos, confere um poder de comando, como também confere certezas e esperanças de mudança, a par de explicitar as decepções e amarguras

diante do que a criatura tem de mais sórdido, mais degradante e sombrio.

Para ilustrar cito abaixo falas de grandes líderes que marcaram os tempos de glória ou a sensação de derrota:

"I have a dream!" – e todos quantos sonharam um dia com tratamento igualitário, para as mais diferentes cores de pele, regozijaram-se por terem sido sonhados por alguém que falava a língua deles! (frase do discurso de Martin Luther King Jr., proferido em 28 de agosto de 1963, nos degraus do Lincoln Memorial, em Washington DC. https://en.wikipedia.org/wiki/I_Have_a_Dream).

Nós somos as pessoas pelas quais esperávamos. Nós somos a mudança que buscamos (Discurso de Campanha do Presidente Barack Obama, em 2008 [DIONE JUNIOR; REID, 2017]).

De tanto ver triunfar as nulidades; de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra e a ter vergonha de ser honesto (trecho do discurso parlamentar proferido no Senado da República por Rui Barbosa em 1914).

A comunicação é o que melhor expressa o processo de humanização por traduzir em falas (faladas, escritas, poéticas, cifras musicais, imagens, gesticulações) o que a criatura pensa e reflete sobre o refletido, o que tem de ideias e o que com elas constrói, o que sente e como sofre, o que a emociona e se traduz em vibrações epifânicas. Enfim, a comunicação é a marca indelével do ser humano e do como se fazer humano!

Quinta dinâmica expressa e se ocupa com a encarnação do Verbo!

3f. A sexta dinâmica de consciência é correspondente ao sexto chakra, frontal ou do terceiro olho (Ājñā). Chamei de Dinâmica da Vidência ou da Antevisão do Futuro, e nos habilitará para divisarmos as demais dimensões do Universo, além das três dimensões do espaço já conhecidas e descritas.

Buscando na mítica e em seu incontável acervo de respostas às perguntas por nós formuladas, deparamo-nos com relatos aparentemente inacreditáveis, como se eles somente fossem criaturas do imaginário coletivo. Todavia, ao nos ocuparmos da simbologia de seus conteúdos, verdades impensáveis se revelam.

O mântico Tirésias (BRANDÃO, 1992) assim se tornou por conta de ter sido transformado em mulher após matar a serpente fêmea, quando encontrou um casal de ofídios copulando. Viveu, então, plenamente, como fêmea, por sete anos. Num segundo momento, reencontrou outro casal de ofídios em cópula. Intui que, para recobrar sua condição primeira, precisaria matar o macho. E assim o fez, tornando-se novamente um homem. Num terceiro tempo, Zeus e Hera, entretidos em discussão interminável sobre quem promoveria maiores prazeres ao parceiro, nos encontros sexuais, e sem possibilidades de comporem um acordo, decidiram convocar Tirésias para que ele lhes desse um veredicto sobre essas questões prazerosas, por ter sido mulher, como por ser homem. O futuro mântico, após ouvir a descrição do impasse entre o casal olímpico, respondeu-lhes que se o prazer fosse medido de um a dez, o macho promoveria nove medidas de prazer à mulher e a mulher promoveria uma medida de prazer ao macho.

Hera, incontinente, diante da descomunal ofensa causada por Tirésias às fêmeas, como que as qualificando de incompetentes para darem prazer aos parceiros, cegou-o como castigo por sua ignorância e estupidez.

Sabemos que as benesses ou os castigos infligidos às personagens, por uma divindade, não podem ser retiradas ou negadas por outro divino e nem mesmo por quem as impôs. Zeus,

condoído com a condição de Tirésias, deu-lhe o dom da mântica, com o que o transformou em um cego vidente.

Fui levada a pensar, já há alguns anos (ALVARENGA, 2014), que os supostos castigos impostos, aos humanos pelos divinos são, em última instância, uma nova oportunidade no trilhar o processo de individuação.

Hera, estrutura primordial da psique, denuncia a cegueira de Tirésias por não ter constatado, enquanto mulher, o quanto de prazer recebera, bem como o quanto promovera de satisfação ao parceiro (ALVARENGA, 2011a). Tirésias viveu como mulher, mas não incorporara em si a sabedoria decorrente da vivência explícita do feminino. Precisaria, portanto, descobrir a verdade numa condição viável somente pela reflexão introspectiva; nada do mundo visível deveria impedi-lo. Assim, o aparente castigo era uma dádiva, pois Zeus deu-lhe, como prêmio, a possibilidade da antevisão do futuro, ou seja, a vidência.

Tirésias explicita sua dotação pelos alertas dados aos seus consulentes, propondo a possibilidade de existirem mais de um futuro possível. Assim, o mântico responde a Liríope sobre seu filho Narciso: "*ele viverá se não se vir*", ou a Tétis sobre o futuro de Aquiles: "*ele viverá por muitos anos se mantiver-se como um simples camponês ou longe das batalhas*" (BRANDÃO, 1992).

Muitos são os outros exemplos da atuação de magos, videntes e falas oraculares quanto a possíveis diferentes futuros que mudariam os destinos trágicos.

A mensagem primorosa do relato mítico reside na proposição da existência de diferentes possibilidades de um vir a ser, que depende de escolhas feitas em momentos cruciais nos quais se deixa a condição de um porvir provável para um diferente futuro possível.

Momentos cruciais traduzem-se, na realidade de todos nós, como desafios nos quais o risco de vida (de si mesmo, do filho, do amado) é iminente, seja por conta de processos físicos ou psíquicos; ou por condições de perdas catastróficas com vivências de extrema solidão e desamparo;

ou por realidades invasivas com perda de autonomia e liberdade; ou quando o outro de nós é roubado, sequestrado, abusado...

Momentos cruciais mobilizam angústias, ativam feridas da alma, desencadeiam medos antigos, desorganizam a vida e pedem soluções imediatas. Todavia, esses momentos também despertam a fé e demandas por constrição, bem como evocam memórias de nossos ancestrais crentes no poder das orações.

E, eis que os "milagres" acontecem, trazendo-nos a certeza de que as transformações quanto a diferentes futuros possíveis despertam como realidades, talvez, nunca dantes cogitadas pela consciência. A física quântica afirma que diferentes futuros possíveis aguardam por serem despertados no momento presente em que os desejarmos (BRADEN, 2017) expressando a realidade do novo ser nascituro no qual nos tornaremos! Já somos então o futuro possível e distanciados nos sentimos do futuro provável que seríamos.

Interessante atentar para o quanto de reclamações emergem no seio de uma dinâmica familiar quando um de seus componentes, em processo de análise, apresentando as modificações decorrentes de suas epifanias analíticas, ouve: "Você está muito diferente! Já não é mais o mesmo! Que aconteceu consigo? Parece que não o reconheço!".

E, então, quando se atenta para memórias passadas, que são, na realidade, muito recentes, as pessoas se sentem tão distantes do que foram, por diferentes se sentirem, assustadas com o que faziam, consentiam ou deixavam passar, sem contestações.

Quer me parecer que o processo de individualização é uma demanda imperiosa pela instauração de um futuro possível diferente do provável, futuro esse adormecido nos escaninhos da psique e que aguarda a emergência da revelação!

Ao atualizarmos a sexta dinâmica de consciência em nosso processo existencial tornamo-nos videntes (ALVARENGA, 2018),

permeados por um padrão de inteligência espiritual que nos faz cada vez "mais humanos", seja por incitar-nos a ser a solução dos conflitos, como a nos compelir para realizar as mudanças!

A sexta dinâmica de consciência, como todas as demais, em sendo uma condição arquetípica, sofre com os percalços da sombra. "Videntes" são consultados por pessoas que buscam respostas para seus conflitos e demandas, como também são consultados pelos buscadores de benesses eleitoreiras. Todavia, nenhum consulente pergunta sobre o que precisa fazer para não mais ser o conflito ou que plano de ação deverá compor e executar para tornar-se merecedor do futuro ensejado.

A dinâmica da Vidência e sua competência para divisar possíveis diferentes futuros está intimamente ligada ao poder da prece e sob a regência do "efeito Isaias", que propõe como oração mais poderosa aquela que mentaliza um futuro diferente do provável e que já é realidade, pois, despertado se fez pelo desejo inquebrantável da fé. Todavia, para alcançarmos um futuro diferente do provável, precisaremos ser numa nova Ética instituída e fundamentada, no meu entender, em quatro princípios, quais sejam: no Fogo da mais profunda consciência reflexiva que nos intima a refletir sobre assumir a responsabilidade por tudo quanto nos cerca, pois tudo tem a ver conosco; na Tecknè mais inventiva que somos e temos para mudar nosso momento histórico; na Dikè como consciência plena do senso de Justiça para todos e com todos; e, finalmente na virtude plena da Aidós que nos conduz para realizarmos e fazermos o que somos de melhor para o outro, quem quer que ele seja e para o bem comum (ALVARENGA, 2011b).

Assim sendo, próximos estaremos da sétima morada, da sétima dinâmica de consciência e lá nos aguarda a cerimonia ritualística da *coniunctio* com a divindade, segundo pressuposto de D'Ávila (1981), ou a cerimônia ritualística da *coniunctio* com o Self, segundo as proposições

de Jung, com o que o autoconhecimento se faz, meta maior do processo de individuação.

A competência para transitarmos por entre essas dimensões será realidade a se alcançar. Tanto a quinta Dinâmica como a sexta conferem a quem as conquistam um poder fabuloso que dificulta, em muito, o confronto com a Sombra e representa uma defesa de acomodação, pela retomada do exercício do poder por elas conferido. A própria D'Ávila relata em seu texto (1981) as dificuldades crescentes que a alma experimenta à medida que avança pelas moradas do castelo. Essas duas dinâmicas representam grandes dificuldades no sentido do conseguimento do processo de individuação.

Há que lembrar não terem as diferentes dinâmicas um caráter sequencial, pois podem ocorrer, tanto a quinta como a sexta, numa condição eventual, expressando momentos de sabedoria não inteligíveis para quem as enuncia. A fixação defensiva em qualquer uma delas é possível, e pode impedir o caminhar para o *Self*.

Vidência implica antevisão de futuro e configura a melhor e a maior oportunidade para divirmos o caminho para a individuação

A sexta dinâmica expressa e se ocupa da antevisão do futuro!

3g. A sétima Dinâmica de Consciência, realmente de caráter Cósmico ou de Totalidade, (denominação anterior usada por Byington (1983) para nominar a atual quarta Dinâmica), corresponde ao sétimo chakra, coronário (Sahasrāra), e representa a condição plena da conquista do processo de individuação. Proponho que seja chamada de dinâmica da Compreensão Universal. Ela confere a consciência plena de sermos unos com o Outro e responsáveis para que o Outro também alcance essa plenitude.

A sétima dinâmica expressa e se ocupa da coniunctio com a Totalidade!

Desafios a serem confrontados nas sete dinâmicas de consciência?

A conquista do processo de individuação e o alcançar o autoconhecimento, como decorrências da *coniunctio* com a Totalidade, implicam saber-se Uno com o Todo, e serão conseguidos após a superação dos desafios dessas várias Dinâmicas.

Os desafios a serem superados, tanto os já relatados quanto os por relatar, referem-se às ofensas ou crimes cometidos segundo os referenciais respectivos dessas dinâmicas e de como nos conduzimos diante deles. Assim:

4a. O crime, ofensa, injúria, quando cometidos sob a vigência da Dinâmica Urobórica, pedem que o **Acolhimento** aconteça para que o corpo gestante aceite o diferente em si, constatando ser ele, corpo gestante, o receptáculo da sacralidade da Existência, sem o que a Vida corre perigo. Quando o corpo gestante não acolhe o gestado, concorre para o rompimento da unidade original, sem o que não haverá possibilidade de manutenção do processo que compõe o novo Ser.

4b. O crime, ofensa, injúria, quando cometidos sob a vigência da Dinâmica Matriarcal, pedem **Vingança** contra o ofensor ou seus familiares. E, assim se dará, pois, essa dinâmica, sob a vigência das Fúrias, *deusas da vingança do sangue parental derramado*, exige sempre ser a morte paga com a morte, pois a Vida é soberana.

4c. O crime, ofensa, injúria, quando cometidos sob a vigência da Dinâmica Patriarcal, pede Justiça contra o ofensor, a qual será exercida pelo Estado de Direito estabelecido pelos cânones dos Códigos Morais da comunidade.

4d. A relação simbólica estabelecida pela quarta dinâmica será sempre de lealdade e fidelidade com o outro. Dessa forma, crime nessa dinâmica configura traição a esse binômio que compõe a relação simétrica entre o um e o outro, diferentes entre si. O crime, ofensa, injúria, quando cometidos sob a vigência da Dinâmica do Encontro, pedem ao ofensor **Reconhecimento**

pela ação praticada e assumir a **Responsabilidade** pelo ato cometido. A condição de reconhecer e confessar a ação, assumindo a responsabilidade pela mesma, reclama por um caráter público. Faz-se realidade como decorrência do diálogo estabelecido entre o réu e o ofendido ou entre o réu e o parente mais próximo da vítima. O reconhecimento público pela responsabilidade do cometimento da injúria contra o ofendido apazigua o psiquismo da vítima e/ou do familiar. Essa condição de reconhecimento e responsabilidade não exclui o exercício da Justiça pelo foro do Estado. Todavia esse exercício somente deverá se fazer desde que haja anuência entre os pares envolvidos, ou seja, entre vítima e feitor. Há de se convir, todavia, que as demandas da vingança estarão sempre presentes na psique, porém nem sempre de forma explícita. Fundamental se faz o estabelecimento da consciência de ser a demanda de vingança uma realidade primordial arquetípica, presente em todos os seres humanos. E, essa consciência é fundamental para que ela não seja exercida pela sombra (ALVARENGA, 2012). Assim, quando um crime for cometido contra a vítima (ou seus familiares e agregados) sob a vigência da Dinâmica do Coração, Dinâmica de Alteridade, o que se propõe e se pede é o exercício do **Perdão**.

A condição de nos exercermos pelo perdão nos atos de injúria implica uma relação entre ofensor e o ofendido, na qual o reconhecimento e a responsabilidade já se estabeleceram. O perdão, quando bem exercido é um fenômeno que decorre de uma certeza oriunda das profundezas do ser. O perdão não é uma atitude egoica, mas do *Self* e reclama por reciprocidade entre o ofensor e o ofendido, entre o ofendido e o ofensor.

O exercício do perdão, restaurativo das relações, condição histórica proposta por Nelson Mandela na promoção de uma política de reconciliação nacional na África do Sul, decorre do pressuposto filosófico do exercício do *Ubuntu*. Mas, mais que tudo, o exercício do perdão implica saber-se **uno com a comunidade**.

Ubuntu é uma filosofia africana cujo significado se refere à humanidade com os outros. É um conceito amplo sobre a essência do ser humano e a forma como se comporta em sociedade. Para os africanos, *Ubuntu* é a capacidade humana de compreender, aceitar e tratar bem o outro, ideia semelhante à de amor ao próximo. *Ubuntu* significa generosidade, solidariedade, compaixão com os necessitados, e o desejo sincero de felicidade e harmonia entre os homens (https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_filosofia).

4e. O crime, ofensa, injúria, quando cometidos sob a vigência da dinâmica da Comunicação, pedem **Congruência** entre o que se fala e o que se faz e **Complacência** para com o outro. A condição de ouvir num processo de análise tem mais a ver com as vibrações emitidas pelo cliente do que com o realmente verbalizado. Falar e ser entendido, ouvir e compreender e ser complacente com o outro, demanda: coerência, generosidade, acolhimento, integridade e ética. O dom da fala, entre o dizer o que o outro **precisa** ouvir e o dizer o que o outro **gostaria** de ouvir, representa uma competência assustadoramente propensa ao desenvolvimento sombrio. Quanto mais nos aproximamos da sétima dinâmica mais seremos tentados a abandonar o caminho que conduz ao *Self*! De outra parte, a Dinâmica da Comunicação, quando exercida em sua plenitude maior, não só corresponderá à compreensão do comunicado, mas também a voz terá competência de vibrar em sintonia com o Outro, criando ressonâncias de cura

4f. O crime, ofensa, injúria, quando cometidos sob a vigência da Dinâmica da Visão e/ou da Vidência, pedem **Temperança** para consigo mesmo no sentido de não titubear diante das demandas do *Self*, tendo determinação contínua e constante para não se perder da meta maior. A Dinâmica da Vidência enseja a possibilidade de antever diferentes futuros possíveis, ampliando sobejamente a compreensão das variantes do processo de individuação a ser atualizado.

4g. O crime, quando cometido sob a vigência da **Dinâmica da Compreensão Universal**, implica, ao sujeito conhecedor do crime, saber-se como

kainos Anthropos. O maior crime dessa dinâmica será trair o processo de individuação, negando-se a caminhar, por escolha, para a *Totalidade*. Quando uma injúria é praticada por qualquer um e o sujeito toma conhecimento do fato, ele (sujeito) torna-se parte do processo e, para tanto, responsável pelo cometimento da injúria. A consciência de ser responsável pela injúria cometida o faz partícipe do processo uma vez que o sujeito e o Universo são Unos. Assim, a necessidade de restaurar a harmonia se apresenta e, para tanto, necessário se faz que o sujeito, também responsável, na condição de partícipe do crime cometido, renda-se ao *Self*, e possa perdoar-se a si mesmo bem como ao outro, amando-se a si mesmo e ao outro, apesar do cometimento da injúria e, purificando-se da desarmonia que o avassala, concorrendo para que a harmonia no outro se (re)instaure. Purificar-se implica cuidar do outro em si mesmo. Dessa forma, quando um crime for cometido nessa dinâmica, o que se pede é ter e ser **Amor**, Amor pelo outro e por si mesmo (proposição inspirada pelo Ho'oponopono).

Há de se convir que, quando estivermos sob a vigência plena da Dinâmica do Encontro, com seus pressupostos de Reconhecimento da ação e Responsabilidade pelo ato cometido, nos exercendo pela consigna do Perdão, trabalhando por um bem maior; e, quando estivermos sob a vigência da dinâmica da Comunicação ou do Verbo tendo congruência entre o que fala e o que faz, sendo complacente com o outro; e, quando nos mantivermos diligentemente na atividade de trabalho e determinação para não nos perdermos da meta maior, então alcançaremos a Dinâmica da Compreensão Universal. Ao alcançá-la, cientes de seus pressupostos de reconhecer-se e saber-se responsável pela injúria cometida por quem quer que seja, e por nos sabermos e nos tornarmos *Unos com a Totalidade*, nos exercendo pelo Amor ao Outro, vibrando e mentalizando o restabelecimento da harmonia, os fenômenos de guerra, fome, violência, conquista do poder e tantas outras aberrações cometidas pelos desvarios de nossa condição primordial, arquetípica, não humanizada, terão realmente findado!

Alcançar a plenitude da Dinâmica da Compreensão Universal nos tornará totalmente humanos, desapegados das posses, por nos sabermos percebíveis, cônscios de que viemos da Terra e a ela retornaremos. A transcendência tão desejada de sermos na Unidade não significa ultrapassar a humanidade. Transcender será superar nossa condição arquetípica primordial para nos tornarmos a plenitude da condição humana, alcançando a inteireza do ser, sem as cisões e desvarios, sem as intempestividades de Posídon, sem as demandas de vinganças das Fúrias; sem a rigidez de Apolo e a astúcia artilosa de Hermes; sem a ânsia de poder dos "Zeuses", que se intitulam divinos, sem a sede guerreira das Atenás e dos Ares e sem tantas outras condutas arquetípicas que nos compõem.

A proposição de sete dinâmicas de consciência para compor, em caráter pleno, a consecução do processo de individuação, configura, para mim, uma demanda imperiosa de certezas e convicções de que o fenômeno do autoconhecimento se realiza em função dos caminhos necessários a serem percorridos por estas etapas do desenvolvimento. A busca do autoconhecimento implica ocuparmo-nos contínua e constantemente de nossas mazelas e purificarmo-nos em função dos cuidados prestados ao outro em nós.

Quando Moisés convocou o povo judeu para sair do Egito, onde se mantinha na condição de escravo, e caminhar para o encontro com Deus, buscando pela terra prometida, o fenômeno tornou-se conhecido como "*Exodus*", ou seja, deixar o lugar estreito onde não se cabia mais¹.

Estamos realizando um novo *Exodus* quando caminhamos para a Dinâmica Universal, inspirados pela condição precípua do Amor e da aceitação plena do outro, quem quer que ele seja, sem condenações. Aceitar o outro sem avaliações condenatórias implica acolhermo-nos por inteiro. A realização deste novo *Exodus* significa nos tornarmos livres. ■

Recebido em 30/08/2018 Revisão em 12/12/2018

¹ Aula do Rabino Nilton Bonder realizada no Centro de Cultura Judaica, em 2010.

Abstract

The seven dynamics of consciousness, hominization, spiritual intelligence and the individual process

This article proposes the existence of seven dynamics of consciousness, and not only the four currently described by Analytical Psychology. Along with the proposition of seven dynamics, I comment on spiritual intelligence and the process of hominization, data that contributed to the proposition of the seven dynamics of Consciousness. Some data presented here were presented at the VIII Latin American Congress of Analytical Psychology - July 2018, in Bogota-Colombia under the name of "The Seven Dynamics of Consciousness". The present text has been supplemented by detailed descriptions of the new dynamics proposed as components of the list of regent consciousness dynamics of the human per-

sonality, as well as commentaries on aspects of the seventh dynamism which I shall now call Universal Understanding. The dynamics listed are: Origin or Uroboric, under the regency of the archetype of the Divine Nature; of the Feminine or of the Great Mother, under the regency of the archetype of the Mother Goddess; of the Masculine or of the Father, under the rule of the archetype of the Father God; of the Meeting, under the regency of the Coniunctio archetype; of the Communication, under the rule of the archetype of the Incarnate Word; of the Seer or Prevision of the Future, under the rule of the archetype of Prophecy; of Universal Understanding, under the regency of the archetype of Wholeness. ■

Keywords: spiritual intelligence, process of hominization, seven dynamics of consciousness, process of individuation.

Resumen

Las siete dinámicas de conciencia, la hominización, la inteligencia espiritual y el proceso de individuación

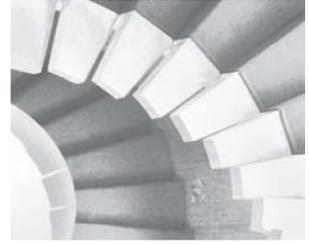
Este artículo propone la existencia de siete dinámicas de conciencia, y no sólo las cuatro actualmente descritas por la Psicología Analítica. A la par de la proposición de siete dinámicas, hago comentarios sobre la inteligencia espiritual y sobre el proceso de hominización, dados éstos que concurrieron a la proposición de las siete dinámicas de Conciencia. Algunos datos aquí presentes fueron presentados en el VIII Congreso Latinoamericano de Psicología Analítica – julio de 2018, en Bogotá-Colombia bajo el nombre de "Las siete Dinámicas de Conciencia". El texto actual se ha añadido a descripciones detalladas de las nuevas dinámicas propuestas como componentes del elenco de dinámicas de conciencia re-

gentes de la personalidad humana, a la par de tejer comentarios sobre aspectos de la séptima dinámica que paso a nominar como de la Comprensión Universal. Las dinámicas enumeradas son: del Origen o Urobórica, bajo la regencia del arquetipo de la Naturaleza Divina; de lo Femenino o de la Gran Madre, bajo la regencia del arquetipo de la Diosa Madre; de lo Masculino o del Padre, bajo la regencia del arquetipo del Dios Padre; del Encuentro, bajo la regencia del arquetipo de la Coniúntio; de la Comunicación, bajo la regencia del arquetipo del Verbo encarnado; de la Videncia o Antevisión del Futuro, bajo la regencia del arquetipo de la Profecía; de la Comprensión Universal, bajo la regencia del arquetipo de la Totalidad. ■

Palabras clave: inteligencia espiritual, proceso de hominización, siete dinámicas de conciencia, proceso de individuación.

Referências

- ALVARENGA, M. Z. (org.). *Anima-animus de todos os tempos*. São Paulo: Escuta, 2017.
- ALVARENGA, M. Z. *Os Deuses castigam? Mitologia e psicopatologia simbólica*. eBook Kindle. 2016.
- ALVARENGA, M. Z. A dinâmica do coração: do herói dever, heroína-acolhimento para o herói-heroína-amante-amado. *Junguiana*, São Paulo, n. 18, p. 133-52, 2000.
- ALVARENGA, M. Z. A vida na coniunctio Zeus-Her: a morte na separatio Eco-Narciso. *Junguiana*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 129-6, nov. 2011a.
- ALVARENGA, M. Z. As sete dinâmicas de consciência: a hominização, inteligência espiritual e o processo de individuação. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE PSICOLOGIA ANALÍTICA, 8., 2018, Bogotá Colômbia, 2018. *Anais...* São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 2018.
- ALVARENGA, M. Z. O encontro de Prometeu, Hércules e Quiron: a morte e o morrer, ritos de passagem. *Junguiana*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 58-65, jun. 2011b.
- ALVARENGA, M. Z. O primeiro tribunal de júri. *Junguiana*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 129-35, jul.-dez. 2012.
- ALVARENGA, M. Z. *Por que os deuses castigam?* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- ARAUJO, C. A. Arquétipos e complexos: vida pré-natal e primeiríssima infância. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE PSICOLOGIA ANALÍTICA, 8., 2018, Bogotá Colômbia, 2018. *Anais...* São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 2018.
- BONDER, N. *A alma imoral*. Rio de Janeiro: ROCCO; 1998.
- BRADEN, G. O efeito Isaías: decodificando a ciência perdida da prece e da profecia. São Paulo: Cultrix, 2017.
- BRANDÃO, J. S. *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1992. Vol. 2.
- BYINGTON, C. A. B. O desenvolvimento simbólico da personalidade: os quatro ciclos arquetípicos. *Junguiana*, São Paulo, v. 1, p. 8-63, 1983.
- CHARDIN, P. T. *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CORDEIRO, A. M. A fala encantada da alma, Sharazade e o Sultão. In: ALVARENGA, M. Z. (org.). *Anima-animus de todos os tempos*. São Paulo: Escuta, 2017. p. 86-93.
- D'ÁVILA, S. T. *As moradas do castelo interior*. São Paulo: Paulus, 1981.
- DIONNE JUNIOR, E. J.; REID, J.-A. *Nós somos a mudança que buscamos: discursos de Barack Obama*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.
- DISCURSO de Rui Barbosa no Senado em 1914. Disponível em: <<http://fabioibrahim.blogspot.com.br/2012/10/discorso-de-rui-barbosa-no-senado-em-1914.html>>. Acesso em: 26 jan. 2017.
- INTERNATIONAL STANDARD BIBLE ENCYCLOPEDIA ONLINE. Man; Disponível em: <<http://www.internationalstandardbible.com/M/man-new.html>>. Acesso em: jan. 2017.
- McTAGGART, L. *O campo: em busca da força secreta do Universo*. São Paulo: Roco, 2004.
- MOORE, K. *Embriologia clínica*. São Paulo: Elsevier, 2016.
- MURRAY, L.; ANDREWS, L. *The social baby*. Richmond: The Children's Project, 007.
- SHELDRAKE, R. *Ressonância mórfica & a presença do passado*. São Paulo: Instituto Piaget, 2016.
- WIGGLESWORTH, C. *Las 21 aptitudes de la inteligencia espiritual: un paso más allá de la inteligencia emocional*. (Spanish Edition) (Locais do Kindle 3756). México: Penguin Random House, 2012.
- WIKIPEDIA. Ubuntu (filosofia). Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_(filosofia))>. Acesso em: 20 jul. 2016.
- ZOHAR, D., MARSHALL, I. *A inteligência espiritual*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.



Las siete dinámicas de la conciencia, la hominización, la inteligencia espiritual y el proceso de individuación

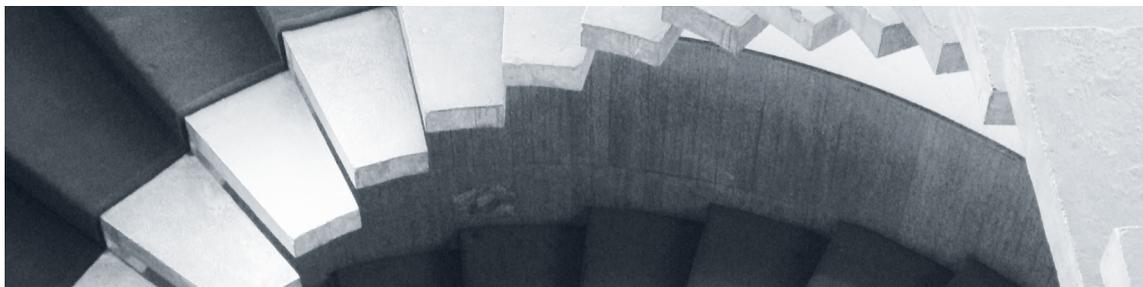
Maria Zelia de Alvarenga*

Resumen

Este artículo propone la existencia de siete dinámicas de conciencia, y no sólo las cuatro actualmente descritas por la Psicología Analítica. A la par de la proposición de siete dinámicas, hago comentarios sobre la inteligencia espiritual y sobre el proceso de hominización, dados éstos que concurrieron a la proposición de las siete dinámicas de Conciencia. Algunos datos aquí presentes fueron presentados en el VIII Congreso Latinoamericano de Psicología Analítica – julio de 2018, en Bogotá-Colombia bajo el nombre de “Las siete Dinámicas de Conciencia”. El texto actual se ha añadido a descripciones detalladas de las nuevas dinámicas propuestas como componentes del elenco de dinámicas de conciencia regentes de la

personalidad humana, a la par de tejer comentarios sobre aspectos de la séptima dinámica que paso a nominar como de la Comprensión Universal. Las dinámicas enumeradas son: del Origen o Urobórica, bajo la regencia del arquetipo de la *Naturaleza Divina*; de lo Femenino o de la Gran Madre, bajo la regencia del arquetipo de la *Diosa Madre*; de lo Masculino o del Padre, bajo la regencia del arquetipo del *Dios Padre*; del Encuentro, bajo la regencia del arquetipo de la *Coniúntio*; de la Comunicación, bajo la regencia del arquetipo del *Verbo encarnado*; de la Videncia o Antevisión del Futuro, bajo la regencia del arquetipo de la *Profecía*; de la Comprensión Universal, bajo la regencia del arquetipo de la *Totalidad*. ■

Palabras clave
inteligencia
espiritual,
proceso de
hominización,
siete dinámicas
de conciencia,
proceso de
individuación.



* Médica por FMUSP, clase 49ª. Psiquiatra por ABP, registro en CRM-SP 12766. Analista Junguiana por La Sociedad Brasileña de Psicología Analítica (SBPA), filiada a la International Association for Analytical Psychology (IAAP). E-mail: <emza@boitata.org>

Las siete dinámicas de conciencia, la hominización, la inteligencia espiritual y el proceso de individuación

El alma debe atreverse para poder generar crecimiento
(Rabino Nilton Bonder, El Alma Inmortal).

1. La Inteligencia Espiritual

La Inteligencia Espiritual es un concepto reciente, divulgado por los trabajos de Zohar e Marshal (2016), ascomo de Wigglesworth (2012). Descrito por Zohar e Marshal (2016, p.19) "como una capacidad de elegir bien (y que) nos brinda con un sentido moral, una capacidad de amenizar normas estrictas con comprensión y compasión". Esa capacidad se explicita por la disponibilidad para asumir la responsabilidad y solucionar conflictos cuyas demandas no tienen un carácter personal sino colectivo.

En otros tiempos, la inteligencia espiritual se expresaba a través de avatares como: Buda, Jesucristo, Francisco de Asís, Teresa de Ávila y tantos otros. En los últimos tiempos, esa capacidad ha sido divulgada y ejercida por grandes líderes como Gandhi, Martín Luther King, Madre Teresa de Calcutá, Chico Xavier etc., resonando sincrónicamente y de forma sintónica con miles de personas.

El emerger de la Inteligencia Espiritual se debe a fenómenos de interacción de campos morfogenéticos (SHELDRAKE, 2016) o a intercomunicaciones, interdependencias e interacciones resultantes del universo colectivo (McTAGGART, 2004). Este suceso transforma a las personas en seres carismáticos y traduce la maravillosa realidad de que todos los que componemos la Humanidad estamos realmente haciéndonos **humanos** cuando constatamos que el proceso de evolución de nuestra conciencia para alcanzar el Omega está en marcha

(tal como predijo Chardin (1995) en "O Fenómeno Humano"). Es de Chardin la proposición de que la emergencia de la conciencia se presenta desde el reino mineral, seguido por el vegetal y por el animal, evolucionando como conciencia reflexiva solamente en las criaturas humanas. En su afirmación la conciencia camina desde Alfa hacia Omega.

En este texto, propongo que la emergencia de la Inteligencia Espiritual, a par de impulsar el proceso de individuación, revela a la conciencia que la marcha hacia su consecución se convierte en la mayor demanda de la Vida. Hacernos humanos implica el autoconocimiento, meta del proceso de individuación que se concreta por la *coniunctio de sí con el sí mismo* o del *Yo con el Self*.

La Inteligencia Espiritual, al expresarse con más intensidad - como sucede en esos últimos tiempos - concurre a que los humanos tomen conciencia de la importancia profunda de la demanda por la libertad de ser, hacer, pensar, querer y asumir voluntariamente la decisión de caminar hacia el *Self*. Cuando realmente los seres se hacen humanos, cada uno de *per sí quiere ser la solución* de los problemas familiares, sociales y/o de la Humanidad.

La Inteligencia Espiritual nos capacita a, voluntariamente, hacernos cargo del otro y de la solución de problemas y conflictos del colectivo, pues nos sabemos y nos sentimos partícipes e integrantes de la comunidad. Zohar e Marshal (2016, p. 33) que describe el habla de un joven empresario sueco y su fantástica declaración de querer ser la solución de los problemas con los que se depara. Me sirvo de esta información para traducirla como:

Al hacernos humanos ¡queremos ser la solución y hacer el cambio!

2. Las Siete Dinámicas de Conciencia

Cuando me di cuenta del fenómeno "Inteligencia Espiritual" y de la importancia de que se explicita de forma clara en este momento de la Tierra, me sentí impulsada a repensar las constataciones que se me habían revelado mientras escribía mi último libro: "*Ánima/ Animus de Todos los Tiempos*" (2017), en el que tuve la colaboración de muchos analistas junguianos, mis amigos. En esa época, me encantó descubrir el texto de D'Ávila, "*Las Moradas del Castillo Interior*" (1981), escrito en 1577, como guía para el desarrollo espiritual a través del servicio y de la oración, y publicado solamente en 1588, tras su muerte. Constaté que el texto confirmaba mis proposiciones de que el proceso de individuación traduce la búsqueda y el encuentro del **autoconocimiento**. D'Ávila afirma que la *coniunctio* con Dios, realizada tras recorrer su largo camino por las siete moradas del Castillo Interior, redundaba en autoconocimiento.

Constato que la condición del autoconocimiento, a la par de conferir a los que lo alcanzan la entereza de la hominización, concurre a la conciencia de que, cuanto más humanos nos hacemos, más experimentamos la presencia de criaturas disociadas de nosotros mismos; esas criaturas, nuestras sombras, las más sombrías, siguen habitando nuestra psique, dificultando más y más el proceso de individuación.

La búsqueda de la *coniunctio* simbólica con Dios, habla de D'Ávila, o el caminar hacia el *Self* (demanda mayor del proceso de individuación, propuesto por Jung en toda su obra), configura, en mi opinión, la instauración de una dinámica de conciencia eminentemente de carácter de Totalidad. El logro, traducido por esa *coniunctio*, convierte a la criatura **Una con el Self**.

Cuando esa realidad se realice, ya no habrá el Yo-Otro, sino el *Kainos Anthropos*, o sea, el hijo del tiempo nuevo, expresión que introduzco para representar la plenitud de la hominización, realidad estructurada en nosotros cuando alcanzamos la *coniunctio con Dios y/o con el Self*.

Kainos anthropos es una expresión griega, y la palabra *kainos* se emplea para designar algo "nuevo en la cualidad", es decir, algo que presenta una naturaleza distinta. En el Nuevo Testamento, *kainos anthropos*, "nuevo hombre", describe la "nueva humanidad" creada en Cristo, de la que participan todos los creyentes, tanto individual como colectivamente (*Holman Treasury of Key Bible Words* de Eugene E. Carpenter y Philip W. Comfort).

Al llegar a ser *Unos con el Self*, nos haremos plenamente humanos, comprendiendo la gran paradoja de que "*libertad implica elegir a Dios*". Este enigma me fue propuesto por una doctora en Filosofía y Teología, en clases de religión, en mis primeros tiempos en la Facultad de Medicina. Dicha paradoja me costó años de reflexión, análisis, dudas, hasta constatar que esa realidad solamente podría ser comprendida por el *Self* y nunca por el Ego (Alvarenga, 2016).

Teresa de Ávila tuvo que sufrir y elaborar sus muchas tentaciones y desafíos vividos, al pasar por los siete niveles o moradas del Castillo. Se me ocurrió, entonces, que las Dinámicas de Conciencia, hasta ahora propuestas por la Psicología Analítica, eran insuficientes para traducir el proceso vivido y sufrido por Teresa de Ávila, tanto como por las demás criaturas que lo buscaron.

Desde entonces reflexiono sobre este hecho y he concluido que **siete** son las Dinámicas de Conciencia necesarias para alcanzar la *coniunctio* con el *Self*, y constatar que realmente el proceso de individuación se realiza.

Propongo que las siete Dinámicas de Conciencia estarían correlacionadas a los siete Chakras.

Las Siete Dinámicas de Conciencia son:

1. del Origen o Urobórica, bajo la regencia del arquetipo de la Naturaleza Divina;
2. de lo Femenino o de la Gran Madre, bajo la regencia del arquetipo de la Diosa Madre;
3. de lo Masculino o del Padre, bajo la regencia del arquetipo del Dios Padre;
4. del Encuentro, bajo la regencia del arquetipo de la Coniúntio;

5. de la Comunicación, bajo la dirección del arquetipo del Verbo encarnado;

6. de la Videncia o Antevisión del Futuro, bajo la regencia del arquetipo de la Profecía;

7. de la comprensión universal, bajo la regencia del arquetipo del Self.

3. Descripción de las siete dinámicas de conciencia

3a. La primera Dinámica, del Origen o Urobórica, vivida y actualizada en los tiempos de vida intrauterina, está correlacionada con el chacra básico (Muladdhara), acorde con los primeros tiempos de vida de la criatura que se forja, en la condición intrauterina, poco después de la concepción.

El óvulo fertilizado se convierte en huevo o cigoto, y el fenómeno ocurre en la pared de la trompa de Falopio para luego descender hacia el interior del útero, fijándose en su pared mucosa, proceso que se denomina nidificación o nidación. En el cigoto, transformaciones espectaculares son desencadenadas pues, al cabo de pocos días, emergen varios mecanismos previamente codificados en su constitución genética. Y, en función de la demanda que se establece, por procesos desconocidos, la aglomeración celular, denominada mórula, derivada de las divisiones del propio cigoto, en su fase de segmentación, se diferenciará en varias estructuras que constituirán el futuro embrión y, de este mismo agrupamiento, se presentará la bolsa amniótica y la placenta, órganos responsables de la oxigenación, nutrición y protección del futuro embrión feto. La primera fase del desarrollo, denominada segmentación, corresponde al período inmediato a la fertilización y nidificación de la blástula en la mucosa uterina. La segunda fase, llamada embrionaria, ocurre entre la segunda semana después de la fecundación hasta la novena semana, período a lo largo del cual todos los órganos del cuerpo serán formados. Durante esta fase, el nuevo ser se llama embrión. La tercera fase, la más prolongada, denominada fase fetal,

comprende el tiempo que queda hasta el momento del nacimiento, período de maduración, a lo largo del cual los órganos, ya formados en la etapa anterior, acaban por adquirir su estructura definitiva. Los órganos alcanzando plena actividad, concurren para que factores esenciales posibilitadores de una vida independiente, fuera del organismo materno, se completen. A lo largo de esta fase, el producto de la fertilización se llama feto (MOORE, 2016).

La dinámica Urobórica, pertinente al período intrauterino, durante el cual el milagro de la vida ocurre, refleja una complejidad sublime de la naturaleza, expresada por metamorfosis espectaculares, bajo la regencia de competencias inherentes a la célula primordial, fuente de posibilidades no inteligibles, pero, profundamente inteligente, dirigida a un propósito único: hacer que la vida suceda.

Y este embrión forja en pocas semanas, nunca más que diez, todos los órganos, piel, músculos, nervios, cerebro, estructura ósea, desarrolla los sentidos y competencias para oír, ver, saborear, experimentar la temperatura, sentir emociones, y luego soñar, pensar y “saber”. La dinámica Urobórica, expresión impar del Self, prepara al ser en gestación para volverse, en el futuro, consciente de sí mismo y de su relación con los demás, haciéndose humano.

La Uroboros, siendo una referencia a la creación del Universo, representa un tiempo en que el embrión estructura todas sus competencias, como también estructura su primera dinámica de conciencia. Esta dinámica de conciencia, al principio, confiere al embrión la condición de él “sentirse” como entidad Una con el Self, pero, sin aún “saber”, en su condición reflexiva, como criatura impar. La conciencia Urobórica se estructura, pues se incorpora de atributos derivados de las transformaciones embrionarias que forjan dispositivos mnemónicos, con lo que el feto pasa a conocerse como criatura que siente, experimenta sonidos, luminosidades. Estos dispositivos mnemónicos darán competencia, al futuro na-

cido, para reconocer la frecuencia cardíaca de la madre cuando se coloca sobre el tórax de ella; reconocer el timbre de la voz de la madre y llorar con el mismo repertorio musical de la voz materna de tal manera que la madre pueda reconocer y saber cuando el llanto es de hambre o de dolor o de otra incomodidad.

Así, la dinámica Urobórica, inherencia de esa sabiduría intrínseca de la naturaleza del huevo primordial - cigoto, se forja como factor determinante y fundante de todas las demás dinámicas de conciencia que se presentarán a posteriori. La dinámica de conciencia Urobórica es la matriz de las demás dinámicas. Ella y el cuerpo que la gesta, simplemente, son Uno solo con el Self. La Dinámica Urobórica rige la forja de la totalidad corporal, tanto física como mental/emocional.

El desarrollo del cerebro, según investigaciones recientes (ARAUJO, 2018), prepara al futuro nacido con competencia para hacer vínculo, o apego, con la madre o sustituta, sin lo que la supervivencia no sucede. El huevo primordial sale de la condición concreta y simbólica del Khaos griego (fuente de todas las posibilidades) para estructurarse como un venir a ser humano. Al hacerlo, integra en su naturaleza la condición de: para llegar a ser humano es fundamental tener al otro y, para ello, es necesario hacer vínculo. La Dinámica Urobórica retrata la condición del contenido y del continente ser Unos y su dependencia con el otro, cuerpo gestante, es total, sin lo que la Vida no se consuma. El ser nace porque alguien lo gestó, soportó, hizo que la Vida sucediera.

Kohler, analista junguiano, subraya la importancia crítica del desarrollo prenatal para la estructuración y funcionamiento del cerebro y de la personalidad. Este autor cree que la constelación de los arquetipos y el desarrollo de los complejos ya ocurren en el embrión y el feto, y busca describir el impacto de la relación entre el embrión y el feto y la madre y el mundo donde está insertado. Basó sus consideraciones en las investigaciones neurobiológicas de Huther y Krens acerca de los misterios de los primeros

nueve meses de vida, acerca de nuestras tempranas influencias formativas (ARAUJO, 2018).

Todo el desarrollo del ser humano y de sus dinámicas de conciencia implican la reflexión de cuánto cada uno de nosotros necesita del otro para ser, sin lo que la Vida no sucede. El ser en gestación “se sabe” acogido sin lo que nunca desarrollaría competencia para acoger al otro en sí mismo, meta del proceso de individuación.

La Dinámica Urobórica pide que la acogida suceda para que el cuerpo gestante acepte lo diferente en sí, constatando ser él, cuerpo gestante, el receptáculo de la sacralidad de la existencia. Cuando el cuerpo gestante no acoge al gestado, concurre para el rompimiento de la unidad original, con lo que no habrá posibilidad de mantenimiento del proceso que compone la Vida del nuevo ser en gestación.

La dinámica Urobórica ciertamente se hace bajo la regencia de una condición arquetípica, que propongo ser acreditada al arquetipo de la Naturaleza divina, realidad primordial portadora de todas las competencias, fructificadoras de la Vida y de la Muerte.

La primera dinámica traduce y se ocupa con el origen y el mantenimiento de la vida.

3b. La segunda dinámica paso a denominarla como la Femenina o la Gran Madre, ampliamente estudiada por la Psicología Analítica bajo la denominación de Matriarcal, está correlacionada al chacra de la sexualidad (Svādhistāna). La dinámica de lo Femenino, bajo la regencia de la Gran Madre, retrata la instauración del encuentro yo-otro, sin conciencia reflexiva de quién es el Yo y de quién es el Otro, con la finalidad de la conservación de la especie; el descubrimiento de los placeres derivados de la sexualidad, junto al establecimiento de los cuidados con el concepto, son inherentes a esta dinámica. A medida que los diversos otros se diversifican, el Yo se estructura, la relación deja de ser de exclusividad, pero siempre en la interdependencia de un Otro. En la dinámica de la Gran Madre, la Vida es siempre soberana.

¡La segunda dinámica se traduce y se ocupa con el mantenimiento de la especie!

3c. La tercera dinámica, denominada del Hombre o del Padre, previamente denominada Patriarcal, también ya ampliamente estudiada por la Psicología Analítica, está correlacionada al tercer chacra, el umbilical o solar (Manipuraka), y representa la expresión de los tiempos de conquista de territorio y de la sumisión de los conquistados. En esa dinámica la discriminación entre el Yo y el Otro se establece y los principios básicos que rigen la relación componen el Código, con discriminación de lo que puede y de lo que no puede. La relación se hace asimétrica y el ejercicio del poder se establece entre los partícipes, cuando entonces el Orden es establecido. En la tercera dinámica los cánones del Estado de Derecho son establecidos y la Vida se vuelve soberana solamente dentro de la tribu o del clan.

La tercera dinámica se traduce y se ocupa de la implantación del Código.

3d. La cuarta dinámica traduce el Encuentro entre las personas e implica el establecimiento de una relación de paridad entre el Yo y el Otro, según el referencial anímico o fraterno, y el reconocimiento de las diferencias entre los pares, así como de los mismos derechos prevalecientes para todos. En el cuarto chacra, el corazón (Anāhata), [previamente descrito por Byington (1983) como de Alteridad y por mí misma como Dinámica del Corazón (ALVARENGA, 2000), en la cuarta dinámica la instaura plenamente el proceso reflexivo de conciencia, con la discriminación del uno y del otro como seres diferentes y con derechos inalienables. La vida es soberana dentro de la tribu como fuera de ella.

¡La cuarta dinámica traduce y se ocupa de la consumación de la paridad!

3e. La quinta dinámica, correlacionada al quinto chacra, laríngeo, (Visuddha) llamé de la

Comunicación o del Verbo, por la cual nos haremos competentes para hablar y oír comprendiendo a todos y siendo por todos oídos y comprendidos, tal vez de forma independiente del idioma de expresión, una vez que el entendimiento y la comprensión se harán mucho más por la sintonía vibratoria y armónica entre los seres. No será significativo lo que se habla, sino lo que se comunica por la vibración de los sonidos emitidos y recibidos. La palabra, o cualquier otro tipo de comunicación pasan a tener la competencia de la curación.

La comunicación, cuando ejercida de forma creativa, pedirá fundamentalmente Congruencia entre lo que se habla y lo que se hace, así como la complacencia hacia el otro que aún no ha alcanzado ese nivel de comunicación/comprensión. Cuando se ejerce en su plenitud mayor, no sólo corresponderá a la comprensión del comunicado, como también la voz del emisor tendrá competencia para vibrar en sintonía con el Otro, creando resonancias de apaciguamiento.

El don del habla, atributo de la dinámica de la comunicación, confiere al ser humano un poder asustadizo, un poder de convencimiento, de arrebatarse plateas, de despertar en lo colectivo el sentido de la justicia, la demanda por el empoderamiento, la convicción de la responsabilidad de querer ser la solución y hacer los cambios necesarios para lo colectivo.

El don de la Palabra es una dádiva cuando se ejerce con discriminación de propósitos que buscan el bienestar general, se profería sobre los cimientos de la ética y era usada para despertar al héroe dormido. La Palabra promueve cambios que la guerra no conquista, alcanza profundidades en los escenarios de la psique que ni la amenaza de la muerte sacude, plantea desafíos asustadores que el alma acepta con tranquilidad.

En el sentido simbólico, el don de la Palabra está explicitado, por ejemplo, en los relatos de “Las mil y una Noches”, en función de la actitud de Sherazade hacia el Sultán, así como

del arte mayor de la heroína en contar historias (CORDEIRO, 2017).

La palabra es un don que puede promover acciones constructivas como puede disuadir esperanzas de transformación. La palabra tanto acoge como destruye, apacienta como instiga la furia; en cuanto continente, invade como si fuera una violación, asustadiza y violenta, causando heridas incurables, ofendiendo la dignidad, movilizándolo la vergüenza.

El don del habla tiene su camino más espinoso cuando se ocupa en decir lo que el otro necesita oír y no decir lo que el otro quisiera oír. Este, supongo, es el mayor desafío para los que se ejercen como avatares de un tiempo nuevo, que se presentan como propulsores de milagros transformadores a ser realizados o desafíos instigadores a ser vencidos. Entonces, el don del habla se presenta con la competencia más aterradora para llegar a ser propensa al desarrollo sombrío.

La persona que se ejerce por la dinámica de la Comunicación, por sus aspectos sombríos, constata cuánto tiene competencia para atraer adeptos y defensores. Como consecuencia, teniendo sus demandas narcísicas satisfechas, por la devolución de los seguidores, podrá pasar a pregonar soluciones de carácter populista en que, como ejemplo, los derechos por el usufructo de la dependencia monetaria, por trabajos no ejecutados, se convierten en la regla.

Así, mantenerse en la integridad de propósitos representa un desafío enloquecedor, pues la tentación por provechos escudos se hace presente con mucha frecuencia. El uso abusivo de la dinámica de la Comunicación moviliza, en gran parte, a las personas, lo que cada uno tiene de demanda por el "paraíso perdido", o sea, de mantenerse como un eterno alguien alimentado por las regalías de un Estado, al cual, se ha asignado la condición de ser un eterno proveedor.

La comunicación también puede llevarse de la intencionalidad de seducir, envolver, engañar. Cuando la palabra del comunicador se encuentra

poblada de persuasión y convenciones, ciertamente necesita el matrimonio entre el habla emitida con el oído que escucha. Pero, para tanto, es necesario que tanto quien habla como quien escucha, estén ambos poblados por las demandas de ganancias secundarias.

La dinámica de la comunicación cuando se ejerce según el contexto arriba descrito, configura comportamiento criminal, ofensivo e injurioso para con el colectivo. El uso abusivo de la Palabra pervierte la relación y hace que el encuentro entre las personas sea corrompido. El uso pervertido de la dinámica de la comunicación lleva a la quiebra del sistema, de las familias, de la sociedad civil y a la quiebra del Estado de Derecho.

La comunicación entre las personas es un fenómeno tan complejo como inédito por ser continente de las más espectaculares creaciones humanas, como de las peores aberraciones, motivos de peleas, crímenes, guerras.

Las ideas, cuando promulgadas, en su reclamo primordial, traduce también el anhelo de la criatura por ser reconocida como autora de la proposición, demandando ser autenticada y calificada por el mérito de la creación, como también necesitada que el Otro le conceda la honorabilidad por el hecho.

Por otra parte, la comunicación implica poesía, música, besos y abrazos, toques sutiles entre almas que se encuentran. Es inseminadora y fertilizante, creadora que genera criaturas.

La condición de oír al otro, en un proceso de análisis, tiene más que ver, entiendo yo, con las vibraciones emitidas por el cliente que con lo realmente verbalizado. Hablar y ser entendido, oír y comprender, acoger y ser complaciente con el otro demandan coherencia, generosidad, continencia, integridad y ética. Sin embargo, el proceso analítico puede ser escenario de muchas molestias. Cuando el fenómeno del encuentro ocurre entre el analista que habla tan sólo lo que el cliente desea oír, la sombra se vuelve constelada. El don transformador de la palabra nau-

fraga en la solutio que encharca. El cliente y el analista se aplauden y el incesto se establece.

La dinámica de la comunicación, junto a su correlación explícita entre el habla emitida por el comunicador y el oído de quien la oye, tiene conexión directa con los demás órganos del sentido.

La expresión comunicadora podrá ser dialógica entre el habla que expresa un contenido intelectual inédito de descubrimiento y alcanza el oído que escucha y se deslumbra, se envanece, se encanta, se asombra, se conmueve, se descubre desnudo, se sabe comprendido y tantas otras emociones que las palabras causan. La expresión comunicadora podrá, por otra parte, ser propuesta por la música que el Uno ejecuta y que el oído del Otro oye y siente despertar en sí nostalgia, tristeza, alegría, miedo, reverencia, extrañamiento, embellecimiento, audacia, coraje, y tantas otras emociones que las canciones pueden causar. O la expresión comunicadora podrá ser propuesta por el cuerpo en movimiento, en danza, en éxtasis, en súplica, y que alcanza el ojo que ve un pedido para ser tocado, acogido. También la expresión comunicadora podrá ser propuesta por la pintura, por la película, por las fotos, y que al poblar los ojos, llenan de imágenes, expresión de la belleza o de lo terrible. La expresión comunicadora podrá ser propuesta por los perfumes emanados, que impregnando los receptores olfativos del otro, movilizan memorias agradables o sufridas. Como también la expresión comunicadora podrá ser propuesta por los sabores que traen de vuelta momentos de la infancia, de figuras parentales y sus manifestaciones de ternura. O venir de toques, caricias evocadoras de momentos dramáticos espeluznantes o deliciosamente mágicos.

Así, la comunicación se hará por los más diversos canales, pero, innegablemente, la Palabra es el vehículo primero que más alcanza, más convence y seduce, hipnotiza y arrebató el alma de los que se sienten principalmente abandonados, incomprendidos, mal amados,

llevando a los hijos, oídos de quien oye algún comando de orden.

La dinámica de la comunicación, atributo singularmente desarrollado por los seres humanos, confiere un poder de mando, como también confiere certezas y esperanzas de cambio, a la par de explicitar las decepciones y amarguras ante lo que la criatura tiene de más sórdido, más degradante y sombrío.

Para ilustrar cito por debajo de las palabras de grandes líderes que marcaron los tiempos de gloria o la sensación de derrota:

"I Have a dream!" – y todos los que soñaron un día con el trato igualitario, a los diferentes colores de piel, se regocijaron por haber sido soñados por alguien que hablaba su lengua (1 de abril de 1964, en los escalones del Lincoln Memorial, en Washington DC, https://en.wikipedia.org/wiki/I_Have_a_Dream).

Nosotros somos las personas por las que esperábamos. "Somos el cambio que buscamos (Discurso de Campaña del Presidente Barack Obama en 2008 [DIONE JUNIOR; REID, 2017]).

De tanto ver triunfar las nulidades; de tanto ver prosperar la deshonra, de tanto ver crecer la injusticia, de tanto ver agigantarse los poderes en manos de los malos, el hombre llega a desanimarse de la virtud, a reírse del honor y a tener vergüenza de ser honesto (Trecho del discurso parlamentario proferido en el Senado de la República por Rui Barbosa en 1914).

La comunicación es lo que mejor expresa el proceso de humanización por traducir en palabras (habladas, escritas, poéticas, cifras musicales, imágenes, gesticulaciones) lo que la criatura piensa y reflexiona sobre lo reflejado, lo que tiene de ideas y lo que con ellas construye, lo que siente y cómo sufre, lo que la emociona y se traduce en vibraciones epifánicas.

En fin, la comunicación es la marca indeleble del ser humano y del cómo hacerse humano.

¡La quinta dinámica expresa y se ocupa de la encarnación del Verbo!

3f. La sexta dinámica de conciencia, correspondiente al sexto chacra, frontal o del tercer ojo (Ājñā). Llamé de Dinámica de la Videncia o de la Prevista del Futuro, la cual nos habilitará para divisar las demás dimensiones del Universo, además de las tres dimensiones del espacio ya conocidas y descritas.

Buscando en la mítica y en su incontable acervo de respuestas a las preguntas por nosotros formuladas, nos encontramos con relatos aparentemente increíbles, como si los mismos sólo fueran criaturas del imaginario colectivo. Sin embargo, al ocuparnos de la simbología de sus contenidos, verdades impensables se revelan.

El místico Tiresias (BRANDÃO, 1992) así se convirtió en el hecho de haber sido transformado en mujer después de matar a la serpiente hembra, cuando encontró una pareja de ofidios copulando. Vive, entonces, plenamente, como hembra, por siete años. En un segundo momento, reencontró otra pareja de ofidios en cópula. Intuyó que para recobrar su condición primera necesitaría matar al macho. Y así lo hizo, volviéndose de nuevo un hombre. En un tercer tiempo, Zeus y Hera entretenidos en una discusión interminable sobre quien promovería mayores placeres al compañero, en los encuentros sexuales: y sin posibilidades de componer un acuerdo, decidieron convocar a Tiresias para que les diera un veredicto sobre esas cuestiones placenteras, tanto por haber sido mujer como por ser hombre. El futuro místico, después de escuchar la descripción del impasse entre la pareja olímpica, les respondió que si el placer se medía de uno a diez, el macho promovería nueve medidas de placer a la mujer y la mujer promovería una medida de placer al macho.

Hera, incontinente, ante la descomunal ofensa causada por Tiresias a las hembras, como que

calificándolas de incompetentes para dar placer a los compañeros, lo cegó como castigo por su ignorancia y su estupidez.

Sabemos que las bendiciones o los castigos infligidos a los personajes, por una divinidad, no pueden ser retirados o negados por otro divino y ni siquiera por quien las impuso. Zeus, condolido con la condición de Tiresias, le dio el don de la mántica, con lo que lo transformó en un ciego vidente.

Yo estaba pensando en eso, hace algunos años (ALVARENGA, 2014), que supuestamente castigos, a los seres humanos, por lo divino, en última instancia, es una nueva oportunidad al trillar el proceso de individuación.

Hera, estructura primordial de la psique, denuncia la ceguera de Tiresias por no haber constatado, como mujer, cuánto de placer había recibido, así como cuánto había promovido de satisfacción al compañero (ALVARENGA, 2011a). Tiresias había vivido como mujer, pero no incorporó en sí la sabiduría derivada de la vivencia explícita de lo femenino. Precisaría, pues, descubrir la verdad en una condición viable solamente por la reflexión introspectiva; nada del mundo visible debería impedirlo. Así, el aparente castigo era una dádiva, pues Zeus le dio, como premio, la posibilidad de la previsión del futuro, o sea, la videncia.

Tiresias explicita su dotación por los alertados a sus consultores, proponiendo la posibilidad de que exista más de un futuro posible. Así, el mántico responde a Liriope sobre su hijo Narciso: "él vivirá si no se ve", o la Tetis sobre el futuro de Aquiles: "él vivirá por muchos años si se mantiene como un simple campesino o lejos de las batallas" (BRANDÃO, 1992).

Muchos son los otros ejemplos de la actuación de magos, videntes y hablantes oraculares en cuanto a posibles diferentes futuros que cambiarían los destinos trágicos.

El mensaje primordial del relato mítico reside en la proposición de la existencia de diferentes posibilidades de un ser, que depende de elecciones hechas en momentos cruciales en los

que se deja la condición de un porvenir probable para un diferente futuro posible.

Los momentos cruciales se traducen, en la realidad de todos nosotros, como desafíos en los que el riesgo de vida (de sí mismo, del hijo, del amado) es inminente, ya sea por procesos físicos o psíquicos; o por condiciones de pérdidas catastróficas con vivencias de extrema soledad y desamparo; o por realidades invasivas con pérdida de autonomía y libertad; o cuando el otro de nosotros es robado, secuestrado, abusado...

Momentos cruciales movilizan angustias, activan heridas del alma, desencadenan miedos antiguos, desorganizan la vida y piden soluciones inmediatas. Sin embargo, estos momentos también despiertan la fe y las demandas por constrictión, así como evocan recuerdos de nuestros antepasados creyentes en el poder de las oraciones.

Y, he aquí, los “milagros” ocurren trayendo la certeza de que las transformaciones en cuanto a posibles futuros posibles despiertan como realidades, tal vez, nunca antes pensadas por la conciencia. La física cuántica afirma que diferentes futuros posibles aguardan por ser despertados en el momento presente en que los deseamos (BRADEN, 2017) expresando la realidad del nuevo ser nacido en el que nos convertiremos. Ya somos el futuro posible y distanciados nos sentimos del futuro probable que seríamos.

Interesante atentar en cuanto a que las reclamaciones emergen en el seno de una dinámica familiar cuando uno de sus componentes, en proceso de análisis, presentando las modificaciones derivadas de sus epifanías analíticas, oye: “¡Usted está muy diferente! ¡Ya no es el mismo! ¿Qué sucedió con usted? ¡Parece que no lo reconozco!”.

Y entonces, cuando se atenta a memorias pasadas, que en realidad son muy recientes, las personas se sienten tan distantes de lo que fueron, se sienten diferentes, asustadas con lo que hacían, consentían o dejaban pasar, sin contestaciones.

¡Quisiera parecer que el proceso de individuación es una demanda imperiosa por la instauración de un futuro posible diferente de lo probable, futuro que se adormece en los escenarios de la psique y que aguarda la emergencia de la revelación!

Al actualizar la sexta dinámica de conciencia en nuestro proceso existencial nos volvemos videntes (ALVARENGA, 2018), impregnados por un patrón de inteligencia espiritual que nos hace cada vez más “más humanos”, ¡sea por incitar-nos a ser la solución de los conflictos, como a obligarnos a realizar los cambios!

La sexta dinámica de conciencia, como todas las demás, al ser una condición arquetípica, sufre con los percances de la sombra. “Videntes” son consultados por personas que buscan respuestas a sus conflictos y demandas, como también son consultados por los buscadores de bendiciones electoras. Sin embargo, ningún consultante pregunta sobre lo que necesita hacer para no ser el conflicto o qué plan de acción debe componer y ejecutar para llegar a ser merecedor del futuro.

La dinámica de la Videncia y su competencia para divisar posibles diferentes futuros está íntimamente ligada al poder de la oración y bajo la regencia del “efecto Isaías” que propone como oración más poderosa aquella que mentaliza un futuro diferente de lo probable y que ya es realidad, pues, despertado se hizo por el deseo inquebrantable de la fe. Sin embargo, para alcanzar un futuro diferente de lo probable necesitaremos estar en una nueva Ética instituida y fundamentada, a mi entender, en cuatro principios, cuales sean: en el Fuego de la más profunda conciencia reflexiva que nos hace reflexionar sobre asumir la responsabilidad por todo lo que nos rodea porque todo tiene que ver con nosotros; en la *Tecknè* más inventiva que somos y tenemos para cambiar nuestro momento histórico; en la *Dikè* como conciencia plena del sentido de la justicia para todos y con todos; y, finalmente, en la plena virtud de la ayuda que nos conduce a realizar y hacer lo que somos de mejor para el

otro, quienquiera sea y para el bien común (ALVARENGA, 2011b).

Por lo tanto, próximos estaremos de la séptima morada, de la séptima dinámica de conciencia y allí nos aguarda la ceremonia ritualística de la coniúntio con la divinidad, según el supuesto de D'Ávila (1981), o la ceremonia ritualística de la coniúntio con el Self, las proposiciones de Jung, con lo que el autoconocimiento se hace, meta mayor del proceso de individuación.

La competencia para transitar entre esas dimensiones será ideal a alcanzar. Tanto la quinta dinámica como la sexta confieren a quienes las conquistan un poder fabuloso que dificulta en mucho la confrontación con la Sombra y representa una defensa de acomodación por la reanudación del ejercicio del poder por ellas conferido. La propia D'Ávila relata en su texto (1981) las dificultades crecientes que el alma experimenta a medida que avanza por las moradas del castillo. Estas dos dinámicas representan grandes dificultades para el logro del proceso de individuación.

Hay que recordar no tener las diferentes dinámicas un carácter secuencial, pues pueden ocurrir, tanto la quinta como la sexta, en una condición eventual, expresando momentos de sabiduría no inteligibles para quienes las enuncia. La fijación defensiva en cualquiera de ellas es posible, y puede impedir el caminar hacia el Self.

La videncia implica la anticipación de futuro y configura la mejor y la mayor oportunidad para divisar el camino para la individuación.

¡La sexta dinámica expresa y se ocupa de la previsión del futuro!

3g. La séptima Dinámica de Conciencia, realmente de carácter Cósmico o de Totalidad, [denominación anterior usada por Byington (1983) para nominar la actual cuarta dinámica] corresponde al séptimo chacra, coronario (Sahasra), y representa la condición plena de la conquista del proceso de individuación. Propongo que se llame dinámica de la comprensión universal. Ella confiere la conciencia plena de ser Uno con

el Otro y responsables para que el Otro también alcance esa plenitud.

¡La séptima dinámica expresa y se ocupa de la coniúntio con el Self!

4. Desafíos a ser enfrentados en las siete dinámicas de conciencia

La conquista del proceso de individuación y el alcanzar el autoconocimiento, como consecuencia de la coniúntio con el Self, implica ser Uno con Él, y será logrado tras la superación de los desafíos de esas varias Dinámicas.

Los desafíos a ser superados, tanto los ya relatados como los por relatar, se refieren a las ofensas o crímenes cometidos según los referentes respectivos de esas dinámicas y de cómo nos conducimos ante ellos, por lo tanto:

4a. El crimen, ofensa, agravio, cuando cometido bajo la vigencia de la Dinámica Urobórica clama por **Acogida** a fin de que el cuerpo que gesta acepte lo diferente en sí y asuma el de receptáculo de la sacralidad de la Existencia. En la ausencia de ello la Vida corre peligro. Cuando el cuerpo gestante no acoge al gestado, concurre para romper la unidad original, lo que implicará en la imposibilidad de mantener el proceso que compone al nuevo Ser.

4b. El crimen, ofensa, agravio, cuando cometido bajo la vigencia de la Dinámica Matriarcal exige **Venganza** hacia el ofensor o sus familiares. En ese caso, dicha dinámica se dará bajo la vigencia de las Furias, *diosas de la venganza de la sangre parental derramada*, que exigen que se pague la muerte con la misma moneda pues la Vida es soberana.

4c. El crimen, ofensa, agravio, cuando cometido bajo la vigencia de la Dinámica del Padre, pide **Justicia** en contra del ofensor, la cual será ejercida por el Estado de Derecho establecido por los cánones de los Códigos Morales de la comunidad.

4d. La relación simbólica establecida por la cuarta dinámica será siempre de lealtad y fidelidad hacia el otro. De ese modo, crimen

en dicha dinámica configura traición a ese binomio que compone la relación simétrica entre el uno y el otro, distintos entre sí. El crimen, ofensa, agravio, cuando cometido bajo la vigencia de la Dinámica del Encuentro, insta al ofensor el **Reconocimiento** de la acción practicada y la **Responsabilidad** por el acto cometido. La condición de reconocer y confesar la acción, asumiendo la responsabilidad, reclama un carácter público. Se vuelve realidad como consecuencia del diálogo establecido entre el reo y el ofendido o entre el reo y el pariente más próximo de la víctima. El reconocimiento público por la responsabilidad del agravio contra el ofendido apacigua el psiquismo de la víctima y/o del familiar. Esa condición de reconocimiento y responsabilidad no excluye el ejercicio de la Justicia por el foro del Estado. Sin embargo, ese ejercicio se debe llevar a cabo siempre que haya anuencia entre los pares involucrados, o sea, entre víctima y ofensor. Es importante recordar que las demandas de venganza estarán siempre presentes en la psique, aunque no siempre de forma explícita. Es fundamental que se concientice que la demanda de venganza es una realidad primordial arquetípica, presente en todos los seres humanos. Dicha conciencia es fundamental para que la venganza no sea ejercida por la sombra (ALVARENGA, 2012). De ese modo, cuando se comete un crimen contra la víctima (o sus familiares y agregados) bajo la vigencia de la Dinámica del Encuentro, lo que se propone y se ruega es el ejercicio del **Perdón**.

La condición de ejercer el perdón tras los actos de agravio implica una relación entre ofensor y ofendido en la que el reconocimiento y la responsabilidad ya se hayan establecido. El perdón, cuando bien ejercido es un fenómeno que decurre de una certidumbre oriunda de lo más profundo del ser. El perdón no es una actitud egoica, sino del *Self* y reclama por reciprocidad entre ofensor y ofendido, y viceversa.

El ejercicio del perdón, restaurativo de las relaciones, condición histórica propuesta por Nelson Mandela en la promoción de una política de reconciliación nacional en África del Sur, decurre del presupuesto filosófico del ejercicio del *Ubuntu* y, sobretudo, del ejercicio del perdón implica saberse uno **con la comunidad**.

Ubuntu es una filosofía africana cuyo significado se refiere a la Humanidad hacia los demás. Es un concepto amplio sobre la esencia del ser humano y la forma como se comporta en sociedad. Para los africanos, *Ubuntu* es la capacidad humana de comprender, aceptar y tratar bien al otro, idea semejante a la de amor al prójimo. *Ubuntu* significa generosidad, solidaridad, compasión hacia los necesitados, y el deseo sincero de felicidad y armonía entre los hombres. ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_(filosofia)))

4e. El crimen, ofensa, agravio, cuando cometido bajo la vigencia de la Dinámica de la Comunicación insta **Congruencia** entre lo que se dice y lo que se hace, y **Complacencia** hacia el otro. La condición de oír en un proceso de análisis tiene que ver más con las vibraciones emitidas por el cliente que con lo realmente verbalizado. Hablar y hacerse entender, oír y comprender o aún, ser complaciente hacia el otro, demanda: coherencia, generosidad, acogida, integridad y ética. El don del habla, entre el decir lo que el otro **necesita** oír y lo que le **gustaría** oír representa una capacidad asustadoramente propensa al desarrollo sombrío. ¡Cuanto más nos acercamos a la séptima dinámica más somos tentados a abandonar el camino que conduce al *Self*! En cambio, la Dinámica de la Comunicación cuando ejercida en su plenitud mayor no sólo corresponderá a la comprensión de lo comunicado, sino que también la voz sabrá vibrar en sintonía con el Otro, creando resonancias de cura.

4f. El crimen, ofensa, agravio, cuando cometido bajo la vigencia de la Dinámica de la Visión y/o de la Videncia reclama **Templanza** para consigo mismo en el sentido de no vacilar ante las

demandas del *Self*, con determinación continua y constante para no perderse de la meta mayor.

4g. El crimen cuando cometido bajo la vigencia de la **Dinámica de la Comprensión** Universal implica, al sujeto conocedor del crimen, saberse como *kainos Anthropos*. El mayor crimen de esa dinámica será traicionar el proceso de individuación, negándose voluntariamente a caminar hacia el *Self*. Cuando un agravio es practicado por cualquiera y el sujeto toma conocimiento del hecho, se convierte en parte del proceso y, para tanto, responsable por el agravio. La conciencia de ser responsable por dicho agravio lo hace partícipe del proceso una vez que el sujeto y el Universo son Unos. Asimismo, la necesidad de restaurar la armonía se presenta y se hace necesario que el sujeto - también responsable, en la condición de partícipe del crimen cometido - se rinda al *Self*, y pueda perdonarse a sí mismo bien como al otro, amándose a sí mismo y al otro, purificándose de la desarmonía que lo destroza, compitiendo para que la armonía en el otro se (re) instaure. Purificarse implica cuidar del otro en sí mismo. De esa forma, cuando un crimen es cometido en esa dinámica, lo que se pide es tener y ser Amor, Amor por el otro y por sí mismo (proposición inspirada por el Ho'oponopono).

Hay que convenir que cuando estemos bajo la vigencia plena del Encuentro, con sus presupuestos de Reconocimiento de la acción y Responsabilidad por el acto cometido, debemos actuar por la consigna del Perdón, trabajando por un bien mayor; asimismo, al estar bajo la vigencia de la Dinámica de la Comunicación Universal debemos buscar congruencia entre lo dicho y lo hecho, siendo complacientes con el otro; por fin, cuando nos mantengamos diligentemente en la actividad de trabajo y determinación para no perdernos de la meta mayor, entonces sí alcanzaremos la Dinámica Universal. Al alcanzarla, conscientes de sus presupuestos de reconocerse y saberse responsable del agravio cometido por cualquiera, y por conocernos y

convertirnos en *Unos con la Totalidad*, actuaremos a través del Amor al Otro, vibrando y mentalizando el restablecimiento de la armonía, los fenómenos de guerra, hambre, violencia, conquista del poder y tantas otras aberraciones cometidas por los desvaríos de nuestra condición primordial, arquetípica, no humanizada, habrán realmente acabado.

Alcanzar la plenitud de la Conciencia Universal nos hará totalmente humanos, desapegados de las posesiones, por conocernos perecederos, conscientes de que venimos de la tierra y a ella volveremos. La trascendencia tan deseada de ser en la Unidad no significa sobrepasar a la Humanidad. Trascender será superar nuestra condición arquetípica primordial para tornarnos la plenitud de la condición humana, alcanzando la entereza del ser, sin las escisiones, sin los desvaríos, sin las extemporaneidades desde Poseidón, sin las demandas de venganzas de las Furias, sin la rigidez de Apolo y la astucia engañosa de Hermes, sin el anhelo de poder de los "Zeuses", que se intitulan divinos, sin la sed guerrera de las Atenas y de los Ares y sin tantas otras conductas arquetípicas que nos componen.

Cuando Moisés convocó al pueblo judío a abandonar Egipto -donde se hallaba en la condición de esclavo -y caminar hacia el encuentro con Dios, buscando la tierra prometida, el fenómeno se volvió conocido como "*Exodus*", o sea, abandonar el lugar estrecho donde uno ya no cabe.

Estamos realizando un nuevo *Exodus* cuando caminamos hacia la Dinámica Universal, inspirados por la condición esencial del Amor y la aceptación plena del otro, cualquiera que sea, sin condenaciones. Aceptar al otro sin evaluaciones condenatorias implica acogernos por entero. La realización de este nuevo *Exodus* significa hacernos libres. ■

Recebido em: 30/08/2018

Revisão: 12/12/2018

Resumo

As sete dinâmicas de consciência, a hominização, a inteligência espiritual e o processo de individuação

Este artigo propõe a existência de sete dinâmicas de consciência, e não somente as quatro atualmente descritas pela Psicologia Analítica. A par da proposição de sete dinâmicas, teço comentários sobre a inteligência espiritual e sobre o processo de hominização, dados esses que concorreram para a proposição das sete dinâmicas de Consciência. Alguns dados aqui presentes foram apresentados no VIII Congresso Latino Americano de Psicologia Analítica –julho de 2018, em Bogotá-Colômbia sob o nome de "As sete Dinâmicas de Consciência". O texto atual foi acrescido de descrições pormenorizadas das novas dinâmicas propostas como componentes do elenco de dinâmicas de consciência

regentes da personalidade humana, a par de tecer comentários sobre aspectos da sétima dinâmica que passo a nominar como da Compreensão Universal. As dinâmicas elencadas são: da Origem ou Urobórica, sob a regência do arquétipo da Natureza Divina; do Feminino ou da Grande Mãe, sob a regência do arquétipo da Deusa Mãe; do Masculino ou do Pai, sob a regência do arquétipo do Deus Pai; do Encontro, sob a regência do arquétipo da Coniunctio; da Comunicação, sob a regência do arquétipo do Verbo encarnado; da Vidência ou Antevisão do Futuro, sob a regência do arquétipo da Profecia; da Compreensão Universal, sob a regência do arquétipo da Totalidade. ■

Palavras-chave: inteligência espiritual, processo de hominização, sete dinâmicas de consciência, processo de individuação.

Abstract

The seven dynamics of consciousness, hominization, spiritual intelligence and the individual process

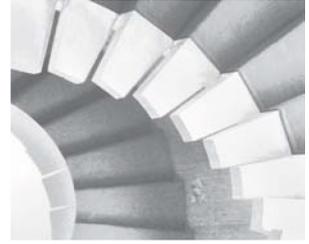
This article proposes the existence of seven dynamics of consciousness, and not only the four currently described by Analytical Psychology. Along with the proposition of seven dynamics, I comment on spiritual intelligence and the process of hominization, data that contributed to the proposition of the seven dynamics of Consciousness. Some data presented here were presented at the VIII Latin American Congress of Analytical Psychology - July 2018, in Bogota-Colombia under the name of "The Seven Dynamics of Consciousness". The present text has been supplemented by detailed descriptions of the new dynamics proposed as components of the list of regent consciousness dynamics of the human per-

sonality, as well as commentaries on aspects of the seventh dynamism which I shall now call Universal Understanding. The dynamics listed are: Origin or Uroboric, under the regency of the archetype of the Divine Nature; of the Feminine or of the Great Mother, under the regency of the archetype of the Mother Goddess; of the Masculine or of the Father, under the rule of the archetype of the Father God; of the Meeting, under the regency of the Coniunctio archetype; of the Communication, under the rule of the archetype of the Incarnate Word; of the Seer or Prevision of the Future, under the rule of the archetype of Prophecy; of Universal Understanding, under the regency of the archetype of Wholeness. ■

Keywords: spiritual intelligence, process of hominization, seven dynamics of consciousness, process of individuation.

Referência

- ALVARENGA, M. Z. (org.). *Anima-animus de todos os tempos*. São Paulo: Escuta, 2017.
- ALVARENGA, M. Z. *Os Deuses castigam? Mitologia e psicopatologia simbólica*. eBook Kindle. 2016.
- ALVARENGA, M. Z. A dinâmica do coração: do herói dever, heroína-acolhimento para o herói-heroína-amante-amado. *Junguiana*, São Paulo, n. 18, p. 133-52, 2000.
- ALVARENGA, M. Z. A vida na conjunctio Zeus-Her: a morte na separatio Eco-Narciso. *Junguiana*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 129-6, nov. 2011a.
- ALVARENGA, M. Z. As sete dinâmicas de consciência: a hominização, inteligência espiritual e o processo de individualização. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE PSICOLOGIA ANALÍTICA, 8., 2018, Bogotá Colômbia, 2018. *Anais...* São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 2018.
- ALVARENGA, M. Z. O encontro de Prometeu, Hércules e Quiron: a morte e o morrer, ritos de passagem. *Junguiana*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 58-65, jun. 2011b.
- ALVARENGA, M. Z. O primeiro tribunal de júri. *Junguiana*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 129-35, jul.-dez. 2012.
- ALVARENGA, M. Z. *Por que os deuses castigam?* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- ARAUJO, C. A. Arquétipos e complexos: vida pré-natal e primeiríssima infância. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE PSICOLOGIA ANALÍTICA, 8., 2018, Bogotá Colômbia, 2018. *Anais...* São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 2018.
- BONDER, N. *A alma imoral*. Rio de Janeiro: ROCCO; 1998.
- BRADEN, G. O efeito Isaías: decodificando a ciência perdida da prece e da profecia. São Paulo: Cultrix, 2017.
- BRANDÃO, J. S. *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1992. Vol. 2.
- BYINGTON, C. A. B. O desenvolvimento simbólico da personalidade: os quatro ciclos arquetípicos. *Junguiana*, São Paulo, v. 1, p. 8-63, 1983.
- CHARDIN, P. T. *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CORDEIRO, A. M. A fala encantada da alma, Sharazade e o Sultão. In: ALVARENGA, M. Z. (org.). *Anima-animus de todos os tempos*. São Paulo: Escuta, 2017. p. 86-93.
- D'ÁVILA, S. T. *As moradas do castelo interior*. São Paulo: Paulus, 1981.
- DIONNE JUNIOR, E. J.; REID, J.-A. *Nós somos a mudança que buscamos: discursos de Barack Obama*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.
- DISCURSO de Rui Barbosa no Senado em 1914. Disponível em: <<http://fabioibrahim.blogspot.com.br/2012/10/discorso-de-rui-barbosa-no-senado-em-1914.html>>. Acesso em: 26 jan. 2017.
- INTERNATIONAL STANDARD BIBLE ENCYCLOPEDIA ONLINE. Man; Disponível em: <<http://www.internationalstandardbible.com/M/man-new.html>>. Acesso em: jan. 2017.
- McTAGGART, L. *O campo: em busca da força secreta do Universo*. São Paulo: Roco, 2004.
- MOORE, K. *Embriologia clínica*. São Paulo: Elsevier, 2016.
- MURRAY, L.; ANDREWS, L. *The social baby*. Richmond: The Children's Project, 007.
- SHELDRAKE, R. *Ressonância mórfica & a presença do passado*. São Paulo: Instituto Piaget, 2016.
- WIGGLESWORTH, C. *Las 21 aptitudes de la inteligencia espiritual: un paso más allá de la inteligencia emocional*. (Spanish Edition) (Locais do Kindle 3756). México: Penguin Random House, 2012.
- WIKIPEDIA. Ubuntu (filosofia). Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_(filosofia))>. Acesso em: 20 jul. 2016.
- ZOHAR, D., MARSHALL, I. *A inteligência espiritual*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.



O erro na psicologia analítica: sombra ou luz?

Aurea Afonso M. Caetano*

Resumo

A autora resgata a noção do erro na psicologia analítica, revisitando o trabalho inicial de Jung no teste de associação. Busca compreender o que sustenta o processo analítico, tanto do ponto de vista da psicodinâmica quando dos novos modelos de funcionamento cerebral como propostos pelas neurociências. Discute em que medida a busca do certo, do modelo ideal, pode impedir o desenvolvimento propondo que nosso trabalho enquanto psicoterapeutas seria possibilitar a formação de um campo favorável à (re) construção do movimento intrapsíquico, e não corrigir “erros” introduzindo a importante discriminação entre *to cure* e *to heal*. ■



Palavras-chave
Encontro analítico, erro, teste de associações, neurociências, inter-relação, sintoma e cura.

* Aurea Afonso M. Caetano, psicóloga, filiada à SBPA, mestre em Psicologia Clínica, pela PUC-SP.
E-mail: <aureacaetano@uol.com.br>

O erro na psicologia analítica: sombra ou luz?

1. Introdução

Sabemos da importância do trabalho com o “teste de associação de palavras” para o desenvolvimento do conceito de complexo na psicologia junguiana e encontramos nele a questão do erro como possibilidade e condutor na constituição psíquica. Erros ou falhas, considerados irrelevantes ou descartáveis nas análises iniciais dos resultados dos testes de associação, abrem caminho para que Jung, em sua genial curiosidade, intuisse ali o que mais tarde vai chamar de caminho ou “via régia para o inconsciente, arquiteto de sonhos e de sintomas” (JUNG, 1981, par. 210)

Tal qual fendas geológicas mostrando camadas profundas da terra, assim também as falhas no teste de associação funcionaram como aberturas para a compreensão das expressões mais profundas da psique propiciando a formulação do conceito de complexo de tonalidade afetiva (CAETANO; MACHADO, 2018).

A atitude junguiana observa inúmeros fenômenos sem estabelecer entre eles uma hierarquia. Desta maneira, podemos pensar com Jung que o erro ou defeito tem seu espaço, lugar e é estruturante. Deformidades, defeitos e falhas são elementos constitutivos de nossas psiques. Podem ser considerados “pontos nodais”, “elementos nucleares” que pertencem à matriz eterna de cada psique humana. Aproximando esses defeitos e falhas do conceito de complexo, pensamos, com Jung, que são “focos e nós da vida psíquica, sem os quais ninguém gostaria de passar e que não devem faltar ou a vida psíquica chegaria a um tipo de paralisação” (JUNG, 1990, par. 925). Focos e nós, como veremos, são importantes na medida em que provocam movimento, transformação.

[...] aprendi que os maiores e mais importantes problemas da vida são fundamentalmente insolúveis. Devem ser, por

que expressam a necessária polaridade inerente a todo sistema autorregulado. Não podem ser solucionados, apenas ultrapassados. Portanto, me pergunto esta ultrapassagem, esta possibilidade de maior desenvolvimento psíquico, não é o normal e ficar preso a um conflito é o patológico (JUNG, 1973, par. 18).

Jacobi (1990, p. 31) afirma que: “Somente um número individualmente limitado de complexos é que sempre poderá ser conscientizado. O restante permanecerá como ‘ponto nodal’ ou ‘elemento nuclear’”. Jung, indo além, afirma: “Estou inclinado a pensar que os complexos autônomos estão entre os fenômenos normais da vida e que eles são parte da estrutura da psique inconsciente” (JUNG, 1981, par. 218).

Uma análise junguiana explora os processos que acontecem no encontro entre duas pessoas e cada encontro é sempre um novo encontro. Somos, enquanto terapeutas, ao mesmo tempo, únicos e iguais; para cada cliente que atendemos, aspectos diversos de nossa personalidade podem ser constelados a cada momento; cada processo é singular e individual. E o que fazemos nós senão tentar, através de palavras, metáforas, analogias e parábolas expandir nosso conhecimento, criar novas possibilidades de compreensão? Circum-ambulação – ir dando a volta ao símbolo na tentativa de compreendê-lo cada vez melhor; aumento da rede de significados: tem sido esta nossa tentativa.

Poderemos utilizar o conhecimento atual das neurociências para ampliar o conhecimento de nosso campo de trabalho, buscando novos símbolos para falar de nossos enigmas?

2. Psicologia Analítica e Neurociências

Schore (2012), estudioso da neurobiologia da psicoterapia, afirma que as intervenções te-

rapêuticas se baseiam em processos dinâmicos e implícitos de relacionamento. A informação da comunicação inconsciente não verbal no relacionamento de psicoterapia tem papel essencial; as comunicações, implícitas na relação terapeuta-paciente, transmitem mais do que verbalizações conscientes. A psicoterapia é capaz de promover modificações tanto nas funções quanto na estrutura psíquica, mesmo em estágios mais avançados do desenvolvimento.

Schore concorda com a ideia de que quanto mais o terapeuta facilita a experiência/expressão afetiva de seus pacientes em psicoterapia, mais os pacientes mostram mudanças positivas e que esta facilitação afetiva é um preditor poderoso do sucesso do tratamento. O papel essencial do cérebro direito (sua terminologia) no “processamento inconsciente do estímulo emocional” e na “comunicação emocional” é diretamente relevante aos modelos clínicos recentes de “inconsciente afetivo” e “inconsciente relacional” onde “uma mente inconsciente se comunica com outra mente inconsciente” (SCHORE, 2012).

Schore conclui que o cérebro direito é dominante no tratamento e que a psicoterapia não é a cura pela fala, mas a cura pelo afeto. A comunicação cérebro direito-cérebro direito representa a possibilidade de interações entre os sistemas inconscientes primários do paciente e do terapeuta, e que a “cognição de processo primário” é o maior mecanismo comunicativo de inconsciente relacional. Mais do que o afeto empático, sintonia e contato profundo são necessários para uma progressão terapêutica mais ampla. Da mesma forma, afirma Jung:

Nenhum artifício evitará que o tratamento seja o produto de uma interação entre o paciente e o médico, como seres inteiros. O tratamento propicia o encontro de duas realidades irracionais, isto é, de duas pessoas... que trazem consigo não só uma consciência, que talvez possa ser definida, mas, além dela, uma extensa e

imprecisa esfera de inconsciência. Esta é a razão por que muitas vezes a personalidade do médico é infinitamente mais importante para um tratamento psíquico do que aquilo que o médico diz ou pensa... (1985, p. 163).

Cozolino (2006, 2010, 2013, 2016) vem pesquisando a neurociência da psicoterapia e diz que no cerne da interface entre estas duas áreas está o fato de que a experiência humana é mediada por dois processos que interagem entre si. O primeiro deles é a expressão de nosso passado evolutivo pela organização, desenvolvimento e funcionamento do sistema nervoso – um processo que resultou em bilhões de neurônios se organizando em redes neuronais, cada qual com seu próprio tempo e necessidades para crescimento. O segundo processo é a configuração contemporânea de nossa arquitetura neural dentro do contexto dos relacionamentos humanos. O cérebro é um “órgão social de adaptação”, estimulado a crescer através de interações positivas e negativas com os outros (Cozolino, 2006). Pensar no passado evolutivo é também poder pensar com Jung quando este afirma:

A psique não é de hoje; sua linhagem remonta a alguns milhões de anos. A consciência individual é, apenas, a flor e o fruto de uma estação, brotam do rizoma perene sob a terra; e estaria mais de acordo com a verdade se levasse em conta a existência do rizoma. Porque a matéria raiz é a mãe de todas as coisas (1990, p. xxiv).

De acordo com Cozolino, no coração da psicoterapia está a compreensão das forças entrelaçadas da natureza e da criação, o que dá certo e errado no seu desenvolvimento e desdobramento, e como restabelecer o funcionamento neural saudável. Segundo este autor, os genes fornecem a organização das estruturas uniformes do cérebro. Estruturas e funções uniformes

são herdadas através do nosso DNA e compartilhadas por todos os membros saudáveis de nossa espécie, aspecto da herança genética tradicionalmente pensada como “natureza”. Mas é através da tradução da experiência em estruturas neurobiológicas que a natureza e a criação tornam-se um só (COZOLINO, 2006, p. 6), em um processo que, este autor, vai depois chamar-se “alquimia bioquímica”:

[...] a experiência molda a arquitetura de nossos sistemas neurais, tornando cada cérebro uma mistura única de nossa história evolutiva compartilhada e nossas experiências individuais. Assim, nossos cérebros são construídos na interface de experiências e de genética, onde a natureza e a educação se tornam um (COZOLINO, 2013, p. 15,16).

Ainda de acordo com Cozolino: como o afeto é repetidamente trazido para a relação terapêutica, o cliente internaliza gradualmente essas habilidades ao esculpir as estruturas neurais necessárias para autorregulação. Em um nível neurológico, isso equivale à integração e comunicação de redes neurais dedicadas à emoção, cognição, sensação e comportamento e um equilíbrio adequado entre excitação e inibição. Nós psicoterapeutas estimulamos a neuroplasticidade e integração neural; orientamos nossos pacientes entre pensamentos e sentimentos, tentando ajudá-los a estabelecer novas conexões entre os dois e os ajudamos a alterar a sua descrição de si e do mundo, incorporando uma nova consciência e incentivando uma melhor tomada de decisão; possibilitando a criação de novas narrativas (COZOLINO, 2016).

Corroborando e ampliando estas ideias, Wilkinson (2006, 2010) sugere que o processo psicoterapêutico é como uma dupla hélice, na qual as interações entre os dois lados do cérebro se entrelaçam, de modo a formar um todo. Afirma que um dos aspectos da terapia é lidar

com o reino do implícito, predominantemente afetivo, que surge do hemisfério direito a partir da afetividade e interatividade experienciadas entre paciente e terapeuta. O outro aspecto diz respeito ao trabalho com os conteúdos explícitos, que surgem do hemisfério esquerdo, predominantemente cognitivo, trabalho este manifestado através das interpretações. A interpretação sozinha, no entanto, não é o bastante para reparar danos nas estruturas implícitas da mente; a sintonia afetiva baseada na contratransferência empática é o único agente que irá proporcionar compreensão para o terapeuta, e pode levar a mudanças na mente do paciente.

Esta autora afirma que o foco da terapia deveria ser “facilitar uma coordenada integração entre a memória relacional, explícita e implícita, e saber como se manifesta em imagens, sonhos, histórias e narrativas, bem como na relação analítica” (WILKINSON, 2010, p. 85).

3. Sobre o trabalho analítico

Uma vez que psique e matéria são contidas em um e no mesmo mundo, e mais ainda estão em contínuo contato uma com a outra [...] é não apenas possível, mas muito provável, que psique e matéria sejam dois aspectos de uma e mesma coisa (JUNG, 1981, par. 418).

O que acontece no “bordo”, na fronteira, ou na transição entre polos do espectro? Espaço de criação do simbólico e da cultura; espaço de encontro com o outro. Estabelecimento de pontes? “Elas pressupõem a presença do ‘outro’, de um ‘aqui’ e um ‘lá’, de um ‘agora’ e um ‘então’, de um ‘este lado’ e ‘outro lado’” (GORDON, 1993, p. 4); uma ponte separa e une, atua como fronteira; pressupõe separação e unidade, sem isolamento ou ruptura; significa contato e comunicação entre o que permanece separado e distinto”. Há fronteiras, não barreiras. Há sempre a possibilidade de mudança, movimento e

também tensão, incerteza, dialética. Onde há uma ponte há a possibilidade de criação de um terceiro (GORDON, 1993, p. 7).

A terceira área, área da ilusão, área da experiência, que, segundo Winnicott, se localiza no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio ambiente, aquilo que, de início, tanto une quanto separa o bebê e a mãe. Área que se desenvolve a partir da experiência do bebê com o objeto transicional, “primeiro ato criativo”, fonte do brincar, da criatividade, do simbolismo, do simbólico.

E, afirmando com Gordon podemos dizer que é nessa “área da ilusão” de Winnicott, que o híbrido, o processo arquetípico interage com as funções psicológicas através das quais conhecemos a realidade (GORDON, 1993, p. 112). Espaço potencial como espaço de transição, de ocupação, de construção do novo, do diferente e do individual; espaço no qual o original e o atual, a tradição e a modernidade, o arquétipo, híbrido entre natureza e cultura, pode ser “atualizado” espaço de criação do novo e da cultura, possibilidade de surgimento da função simbólica.

Criando todas as coisas, ele entrou em tudo
Entrando em todas as coisas, tornou-se o
Que tem forma e o que é informe; tornou-se
O que pode ser definido e o que não pode
ser definido;
Tornou-se o que é grosseiro e o que é sutil.
Tornou-se toda espécie de coisas: por
isso os sábios chamam-no o real
(Upanishades).

E como exercemos nossa subjetividade?

Winnicott afirma que “a psicoterapia é efetuada na superposição de duas áreas lúdicas, a do paciente e a do terapeuta. Se o terapeuta não pode brincar, então ele não se adequa ao trabalho” (WINNICOTT, 1991, p. 80).. E o que seria esse brincar para nós, terapeutas junguianos?

Seria a possibilidade de “folgar” em nossa própria subjetividade exercitando em toda plenitude nossa equação pessoal colocando-a a

serviço do encontro analítico. Para a psicologia analítica, a dupla de trabalho é composta por dois seres humanos em constante interação consciente, mas também inconsciente (ideia esta que tem sido corroborada pelos estudos em neurociência). A pessoa ou personalidade do terapeuta tem tanta importância quanto à do paciente neste trabalho.

Na análise relacional trabalha-se com a noção de uma realidade construída na relação, ou seja, não há uma verdade a ser descoberta ou compreendida no processo analítico. O passado é revisto e reconstruído na relação terapeuta-paciente, transformando o presente e abrindo novas possibilidades para o futuro. Em Jung a verdade surge a partir do processo de resolução da dialética dos opostos, processo psíquico incessante e natural que acontece na relação do sujeito consigo mesmo e com o mundo, portanto também com o terapeuta. Segundo Jung, “Uma verdade é uma verdade quando funciona”.

Então, pensando sobre o que é o real, para cada cultura, em cada época, tal como proposto pelos Upanishades, propomos que é no verdadeiro encontro analítico, no momento de encontro, no terceiro analítico, através da percepção criativa, segundo Winnicott, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida (WINNICOTT, 1991, p. 71) e que o real pode ser “construído”. Este espaço potencial pode ser visto como sagrado para o indivíduo, porque é aí que experimenta o viver criativo. E o que seriam então os erros e defeitos ou, perguntando com Winnicott: sobre o que versa a vida? Afirma ele que “podemos curar nosso paciente e nada saber sobre o que lhe permite continuar vivendo” (WINNICOTT, 1991, p. 100) e então como podemos ser facilitadores no caminho pela busca do sentido?

Gordon (1993) nos mostra uma importante diferença etimológica entre dois vocábulos utilizados na língua inglesa, que são traduzidos da mesma forma em português *to cure* e *to heal*. Sua história, no entanto, é bem diferente:

to cure vem da palavra latina *curare* e significa “tomar conta de’ ou em inglês ‘to take care of’” e também “tratamento médico bem-sucedido”. Já o vocábulo *to heal* é uma palavra antiga na língua inglesa e relacionada à palavra *Holy* ou “sagrado” e ainda “inteiro”. Esta autora propões então o uso da palavra ‘cure’ ao nos referirmos ao processo de “tomar conta de” sintomas específicos e funcionamentos inadequados e da palavra *heal* ao processo de evolução da totalidade de um organismo em direção a uma mais complexa inteireza.

Parte de nosso trabalho tem a ver com a remoção dos sintomas, usualmente sinais de que algo naquela personalidade não vai bem, e a conseqüente liberação da energia psíquica facilitando um funcionamento psicológico mais adequado. Jung oferece um novo olhar à função do sintoma, afirmando que ele pode ter uma função estabilizadora no sentido de tentar manter uma homeostase anterior; antes de algo a ser retirado ou curado o sintoma pode ser visto como símbolo, como possibilidade criativa daquela psique. Afirmava que não deveriam ser necessariamente resolvidos, mas compreendidos, ampliados e vistos como essenciais no processo de individuação do sujeito. Compreendemos que os erros ou defeitos, desta forma compreendidos, podem abrir campo para a aceitação da crise e para a entrada em contato com o que ela pode representar e/ou o caminho que pode através dela ser indicado.

4. Conclusão

Desta forma, propomos que aceitar os erros e defeitos, encontrando um lugar possível para eles na psique de nossos pacientes (e antes de tudo em nossas próprias psiques), podem favorecer o processo de *healing* no sentido do processo de individuação ou de caminho em direção à inteireza do ser. Estamos ainda desenvolvendo a proposta radical de Jung da necessidade de criar uma psicologia culturalmente sensível; talvez o mais difícil, seja aceitar o fato de que cada época tem a sua própria “leitura de mundo”; e uma não é melhor que a outra. Samuels (2014) fala sobre a necessidade de abandonar uma psicologia colonial em que há um “tamanho único” (SAMUELS, 2014, p. 652) ou, uma única verdade.

Apenas através da relação dialética consciente-inconsciente, da construção de pontes, da ocupação da “terceira área”, espaço transicional pode o homem dar sentido ao mundo, ao seu mundo e viver uma vida que tenha, para ele, um significado pleno.

O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão
(Guimarães Rosa). ■

Recebido em: 30/08/2018 Revisão em: 12/12/2018

Abstract

Error in analytical psychology: shadow or light?

The author rescues the notion of error in analytical psychology, revisiting Jung's early work on the word association test. She tries to understand what supports the analytical process, both from the point of view of psychodynamics and from the new models of brain functioning as proposed by neurosciences. She discusses, to what

extent, the search for the right, the ideal model can inhibit development; proposes that our work as psychotherapists is to enable the formation of a field favorable to the (re) construction of the intrapsychic movement and not to correct "errors" introducing the important discrimination between "to cure" and "to heal". ■

Keywords: analytical encounter, error, word association test, neurosciences, interrelation, symptom, cure.

Resumen

¿El error en la psicología analítica: sombra o luz?

La autora rescata la noción del error en la psicología analítica, revisitando el trabajo inicial de Jung en la prueba de asociación. Se busca comprender lo que sostiene el proceso analítico, tanto desde el punto de vista de la psicodinámica cuando de los nuevos modelos de funcionamiento cerebral como propuestos por las neurociencias. Analiza, en

qué medida, la búsqueda de lo cierto, del modelo ideal puede impedir el desarrollo proponiendo que nuestro trabajo como psicoterapeutas es posibilitar la formación de un campo favorable a la (re) construcción del movimiento intrapsíquico y no corregir errores introduciendo la importante discriminación entre to cure y to heal. ■

Palabras clave: encuentro analítico, error, prueba de asociaciones, neurociencias, interrelación, síntoma y cura.

Referências

- CAETANO, A. A.; MACHADO, T. Complex in memory, mind in matter: walking hand in hand. *Journal of Analytical Psychology*, v. 63, n. 4, p. 510-28, Aug. 2018. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12431>
- COZOLINO, L. *The neuroscience of human relationships*. New York: W.W.W. Norton, 2006.
- COZOLINO, L. *The neuroscience of psychotherapy*. New York: W. W. Norton, 2010.
- COZOLINO, L. *The social neuroscience of education*. New York: W. W. Norton, 2013.
- COZOLINO, L. *Why therapy works*. New York: W. Norton, 2016.
- GORDON, R. *Bridges-metaphor for psychic processes*. London: Karnak Books, 1993.
- JACOBI, J. Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C. G. Jung. São Paulo: Cultrix, 1990.
- JUNG, C. G. *Alchemical studies, CW 13*. New York: Princeton University Press, 1973.
- JUNG, C. G. *Experimental researches, CW 2*. New York: Princeton University Press, 1990.
- JUNG, C. G. *The development of personality, CW 17*. New York: Princeton University Press, 1981.
- JUNG, C. G. *The practice of psychotherapy, CW 16*. New York: Princeton University Press, 1985.
- JUNG, C. G. *The structure and the dynamics of the psyche, CW 8*. New York: Princeton University Press, 1981.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SAMUELS, A. Political and clinical developments in analytical psychology, 1972-2014: subjectivity, equality and diversity-inside and outside the consulting room. *Journal of Analytical Psychology*, v. 59, n. 5, p. 641-60, Nov. 2014. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12115>.
- SCHORE, A. *The science of the art of psychotherapy*. New York: W. W. Norton, 2012.
- WILKINSON, M. *Changing minds in therapy*. New York: W. W. Norton & Norton, 2010.
- WILKINSON, M. *Coming into mind: the mind-brain relationship: a jungian clinical perspective*. New York: Routledge, 2006.
- WINNICOTT, D. W. *Playing and reality*. New York: Routledge, 1991.

Error in analytical psychology: shadow or light?

Áurea Afonso Caetano*

Abstract

The author rescues the notion of error in analytical psychology, revisiting Jung's early work on the word association test. She tries to understand what supports the analytical process, both from the point of view of psychodynamics and from the new models of brain functioning as proposed by neurosciences. She discusses, to what extent, the search for the right, the ideal model can inhibit development; proposes that our work as psychotherapists is to enable the formation of a field favorable to the (re) construction of the intrapsychic movement and not to correct "errors" introducing the important discrimination between "to cure" and "to heal". ■



Keywords
Analytical encounter, error, word association test, neurosciences, interrelation, symptom, cure.

* Áurea Afonso M. Caetano, psicóloga, filiada à SBPA, mestre em Psicologia Clínica, pela PUC-SP.
E-mail: <aureacaetano@uol.com.br>

Error in analytical psychology: shadow or light?

1. Introduction

We know the importance of the word association test for the Jungian psychology developing the concept of complex and we find in the complex the error as enabler and conductor in the psychic constitution. Whether errors or flaws, seen as irrelevant or disposable, in the initial analyses of association tests' results, they make way for Jung, in his ingenious curiosity, intuit what later he named as path or "via regia to the unconscious, architect of dreams and of symptoms" (JUNG, 1981, par. 210).

Just like geological fissures displaying the deepest inners of Earth, flaws in the word association tests also worked as entries for the understanding of the psyche's deepest expressions and allowed for the formulation of the concept of complex of affective tonality (CAETANO; MACHADO, 2018).

Jungian's attitude observes a number of phenomena without, though, establishing among them any hierarchy. This way, we can take on Jung to think that errors or defects have their space, place and that they are structuring. Deformities, defects and flaws are constituting elements of our psyches. They may be considered as "nodal points", "nuclear elements" which belong to the eternal matrix of every and each human psyche. Bringing those defects and flaws close to the concept of complex, with Jung, we think that they are "focal or nodal points of the psychical life, which we would not wish to do without and indeed should not be missing, for otherwise psychic activity would come to a fatal standstill" (JUNG, 1990, par. 925). Focal and nodal points are, as we shall see, important, as they provoke movement, transformation.

[...] I had learned that all the greatest and most important problems of life are fundamentally insoluble. They must be so,

for they express the necessary polarity inherent in every self-regulating system. They can never be solved, but only outgrown. I therefore asked myself whether this outgrowing, this possibility of further development, was not the normal thing and whether get stuck in a conflict was pathological (JUNG, 1973, par. 18).

Jacobi (1990, p. 31) states that: "Only an individually limited number of complexes can be made conscious. The rest continues to exist as "nodal points" or "nuclear elements". Jung, going beyond, states that: "I'm therefore inclined to think that autonomous complexes are among normal phenomena of life and that they make up the structure of the unconscious psyche" (JUNG, 1981, par. 218).

A Jungian analysis explores the processes which take place during the encounter of two individuals and, every encounter is a new one. As therapists, we are unique and equal. Diverse traits of our personality may constellate at every moment, each process is unique and single. And all we do is, through words, metaphors, analogies and parables, to expand our knowledge, create new possibilities of understanding. Circumambulation – going around the symbol so as to try to comprehend it increasingly better, expanding the network of meanings, this has been, indeed, our attempt.

Will we be able to use the current knowledge of neurosciences in order to enlarge knowledge of our field of work, seeking new symbols to talk about our enigmas?

2. Analytical Psychology and Neurosciences

Schore (2012) a scholar of neurobiology of psychotherapy states that therapeutic interven-

tions are based on dynamic and implicit relationship processes. The information from the non-verbal unconscious communication has an essential role; implicit communications in the therapist-patient relationships, transmit more than conscious verbalization. Psychotherapy is able to promote changes both in the psychic **functions** as well as in its **structures**, even in further stages of development.

Schore agrees with the idea that the more the therapist facilitates the affective experience/expression of patients in psychotherapy, the more the patients demonstrate positive changes and that this affective facilitation is a powerful predictor of the treatment success. The essential role of the right brain [his terminology] in the “nonconscious processing of the emotional stimuli” and in the “affective communication” is directly relevant to recent clinical models of “affective unconscious” and “relational unconscious” where “an unconscious mind communicates to another unconscious mind” (SCHORE, 2012).

Schore concludes that the right brain is dominant in the treatment and that psychotherapy is not the cure through speech, but cure through affection. The “right brain-right brain” communication represents the enabling of interactions between the primary unconscious systems of the patient and the therapist, and the “primary process cognition” is the most important communicative mechanism of the relational unconscious. More than emphatic affection, being attuned and in deep contact are necessary for a more comprehensive therapeutic progression. Likewise, Jung asserts that:

By no device can the treatment be anything but the product of mutual influence, in which the whole being of the doctor as well as that of his patient plays its part. In the treatment there is an encounter between two irrational factors, that is to say, between two persons who are not fixed and determinable quantities but

who bring with them, besides their more or less clearly defined fields of consciousness, an indefinitely extended sphere of non-consciousness. Hence, the personalities of the doctor and patient are often infinitely more important for the outcome of the treatment than what the doctor says or thinks... (1985, p. 163).

Cozolino (2006, 2010, 2013, 2016) has been researching neurosciences of psychotherapy and says that in the core of the interface between these two areas lies the fact that human experience is mediated by two processes which interact with each other. The first is the expression of our evolutionary past through organization, development and functioning of our nervous system – a process that resulted in billions of neurons arranging themselves in neural networks, each one having its own timing and needs for growth. The second process is the contemporary arrangement of our neural architecture within the human relationships context. The brain is a “social adaptation body”, stimulating to grow through positive and negative interactions with others (COZOLINO, 2006). Thinking the evolutionary past is also to be able to think with Jung when he affirms:

The psyche is not of today; its ancestry goes back many millions of years. Beneath the individual consciousness is only the flower and the fruit of a season, sprung from the perennial rhizome beneath the earth; and it would find itself in better accord with the truth if it took the existence of the rhizome into its calculations. For the root matter is the mother of all things (1990, p. xxiv).

According to Cozolino, “at the heart of psychotherapy lies the understanding of the intertwined forces of nature and creation, what goes right or wrong in its development and unfolding, and how to reestablish a healthy neural func-

tioning” (COZOLINO, 2010, p. 12). According to the author, genes enable the organization of the brain’s uniform structures. Uniform structures and functions are inherited through our DNA and shared among all healthy members of our species, a key feature of the genetic inheritance traditionally thought as “nature” (COZOLINO, 2010). But it is through the translation of experiences into neurobiological structures that nature and creation become one in a process which he then names “biochemical alchemy”:

[...] the experience shapes the architecture of our neural systems, making each brain a unique mixture of our evolutionary shared history and our individual experiences. Thus, our brains are built in the interface of experiences and genetics, where nature and education turn into one (COZOLINO, 2013, p. 15, 16).

Still according to Cozolino: as the affection is repeatedly brought into the therapeutic relationship, the patient gradually internalize such skills by carving the neural structures needed for self-regulation. In a neurological level, this equals to the integration and communication of neural networks dedicated to emotions, cognition, sensations and behavior and an adequate balance between stimulus and inhibition. We, psychotherapists, stimulate the neuroplasticity and neural integration; we guide our patients among thoughts and feelings, trying to assist them to set new connections between them, as well as we assist them in changing their accounts of the self and the world and a new consciousness, and encouraging a better decision making; allowing for the creation of new narratives (COZOLINO, 2016).

Wilkinson substantiates and expands those ideas (2006, 2010), suggesting that the psychotherapeutic process is like a double helix, whereby the interactions between the two sides of the brain intertwine so as to make a whole. She states that:

“One aspect of therapy deals with the implicit, arising from the right hemisphere; it is predominantly affective, composed of the affective encounter between therapist and patient. The other deals with the explicit, arising from the left hemisphere; it is predominantly cognitive, manifest in interpretation” (Wilkinson, 2010, p. 85). “Interpretation alone, however, is not enough to redress damages to implicit structures in the mind” (WILKINSON, 2010, p. 86); the affective attunement based on the empathic countertransference is the only agent to provide the therapist with understanding and can lead to changes in the patient’s mind.

This author affirms that the focus of therapy should be “on facilitating a coordinated integration of explicit and implicit relational memory” (WILKINSON, 2010, p. 85) and to know how they manifest into images, dreams, stories, and narratives, as well as into the analytic relationship.

3. About the analytical work

Since psyche and matter are contained in one and the same world, and moreover are in continuous contact with one another and ultimately rest on irrepresentable, transcendent factors, it is not only possible but fairly probable, even, that psyche and matter are two different aspects of one and the same thing (JUNG, 1981, par. 418).

What happens at the “frontiers” of the border, or in the transition between poles of the specter? Space of creation of symbols and of culture; space of encounter with others. Bridging? “A bridge presupposes the presence of the ‘other’, of a ‘here’ and a ‘there’, a ‘now’ and a ‘then’, a ‘this side’ and ‘an Other side” (GORDON, 1993, p. 4); it separates and divides and acts as a boundary; it presupposes separateness and uniqueness, without isolation or rupture; it symbolizes contact and communication between that which remains always separate, distinct and apart. There

are boundaries, but no barriers. There is always the possibility of change, movement and also tension, uncertainty, dialectics. Wherever there is a bridge there is the possibility of a third (GORDON, 1993, p. 7).

The third area, the area of illusion, area of experience which, according to Winnicott, can be found in the existing potential space between the individual and the environment, the one which, at first, separates as well as unites, the baby and the mother. Area that develops from the baby's experience with the transitional object, "first creative act", source of playing, of creativity, of symbolism, of the symbolic.

And, restating with Gordon, we can say that "it is within that Winnicott's 'area of illusion' that the hybrids, the archetypical processes interact with those psychological functions through which we come to know reality" (GORDON, 1993, p. 112). Potential space as a space for transition, for occupation, for creating the new, the different and the singular; space where the original and the current, the tradition and the modernity, the archetype, hybrid between nature and culture, can be "updated", space for creation of the new and the culture, possibility of emergence of the symbolic function.

Creating everything, he got into all
Getting into all things, he became the
One who has form but who is shapeless;
became
He who can be defined and who cannot
be defined;
Became what is rough and what is subtle.
Became all sorts of things: for this the
wise call him the real
(Upanishads).

And how do we exercise our subjectivity?

Winnicott states that:

"psychotherapy takes place in the overlap of two areas of playing, that of the patient and that of the therapist. Psychotherapy has to do with two people playing together. The corollary of this

is that where playing is not possible then the work done by the therapist is directed towards bringing the patient from a state of not being able to play into a state of being able to play". If the therapist cannot play, then he or she is not adequate to work (WINNICOTT, 1991, p. 80).

And what would this "playing" be for us, Jungian therapists?

It would be the possibility of "being off" in our own subjectivity exercising in fullness our personal equation putting it to the service of the analytical encounter. For the analytical psychology, the working pair is made of two human beings in constant conscious, but also unconscious interaction (idea which has been endorsed by neurosciences' studies). The therapist's identity or personality has as much importance as the patient's in this work.

In the relational analysis, there is the concept of a reality built in the relationship, that is, there is not a truth to be discovered or understood in the analytical process. The past is revised and rebuilt in the therapist-patient relationship transforming present and enabling new possibilities for the future. In Jung the truth emerges from the resolution of the dialectics of opposites, an unceasing and natural psychic process that takes place in the relationships of the individual with the self and the world, therefore, also with the therapist. As per Jung, "A truth is a truth whenever it works".

Thus, thinking about what is real, in different cultures, in different periods of time, such as Upanishads proposed, we suggest that it is in the true analytic encounter, at the moment of the encounter, in the third analytic, through the creative apperception, according to Winnicott, that the individual feels that life is worth living (WINNICOTT, 1991, p. 71) and that the real can be "constructed". This potential space can be seen as sacred for an individual, for it is there where one experiences the creative living. And what would be the errors or defects, or, following Winnicott's questioning: What is the meaning of life? He asserts that "you may cure

your patient and not know what it is that makes him or her go on living” (WINNICOT, 1991, p. 100). And then, how can we be facilitators on the path to seeking meaning?

Gordon (1993) shows us an important etymological difference between two words used in the English language, “to cure” and “to heal” – which are translated into Portuguese, my mother tongue, as the same word. According to Gordon, their origin, though, is rather distinct: “to cure” comes from the Latin word *curare* and means “to take care of” as well as “a successful medical treatment”. As for ‘to heal’, it is an ancient word in the English language and closely related to the word “Holy” or “sacred” and also “whole”. The author then proposes the use of the word ‘cure’ to refer to the process of “taking care of” specific symptoms and inadequate functioning of, and use “to heal” with an organism’s evolution process towards a more complex wholeness.

Part of our work is related to removing symptoms, usually signs that something in that person is not doing well, and the subsequent release of psychic energy facilitating a more adequate psychological functioning. Jung offers a new look at the meaning of symptoms, stating that such symptoms may have a stabilizing function in the sense of trying to keep a prior homeostasis; prior to being seen as something to be removed or cured, the symptom can be seen as a symbol, as a creative possibility of that specific psyche. He asserted that not necessarily they should be resolved, but understood, expanded and seen as essential in the individuation process for that individual. We believe that errors or defects, comprehended from this perspective, may open room for the acceptance of the crisis and for getting in contact to whatever such crisis

may represent and/or the path which may be indicated through it.

4. Conclusion

We, therefore, propose that the acceptance of errors and defects, upon finding room for them in our patient’s psyches (and foremost in our own psyches), may favor the “healing” process in the sense of the individuation process or the path towards the being’s wholeness. We are still developing on Jung’s revolutionary idea of the need for creating a culturally-sensitive psychology; the hardest part might be, accepting the fact that each period of time has its own “understanding of the world”; and one understanding is not better than any other. Samuels (2014) speaks about the need for abandoning a colonial psychology where there is a “one size fits all” psychology (SAMUELS, 2014, p. 652) or, an only truth.

Only through the unconscious-conscious dialectical relation, through the bridging, through the occupation of the “third area”, transitional space, the being may bear meaning to the world, her or his own world and live a life that may have, for them, a whole meaning.

You Sr... look, see: the most beautiful and important, in the world, is this: people are not always the same, they haven’t been finished yet – but they keep changing. They attune or disarrange, this is the highest truth. That is what life taught me. That has me fully contented
(Guimarães Rosa). ■

Recebido em: 30/08/2018 Revisão em: 12/12/2018

Resumo

O erro na psicologia analítica: sombra ou luz?

A autora resgata a noção do erro na psicologia analítica, revisitando o trabalho inicial de Jung no teste de associação. Busca compreender o que sustenta o processo analítico, tanto do ponto de vista da psicodinâmica quando dos novos modelos de funcionamento cerebral como propostos pelas neurociências. Discute em que

medida a busca do certo, do modelo ideal, pode impedir o desenvolvimento propondo que nosso trabalho enquanto psicoterapeutas seria possibilitar a formação de um campo favorável à (re) construção do movimento intrapsíquico, e não corrigir “erros” introduzindo a importante discriminação entre to cure e to heal. ■

Palavras-chave: encontro analítico, erro, teste de associações, neurociências, inter-relação, sintoma e cura.

Resumen

¿El error en la psicología analítica: sombra o luz?

La autora rescata la noción del error en la psicología analítica, revisitando el trabajo inicial de Jung en la prueba de asociación. Se busca comprender lo que sostiene el proceso analítico, tanto desde el punto de vista de la psicodinámica cuando de los nuevos modelos de funcionamiento cerebral como propuestos por las neurociencias. Analiza, en

qué medida, la búsqueda de lo cierto, del modelo ideal puede impedir el desarrollo proponiendo que nuestro trabajo como psicoterapeutas es possibilitar la formación de un campo favorable a la (re) construcción del movimiento intrapsíquico y no corregir errores introduciendo la importante discriminación entre to cure y to heal. ■

Palabras clave: encuentro analítico, error, prueba de asociaciones, neurociencias, interrelación, síntoma y cura.

References

- CAETANO, A. A.; MACHADO, T. Complex in memory, mind in matter: walking hand in hadt. *Journal of Analytical Psychology*, v. 63, n. 4, p. 510-28, Aug. 2018. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12431>
- COZOLINO, L. *The neuroscience of human relationships*. New York: W.W.W. Norton, 2006.
- COZOLINO, L. *The neuroscience of psychotherapy*. New York: W. W. Norton, 2010.
- COZOLINO, L. *The social neuroscience of education*. New York: W. W. Norton, 2013.
- COZOLINO, L. *Why therapy works*. New York: W. Norton, 2016.
- GORDON, R. *Bridges-metaphor for psychic processes*. London: Karnak Books, 1993.
- JACOBI, J. *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- JUNG, C. G. *Alchemical studies, CW 13*. New York: Princeton University Press, 1973.
- JUNG, C. G. *Experimental researches, CW 2*. New York: Princeton University Press, 1990.
- JUNG, C. G. *The development of personality, CW 17*. New York: Princeton University Press, 1981.
- JUNG, C. G. *The practice of psychotherapy, CW 16*. New York: Princeton University Press, 1985.
- JUNG, C. G. *The structure and the dynamics of the psyche, CW 8*. New York: Princeton University Press, 1981.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SAMUELS, A. Political and clinical developments in analytical psychology, 1972-2014: subjectivity, equality and diversity-inside and outside the consulting room. *Journal of Analytical Psychology*, v. 59, n. 5, p. 641-60, Nov. 2014. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12115>.
- SCHORE, A. *The science of the art of psychotherapy*. New York: W. W. Norton, 2012.
- WILKINSON, M. *Changing minds in therapy*. New York: W. W. Norton & Norton, 2010.
- WILKINSON, M. *Coming into mind: the mind-brain relationship: a jungian clinical perspective*. New York: Routledge, 2006.
- WINNICOTT, D. W. *Playing and reality*. New York: Routledge, 1991.

Estudo sobre sonhos de pacientes da oncologia pediátrica

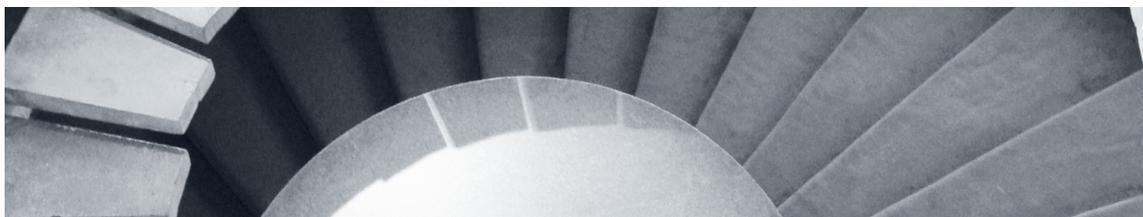
Gabriela Perna de Mendonça*
Ivelise Fortim**

Resumo

Este artigo pretendeu realizar uma breve revisão de literatura da psico-oncologia sobre os efeitos do diagnóstico e tratamento de câncer na vida do indivíduo para, em seguida, relacionarmos com a teoria analítica sobre sonhos, trauma e a doença como símbolo. O objetivo deste trabalho é estudar os sonhos desses pacientes, entre 10 e 12 anos, estejam eles ainda em tratamento ou não, a fim de relacionar os elementos e/ou temáticas comuns aos sonhos deste grupo, com a experiência com a doença, suas

sequelas e a teoria analítica. Foram realizadas entrevistas com o paciente e seu responsável, além da coleta dos relatos de sonhos das crianças. A análise do material nos aproximou da situação psíquica dos sujeitos, na qual, a partir dos elementos e estruturas oníricas, foi possível perceber uma fragilidade emocional intensa e a possibilidade de dissociação psíquica. Os temas oníricos remetem à doença e ao seu tratamento apontando para uma tentativa de elaboração dessas vivências. ■

Palavras-chave
Câncer infantil, sonhos, psicologia analítica, oncologia pediátrica, símbolo.



* Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
E-mail: <gabiperna@uol.com.br>

** Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e Doutora em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos Junguianos. Professora nos cursos de graduação em Psicologia e de Tecnologia em Jogos Digitais da PUC-SP. Coordenadora do Janus (Laboratório de Estudos de Psicologia e Novas Tecnologias).
E-mail: <ifcampos@pucsp.br>

Estudo sobre sonhos de pacientes da oncologia pediátrica

1. Introdução

A infância é uma fase de extrema importância na vida de qualquer indivíduo. Neste momento, a maior preocupação é o seu desenvolvimento e, por isso, um diagnóstico de câncer causa um grande impacto no paciente e em sua família. Toda a rotina daquela criança mudará e os hábitos terão de ser colocados de lado, dando lugar a tratamentos invasivos e dolorosos, medo da morte, além de possíveis hospitalizações, em alguns casos, até em alas isoladas, restringindo o contato com os familiares. Essas novas vivências tendem a causar “sentimentos de culpa, punição, medo da despersonalização e regressão no seu desenvolvimento psicológico e cognitivo” (ALVES; FIGUEIREDO, 2017, p. 61).

O apoio emocional ao paciente e sua família é essencial durante todo o tratamento. Para a criança, existem diferentes trabalhos dentro do contexto hospitalar para lhe fornecer acompanhamento psicológico, tais como: grupos de apoio psicológico, grupo de expressão criativa e de histórias contadas, atividades lúdicas na brinquedoteca e o uso de desenhos. Entretanto, foi verificado por Bigio (2005) o fato de ainda ser comum que criança não tenha conhecimento sobre a doença, seu tratamento e prognóstico, fazendo com que tenha compreensões distorcidas a respeito de sua condição, ficando, assim, impossibilitada de se apropriar de sua realidade. Essa falha na comunicação e na relação paciente-família acaba por provocar sentimentos de abandono e fragilidade emocional. Com isso, além de se sentir distante dos pais, o paciente acaba reprimindo suas angústias, medos e fantasias, podendo apresentar pobreza de recursos internos para lidar com a condição que está enfrentando, como foi verificado pela autora citada.

As experiências vividas a partir do diagnóstico são carregadas por um intenso afeto, fazendo com que todos os elementos perceptivos e mentais associados a essa experiência se acumulem

em torno desse afeto, configurando o que conhecemos como complexos. Como explica Jung (1984), os complexos são parte fundamental do material onírico, que se manifestam em sonhos como personagens, cenários, atitude do ego, clima do sonho etc.

O presente artigo se propôs a estudar sonhos de quatro crianças, entre 10 e 12 anos, diagnosticadas com câncer, visando fazer um paralelo entre o conteúdo onírico e a experiência com a doença. Vemos, neste estudo, como a riqueza deste material possibilita, através das imagens e símbolos, uma aproximação da situação psicológica dos sujeitos.

Por estarem submetidos a experiências muito carregadas emocionalmente e potencialmente traumáticas – tais como separação da família, sintomas físicos, intervenções cirúrgicas, quimioterapia, sentimento de impotência, entre outros –, podemos utilizar a análise dos sonhos como forma de procurar compreender como a psique está sendo afetada e como ela reage a essas vivências.

Kalsched (2013) alerta para o risco de fragmentação psíquica da criança em decorrência de experiências traumáticas. Tipicamente, quando isso acontece, “uma das partes do ego regressa ao período infantil e outra parte progride, isto é, cresce rápido demais e se torna precocemente adaptada ao mundo exterior, com frequência como um ‘falso eu’” (p.15). Nestes casos, a personalidade que regride é geralmente apresentada nos sonhos como um eu vulnerável, inocente e vergonhosamente oculto. Enquanto a parte que progrediu, apresenta-se nos sonhos como um ser poderoso, que protege ou oprime seu duplo, podendo ser representado por um anjo ou um animal selvagem. A dissociação é parte das defesas normais da psique contra o impacto do trauma: ela permite que a vida exterior prossiga, porém a um grande custo interior. Mesmo quando o evento traumático termina – o que poderia equivaler, no

caso deste estudo, ao encerramento das intervenções cirúrgicas, das quimioterapias ou até mesmo do câncer em si –, as sequelas psicológicas continuam a assombrar o mundo interior através de figuras interiores opressoras.

Alguns aspectos gerais do sonho devem ser levados em consideração para realizar este estudo. Jung (2001) compara o sonho a um drama, explicitando três aspectos estruturais que devem ser examinados: primeiro, a introdução, composta pelo cenário, personagens e o problema ou questão; segundo, a peripécia ou desenrolar da história; e, por fim, a solução final ou desfecho.

Cada um desses três aspectos estruturais nos revela informações importantes relacionados ao conteúdo inconsciente, ao ego do sonhador e até mesmo sua personalidade. Já na situação inicial do sonho, é possível que aconteça a introdução do tema arquetípico central. No decorrer do desenvolvimento da ação, surgem aspectos importantes sobre a relação atual do ego com os complexos constelados e padrões arquetípicos ativados que compõem o sonho. Ainda no nível da peripécia, aparecem elementos coadjuvantes, considerados como aspectos da personalidade do sonhador em contato com o ego onírico. O modo como essa relação se dá nos sugere “a função defensiva, protetiva, propulsora ou impeditiva que tais elementos desempenham na dinâmica atual da psique” (PENNA, 2014, p. 123).

A atitude do ego onírico nos ajuda a compreender as potencialidades à disposição do ego, ou seja, as capacidades que já estão, praticamente, disponíveis a ele. Quando o ego onírico assume uma posição ativa no sonho, como comandante da ação, é apontada uma relação produtiva do ego em relação aos complexos. Já uma atitude passiva, quando ele sofre as ações dos outros, ou ausência de ego, colocando-o numa posição de observador, podem denunciar uma “atitude defensiva de vitimização e/ou projeção da responsabilidade pela sua vida nos outros ou nas situações externas” (PENNA, 2014, p. 124). Finalmente, o modo como o sonho termina, ou até onde a memória do sonhador alcança, nos

revela sobre o sentido prospectivo da psique, ou seja, o rumo que está sendo delineado na dinâmica psíquica.

2. O câncer como símbolo

Através do teste de associação, Jung pôde observar que, quando complexos são ativados, são provocadas alterações no nível fisiológico e psicológico. Em outras palavras, complexos muito carregados de energia psíquica podem provocar sintomas no nível da psique, como uma psicose ou, no nível do corpo, como um câncer. Quanto maior a energia num complexo específico, maior a probabilidade de ele ser constelado, ou seja, maior a sintomatologia (RAMOS, 1996)

Jung (1982) compreende que os conteúdos sintomáticos são, em parte, simbólicos e representam indiretamente os estados ou processos inconscientes. Entende-se, portanto, que o próprio sintoma é a representação simbólica de uma desregulação no sistema psíquico, podendo mostrar-se no corpo (como doença física) ou na psique (como doença mental). Da mesma maneira, Oliveira et al (2006) compreendem o sintoma como uma falha na elaboração psíquica naquelas que não possuem recursos internos capazes de elaborar e integrar determinado trauma.

Nesse sentido, Lima, Botelho & Silvestre (2011) encontram, nos sujeitos da pesquisa, ligações entre o histórico de vida e a emergência do câncer. As autoras identificaram que as crianças sofriam decepções emocionais crônicas, como negligência, conflitos familiares, privação afetiva desde pequenas, o que as tornam “suscetíveis à doença, desprotegidas de sua defesa natural” (p.150).

Já Oliveira et al. (2006) levantam algumas hipóteses sobre o câncer como a manifestação de algo não simbolizado. Colocam a manifestação somática como um possível pedido de socorro ou atenção; também observam que, em muitos pacientes hospitalizados, o câncer surgiu após um intenso trauma ou sofrimento psíquico, como um acidente, a morte de um parente, uma separação, entre outros.

Ramos (2006) também afirma que há relação entre eventos psicológicos, o grau de expressividade emocional e o sistema imunológico. Em outras palavras, a não expressão de uma emoção negativa e impactante é potencialmente um fator para a alteração do funcionamento do sistema imunológico.

Compreende-se que a doença surge “como um recurso de compensação, um recurso simbólico de auto-regulação de polarizações conscientes, através da integração de conteúdos inconscientes” (SERINO, 1999, p. 43). Ao permitirmos a conscientização e elaboração dos processos inconscientes via o trabalho com sonhos, favorecemos o fluxo de energia psíquica do inconsciente para a consciência, evitando a desregulação ou estado de unilateralidade, que poderiam afetar o sistema imunológico ou expressar-se simbolicamente no corpo.

3. Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com pacientes da oncologia pediátrica que residiam temporariamente em uma instituição filantrópica ou “casa de apoio” em São Paulo, SP.

Serão usados nomes fictícios a fim de preservar a identidade dos participantes. São eles: Maurício, sexo masculino, 10 anos, em tratamento de leucemia aguda, que esteve internado durante 6 meses para quimioterapia; Melina, sexo feminino, 12 anos, em tratamento para tumor ósseo; Nádia, sexo feminino, 12 anos, manutenção dos efeitos colaterais de um tumor cerebral e da consequente retirada da hipófise, esteve em coma durante 2 anos e foi submetida a diversas cirurgias na cabeça; e Carolina, sexo feminino, 12 anos, que recebeu alta do tratamento de câncer hepático e renal há 10 anos, mas continua em acompanhamento endócrino, nefro e oncológico, passou por quimioterapia e radioterapia, além de ter a suprarrenal removida. A participação foi voluntária e não houve determinação prévia de tipo específico de câncer, o mesmo em relação a gênero, origem étnica e sintomatologia.

É importante ressaltar que os sujeitos dessa pesquisa são de baixo poder aquisitivo, o que já configura uma vulnerabilidade social por si só. Essa condição pode ser um complicador no processo de adoecimento, uma vez que dependem dos serviços públicos de saúde, podendo sujeitá-los a longas filas de espera, escassez de medicamentos, necessidade de locomoção para cidades maiores, entre tantas outras dificuldades vivenciadas pelos entrevistados. Além disso, as crianças e seus respectivos responsáveis vieram de diferentes lugares do Brasil para São Paulo, em busca de um melhor tratamento médico. Essa mudança implica numa quebra brusca da rotina e dos hábitos e, principalmente, no abandono do núcleo familiar, da escola, do trabalho e de todo um suporte emocional indiscutivelmente importante tanto para a criança quanto seu acompanhante

O material foi coletado em um encontro individual com o responsável e com a criança, separadamente. Os encontros ocorreram na instituição onde os sujeitos moravam durante o período da coleta de dados. Através de entrevistas semiestruturadas individuais, gravadas mediante autorização prévia dos entrevistados e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), foram abordados o contexto de vida da criança e seus sonhos.

O método de análise dos dados coletados consiste na categorização dos elementos e temas oníricos, possibilitando identificar similaridades entre os sonhos coletados e relacioná-los com o contexto de vida dos sujeitos.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com número CAAE 61884216.9.0000.5482.

4. Resultados e discussão

A partir dos sonhos coletados, foi possível observar algumas semelhanças, tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto à estrutura onírica. O que nos propomos a fazer é analisar as características em comum entre os sonhos, emba-

dos na leitura teórica apresentada anteriormente, a fim de relacionar o material onírico coletado e a experiência de adoecimento.

As vidas das crianças deste estudo têm sido atravessadas por várias decepções emocionais e traumas como privações afetivas, conflitos familiares violentos, cuidadores com sérias questões psiquiátricas ou de dependência química, assédios verbais, entre outros. Vemos que as mesmas crianças que hoje enfrentam internações, quimioterapias e cirurgias já passaram por diversos impasses e dificultadores do seu desenvolvimento e da sua relação com o mundo. Neste sentido, podemos dizer que, assim como observado por Lima, Botelho & Silvestre. (2011), a instabilidade marcada por esse contexto social pode ter contribuído para uma escassez de recursos de enfrentamento de situações conflitantes, o que resulta numa alteração do sistema psíquico e corporal, surgindo o sintoma.

5. Pesadelos

No que diz respeito aos elementos dos sonhos, pudemos observar a frequente presença de figuras agressoras, que colocam o ego onírico em risco ou de fato atuam de maneira violenta em relação ao sonhador.

De acordo com Kalsched (2013), nos sonhos de vítimas de trauma precoce, a figura daimônica interior ataca ativamente o ego onírico. Neste material onírico, é ilustrado o caráter violento desses processos dissociativos que se autoatacam, nos quais “a figura diabólica traumatiza o mundo objetivo interior a fim de impedir a retraumatização no exterior” (p. 33):

“Vinha um homem e me amarrava dentro de um saco. Ele me encontrava no quarto” (Nádia, 12 anos).

As figuras parecem representar um perigo iminente e constante que atuam em relação ao indivíduo, fazendo com que não consiga se proteger ou evitá-lo. Segundo o autor supracitado, sonhos desse tipo acontecem para evitar que o

ego onírico vivencie o afeto associado ao trauma, interferindo violentamente e dissociando a psique, tirando o ego de cena.

Observamos que, frequentemente, a figura agressora porta ou faz uso de facas, o que é facilmente relacionável com os procedimentos médicos e cirúrgicos que a população em questão está e/ou esteve sujeita.

Eu tive um sonho que me arrancavam os dentes todos. Eu ficava sem dente e tinha que usar chapa. E nisso aqui, saía tudo sangue ó (apontando para os dentes). Aí levavam meus dentes para um lugar, aí eu não sei mais. Eu tava toda amarrada atrás no meu braço, meu olho tava todo tampado. Aí me pintaram toda disso aqui, de preto. Depois de colocar a chapa, pintaram de preto, aí colocaram uma vasilha assim na minha boca e saiu um bocado de sangue. Aí quando sai um bocado de sangue, quando parou, aí veio o gosto de sangue preto, aí quando eu abri o olho eu desmaiei, foi isso. Colocaram um bocado de coisa assim por aqui, por aqui, me “negoçaram”, cortaram minha bochecha, cortaram meus braços, minha mão, meu pé... eu também não tinha sobrancelha (Nádia, 12 anos).

No relato, o sangue aparece como um dos elementos principais, que simbolizaria, de acordo com Chevalier (2003), o veículo da vida e princípio da geração, entretanto, ele aparece preto, o que indica um sentido de algo morto ou podre. De acordo com o autor, o preto é a cor do luto opressivo, sem esperança, “como um nada sem possibilidades” (p. 740). Já os dentes são compreendidos como potencial agressivo, são “as armas de ataque mais primitivas e expressão das atividades” (CIRLOT, 1984, p. 201) e constituem o muro e a defesa do homem interior. Neste sentido, podemos pensar a perda ou a retirada deles como um simbolismo negativo, pois remete à inibição, à passividade, ao medo da derrota, assim como a perda dos mecanismos de defesa e ataque. A

passividade e a fragilidade encontram-se em tal nível que o ego não reconhece qualquer possibilidade de ação ou contra-ataque.

A própria vivência de estar imóvel, com os olhos vendados e sendo cortada diversas vezes parece ser análoga ao que viveu durante os dois anos em que esteve em coma, sendo submetida a cirurgias na cabeça.

Esses sonhos reforçam o sofrimento psicológico e fragilidade emocional que essas crianças parecem estar passando, assim como o sentimento de insegurança e medo já mencionados. Não só as ações desenvolvidas nos sonhos, como o desmembramento, a imobilidade e a ausência de visão, mas os símbolos presentes representam a passividade e a experiência de quase morte vivenciadas por ela.

É também verificável de que maneira as figuras interiores opressoras continuam a assombrar o mundo interno do indivíduo, formando verdadeiras sequelas psicológicas das experiências traumáticas.

Os materiais oníricos parecem apontar uma tentativa de reelaborar e ressignificar a violência sofrida pelas intervenções médicas, representada pela morte física concreta nos sonhos. Estes relatos levantam a possibilidade de atuação do que Kalsched (2013) chamou de um “sistema auto-destrutivo” (p. 52); o mundo interior é transformado em um pesadelo de opressão e autoagressão. O agente opressor é apresentado por imagens de seres titânicos que ameaçam aniquilar o ego imaturo, continuando a traumatizar o mundo interior.

uma vez apareceu minha prima, que ela tava assim, no armário ali. Esse armário aqui (levanta da mesa e vai pra frente do armário), só que o armário aqui era branco, e a minha prima tava sentada aqui na cadeirinha dela segurando com o boneco dela, aí eu passei a minha cama aqui, daí eu olhei e ela não estava mais... Não consegui ver o rosto dela, não sei o que estava fazendo lá (Melina, 12 anos).

É importante ressaltar que Melina aponta a criança como a imagem principal de seus pesadelos, o que nos leva a pensar na possibilidade de ser a imagem da parte de sua personalidade que foi encapsulada no processo de fragmentação da psique. No sonho, a criança está dentro de seu quarto – seu mundo interior – e encontra-se em uma posição retraída, sentada em um canto virada para o armário. Podemos entender esses aspectos como constituintes da parte frágil e vulnerável do paciente que foi separada dissociada e impedida de ingressar na realidade do tempo e espaço.

A razão pela qual essa imagem é tão assustadora para o ego se embasa no fato de que “a integração ou ‘totalidade’ é inicialmente vivenciada como a pior coisa imaginável” (p. 56). Em outras palavras, entrar em contato com essas imagens e os afetos associados a elas constitui um uma ameaça à sobrevivência do eu.

6. Figuras protetivas

Em oposição à presença frequente de figuras violentas, as imagens parentais – referências protetivas – tiveram poucas menções nos relatos de sonhos. Essa ausência de referências de proteção diz respeito ao sentimento de solidão e abandono, já verificado por Bigio (2005) como comum em crianças em condições de adoecimento. Entretanto, não é a frequência em que elas aparecem – ou a falta dela – que nos chama a atenção, mas a qualidade e o cumprimento da função protetiva esperada dessas imagens.

“Eu já sonhei que caí num buraco e eu gritava pela minha mãe e minha mãe não escutava” (Carolina, 12 anos).

É possível compreender a situação relatada como uma analogia ao adoecimento: a própria queda parece remeter à doença, que a coloca como sujeito sem possibilidade de ação ou escapatória, como o fim das potências, dependendo de outros para sair de sua condição. Neste lugar, pede e espera pela ajuda de sua mãe que,

no imaginário infantil deveria protegê-la ou até mesmo impedir essa queda, mas ela não aparece para socorrê-la.

“Lembro de um rapaz me assaltando, levando uma faca, me assaltando do meu pai. Foi lá no hospital. Aí acordei correndo, assustei muito” (Maurício, 10 anos).

Nestes relatos, os pais apresentam-se passivos ou incapazes de cumprir as funções protetivas esperadas. Além de ilustrar o abandono, portanto, os sonhos também demonstram a percepção de que os pais não são onipotentes e passíveis de garantir integralmente a segurança e bem-estar da criança, o que, por sua vez, abala a confiança dela, repercutindo ainda mais na sensação de solidão.

O medo de uma separação iminente entre pai/mãe e filho(a) é ilustrado no sonho, apontando para a forma como a criança entende os riscos de seu tratamento. Podemos, desta maneira, verificar que há a associação da doença com a possibilidade dessa separação que é, no sonho, o conflito principal, exemplificando o que Di Lione (2001) afirma em relação à falta dos pais serem, às vezes, motivo de angústia maior do que a provocada pela perspectiva da morte em si.

Vemos, também, que é o espaço do hospital o lugar onde ocorre a separação entre pai e filho, ou seja, ilustra-se a ambiguidade apontada por Alves & Figueiredo (2017) em relação à imagem do hospital na psique infantil. Apesar de a criança, na vida consciente, saber que aquele espaço é o que permite uma possível cura, representa também o descontrole – tanto por parte dos pais quanto da criança – e o perigo da separação entre eles.

Os sonhos nos anunciam a possibilidade de um desfecho trágico e repentino, o qual não pode ser evitado pelos parentes ou pela própria criança, separando-os contra vontade. O ego onírico é passivo, ou seja, os conflitos os afetam e não há qualquer reação ou tentativa de evitá-lo. Podemos observar também o que Penna (2014) chama de projeção da responsabilidade por sua vida em outros. Este ponto é relacionável à condição atual dessas crianças, uma vez que, por

não poderem ser responsáveis pelas decisões médicas que dizem respeito à manutenção de suas vidas, devem confiar nas decisões do corpo clínico e dos seus parentes, vendo-os como responsáveis pelo seu bem-estar.

Outro dia que eu tava dormindo assim, do lado assim perto da cozinha, aí na mesa tinha uma menininha desse “tamainho” assim [mostra uma altura um pouco menor que a sua], tava ali. Só que tava tudo branco, parecia que tava de dia, tudo branco... ela tava assim (apoia a cabeça nas mãos). O cabelo era desse tamanho, a roupa dela era branca, o vestidinho dela era branco. E quando eu acordei tava de noite [...] Eu pensei que era um anjo (Melina, 12 anos).

Neste sonho, a criança acorda em sua casa e não há sinais de seus familiares, entretanto, encontra uma imagem que identifica como um anjo. De acordo com Chevalier (2003), na tradição cristã, é comum que os anjos sejam representados por crianças remetendo a temas de proteção ou como guardiões. É possível que essa imagem apareça para compensar a sensação de insegurança, de estar em perigo, correspondendo a um resgate da proteção individual.

O branco aparece em ambos os sonhos de Melina, sendo especialmente ressaltado neste segundo relato. A cor simboliza uma passagem, um momento de transição, de mudanças do ser. “Em todo pensamento simbólico, a morte precede a vida, pois todo nascimento é um renascimento. Por isso, o branco é primitivamente a cor da morte e do luto” (CHEVALIER, 2003, p. 141). Este simbolismo pode se remeter a duas transições nas quais a sonhadora em questão está sujeita: a primeira é a transição para a adolescência, marcado pela puberdade. As imagens arquetípicas que anunciam as transformações naturais do processo de desenvolvimento, normalmente, remetem o tema da morte e renascimento. (VON FRANZ, 1988). É também possível interpretar que a passa-

gem indicada pela imagem arquetípica do branco, anuncie uma transformação orgânica.

7. Sonhos compensatórios

Alguns sonhos relatados parecem exercer a função compensatória no sentido de estarem compensando a situação atual consciente, de forma a fornecer imagens de esperança e felicidade. Esse tipo de sonho visa uma compensação que possibilita o fluxo de energia necessário para enfrentar a vida consciente.

Por exemplo, no sonho abaixo, há a realização de um desejo consciente da criança de morar em São Paulo, cuja explicação era de morar mais perto do hospital – o que a faria se sentir mais segura – e para o pai arrumar um trabalho. Vemos a esperança de um futuro melhor e mais seguro para ela e sua família.

“Sonho que eu tenho uma casa bonita e grande em São Paulo e tem um bocado de carro” (Nádia, 12 anos).

Os sonhos compensatórios também exercem sua função através da apresentação de uma experiência saudável da infância:

eu sonhei brincando muito animado hoje, aí encontrei com a família que tava lá, aí cheguei lá, tava rolando churrasco lá. Aí depois a gente foi pra praia e, também, acho que a gente foi jogar bola, isso foi num campo. Aí depois a gente veio aqui, a gente brincava um monte aqui. Aí teve uma festa muito legal, foi numa outra casa, aí cheguei lá, aí as pessoas tavam lá comemorando, era aniversário de um menino lá. Aí cheguei lá, brinquei de novo, comi um monte de doce lá, né? Aí depois levaram a gente pra passear, tudo isso (Maurício, 10 anos).

Esses sonhos exercem a função compensatória no sentido de estarem compensando a situação atual consciente, de forma a fornecer imagens de esperança e felicidade, seja por meio de

realizações de desejos ou pela apresentação de um futuro melhor e mais prazeroso.

8. Desfecho onírico

No que se refere à estrutura desses sonhos, foi possível observar a predominância de desfecho desfavorável e desfecho ausente. Por finalizarem o sonho de maneira trágica, impactam o sonhador fortemente, assustando-o.

O pesadelo comum é caracterizado pelo desfecho desagradável, no qual o encerramento da questão é dado de modo sofrido e destrutivo. Vejamos o exemplo:

“Eu sonhei também que me esfaquearam todinha e me colocaram dentro de um caixão” (Nádia, 12 anos).

Como vimos anteriormente, essa característica nos aponta de que forma o ego lida com as situações perigosas ou desfavoráveis ao desenvolvimento. A partir deste relato, podemos considerar que o ego ainda se encontra extremamente vulnerável, passível de fragmentação. Através das revivências dos procedimentos cirúrgicos, o sonhador volta a experimentar a iminência da morte, a impotência e a fragilidade. É como se o ego ainda ocupasse esse lugar, submetido a um perigo constante e real de morte.

Da mesma maneira, o sonho apresentado anteriormente no qual Carolina cai num buraco e sua mãe não ouve o pedido de socorro, é um exemplo de desfecho ausente, uma vez que ela não consegue sair do buraco. De acordo com Von-Franz (1993), essa característica se aponta no fato de que o próprio inconsciente não apresenta ou considera uma solução para o conflito.

O predomínio desses tipos de desfechos oníricos é exemplo da fragilidade da psique dos sujeitos, apresentando-nos egos enfraquecidos e com poucos recursos para lidar com os conflitos. A passividade e a impotência do ego onírico de solucionar as problemáticas do sonho parecem refletir a atitude consciente do sonhador, ou seja, os sonhos não apresentam a função prospectiva,

apresentada por Jung (1984), na qual o inconsciente apresentaria um esboço de solução do conflito.

9. Atitude do ego onírico

A atitude do ego no sonho nos revela as possibilidades ou potenciais que o sonhador dispõe ou que está em vias de desenvolver para lidar com o conflito abordado no sonho, ou até mesmo nos mostra a atitude que tende a prejudicá-lo.

Em praticamente todos os relatos, o ego onírico era passivo, ou seja, sofria as ações de outros elementos do sonho, em vez de ser o protagonista. Por estarem em tratamento ou acompanhamento de uma doença grave como o câncer, essas crianças se encontram numa situação de grande vulnerabilidade e fragilidade emocional e física, além de estarem sujeitos a intervenções médicas causadoras de dor e medo. Os pacientes encontram-se numa condição de grande passividade; muitas vezes sem ter o conhecimento integral sobre sua condição, prognóstico e tratamento; não têm participação nas decisões que dizem respeito ao tratamento; além de estarem submetidos a tratamentos que abalam a integridade física e emocional, muitas vezes sem serem informadas sobre os procedimentos e seus efeitos (LIMA, BOTELHO & SILVESTRE., 2011; BIGIO 2005; MONTEIRO, 2009). Esse contexto contribui para que a criança fique impossibilitada de entrar em contato com as experiências subjetivas com a doença, o que prejudica sua expressividade emocional e o desenvolvimento, potencialmente interferindo no funcionamento de seu sistema imunológico, como citado por Ramos (2006).

Uma vez que o sonho nos demonstra a possibilidade e a disponibilidade do ego para lidar com o material em questão, podemos compreender a predominância da atitude passiva por parte do ego onírico como um sinalizador de uma falta de recursos internos para enfrentar as situações dadas pela sua condição atual.

10. Conclusão

Os sonhos usados como material para este estudo nos aproximam da situação psíquica dessas crianças. Através dos elementos e estru-

turas oníricas e a análise dos mesmos, foi possível perceber uma fragilidade emocional intensa sustentada por sentimentos de solidão, abandono, insegurança e passividade, já identificados por Bigio (2005), Monteiro (2009) e Lima, Botelho & Silvestre. (2011).

Os temas mórbidos e elementos relacionáveis com a doença e seu tratamento, como facas, hospitais e sangue, nos apontam para uma tentativa de elaboração dessas vivências dolorosas e invasivas. Assim como a frequente presença de figuras agressoras e a ausência de referências protetivas apontam para uma sensação de abandono e de medo constante, na qual o perigo é incontornável e inevitável tanto pela criança quanto por seus pais – o que parece ter uma óbvia relação com o processo de adoecimento e o sentimento de impotência provocado no paciente.

Características estruturais do sonho como ego onírico passivo e desfecho desagradável ou ausente foram predominantes nos relatos apresentados. Fundamentalmente, esses aspectos nos indicam que o ego não está conseguindo desenvolver recursos para lidar com o conflito, sendo a sua posição passiva um grande prejudicial para o desenvolvimento das suas potencialidades. Apesar de a passividade imposta pela doença ser inevitável, tornar a criança um sujeito ativo no processo de enfrentamento do adoecimento, a possibilita se apropriar da sua condição real, além de desenvolver recursos internos para lidar com o sofrimento físico e psíquico.

Em acréscimo, há indicativos de fragmentação da psique, ou seja, de que algumas das crianças tenham possivelmente sofrido dissociação psíquica devido a experiências traumáticas – relacionadas ou não com a patologia. Este fato levanta ainda mais a urgência do acompanhamento psicológico desses pacientes, não só com terapia verbal, mas também com o trabalho com artes criativas, uma vez que a integração é ameaçadora para a psique, demandando técnicas terapêuticas mais suaves do que as usuais da análise. ■

Recebido em: 30/08/2018 Revisão em: 12/12/2018

Abstract

Study on pediatric oncology patients' dreams

This article aims to perform a literature review of psycho-oncology on the effects of cancer diagnosis and treatment on the individual's life, and then relate to the analytical theory about dreams, trauma and disease as a symbol. The objective of this study is to study the dreams of these patients, between 10 and 12 years old, whether they are still undergoing treatment or not, in order to study the elements and/or the themes common to the dreams of this group, relating them to the experience with the disease and its sequels and

analytical theory. Interviews were conducted with the patient and his / her caregiver, as well as the collection of reports of children's dreams. The analysis of the material brought us closer to the psychic situation of the subjects, where, from the dream elements and structures, it was possible to perceive an intense emotional fragility and the possibility of psychic dissociation. The morbid themes and aspects related to the disease and its treatment point to an attempt to elaborate these experiences. ■

Keywords: childhood cancer, analytical psychology, pediatric oncology, children's dreams

Resumen

Estudio sobre sueños de pacientes de la oncología pediátrica

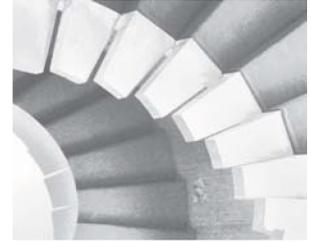
Este artículo pretendió realizar una revisión de literatura de la psicooncología sobre los efectos del diagnóstico y tratamiento de cáncer en la vida del individuo, para luego relacionarse con la teoría analítica sobre sueños, trauma y la enfermedad como símbolo. El objetivo de este trabajo es estudiar los sueños de estos pacientes, entre 10 y 12 años, estén ellos todavía en tratamiento o no, a fin de relacionar los elementos y/o temáticas comunes a los sueños de este grupo, con la experiencia con la enfermedad, sus secuelas y

la teoría analítica. Se realizaron entrevistas con el paciente y su responsable, además de la recolección de los relatos de sueños de los niños. El análisis del material nos acercó a la situación psíquica de los sujetos, donde, a partir de los elementos y estructuras oníricas, fue posible percibir una fragilidad emocional intensa y la posibilidad de disociación psíquica. Los temas oníricos remiten a la enfermedad y su tratamiento apuntando hacia un intento de elaboración de esas vivencias. ■

Palabras clave: cáncer infantil, sueños, psicología analítica, oncología pediátrica, símbolo.

Referencias

- ALVES, S. W. E.; FIGUEIREDO, L. R. Estratégias de atuação da psicologia diante do câncer infantil: uma revisão integrativa. *Revista da SBPH*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 55-74, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582017000100005&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em 6 fev. 2018.
- BIGIO, C. B. A compreensão da criança acerca de seu diagnóstico: um estudo sobre a representação do câncer na infância. *Psicologia Revista*, v. 1, n. 14, p. 109-35, 2005.
- CIRLOT, J. E. *Dicionário de símbolos*. Tradução Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1984.
- CHEVALIER, J. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução Vera da Costa Silva. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2003.
- DI LIONE, F. R. A criança existindo com câncer. *Revista ABD*, v. 10, p. 72-85, 2001.
- JUNG, C. G. *O eu e o inconsciente*. Tradução Dora Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982. (Obras completas de C. G. Jung, v.7/2).
- JUNG, C. G. *A natureza da psique*. Tradução Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis, RJ: Vozes. 1984. (Obras completas de C. G. Jung, v.8/2).
- JUNG, C. G. *Seminários de sonhos de crianças*. Tradução Lorena Kim Richter. Petrópolis, RJ: Vozes. 2001.
- KALSCHED, D. *O mundo interior do trauma: defesas arquetípicas do espírito pessoal*. Tradução Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Paulus, 2013.
- LIMA, C. S. S.; BOTELHO, S. R. H.; SILVESTRE, M. M. Câncer infantil: aspectos emocionais e o sistema imunológico como possibilidade de um dos fatores da constituição do câncer infantil. *Revista da SBPH*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 142-58, 2011.
- MONTEIRO, L. L. *Adolescentes com câncer: vivências e reações a doença e hospitalização*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicologia Hospitalar)—Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- OLIVEIRA, C. B.; ROSA, C. R.; BONATTO, T.; OLIVEIRO, N. M. O câncer como manifestação do não simbolizado. *Revista da SBPH*, Rio de Janeiro, v.1, n.9, p. 15-29, 2006.
- PENNA, D. M. E. As mensagens dos sonhos: traduzir e compreender – processamento simbólico-arquetípico. In: FARIA, L. D.; FREITAS, V. L.; GALLBACH, R. M. (Orgs.). *Sonhos na psicologia analítica*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 106-33.
- RAMOS, D. G. *A psique do corpo: uma compreensão simbólica da doença*. 3. ed. São Paulo: Summus. 2006.
- SERINO, L. A. S. *Diagnóstico Compreensivo Simbólico – uma proposta de resignificação da doença orgânica para a prática médica*. 1999. 110 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)—Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- VON FRANZ, M. L. *O caminho dos sonhos*. Tradução Roberto Gambini. São Paulo: Cultrix, 1988.



Study on pediatric oncology patients' dreams

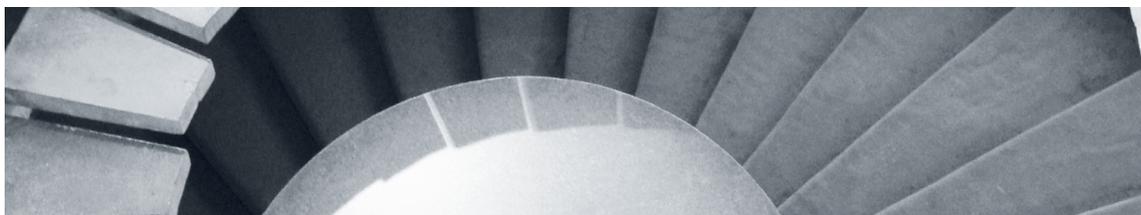
Gabriela Perna de Mendonça*
Ivelise Fortim**

Abstract

This article aims to perform a literature review of psycho-oncology on the effects of cancer diagnosis and treatment on the individual's life, and then relate to the analytical theory about dreams, trauma and disease as a symbol. The objective of this study is to study the dreams of these patients, between 10 and 12 years old, whether they are still undergoing treatment or not, in order to study the elements and/or the themes common to the dreams of this group, relating them to the experience with the disease

and its sequels and analytical theory. Interviews were conducted with the patient and his / her caregiver, as well as the collection of reports of children's dreams. The analysis of the material brought us closer to the psychic situation of the subjects, where, from the dream elements and structures, it was possible to perceive an intense emotional fragility and the possibility of psychic dissociation. The morbid themes and aspects related to the disease and its treatment point to an attempt to elaborate these experiences. ■

Keywords
Childhood cancer, analytical psychology, pediatric oncology, children's dreams



* Psychologist graduated from Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP).
<gabiperna@uol.com.br>

** Psychologist graduated from Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Master in Social Sciences from PUC-SP and PhD in Clinical Psychology by the Núcleo de Estudos Junguianos. Professor in the undergraduate courses in Psychology and Technology in Digi Games such of PUC-SP. Coordinator of Janus (Laboratory of Studies of Psychology and New Technologies).
E-mail: <ifcampos@pucsp.br>

Study on pediatric oncology patients' dreams

1. Introduction

Childhood is a phase of extreme importance in the life of any individual. At this moment, the biggest concern is the development and, therefore, a diagnosis of cancer has a great impact on the patient and his family. The whole routine of that child will change and habits will have to be put aside, giving way to invasive and painful treatments, fear of death, in addition to possible hospitalizations, in some cases, even in isolated wings, restricting contact with family members. These new experiences tend to cause "feelings of guilt, punishment, fear of depersonalization and regression in their psychological and cognitive development" (ALVES; FIGUEIREDO, 2017, 61).

Emotional support for the patients and their families is essential throughout the treatment. For the child, there are different options within the hospital context to provide psychological support, such as psychological support groups, creative expression groups and storytelling, play activities in the toy library and the use of drawings. However, it has been verified by Bigio (2005) that it is still common for a child to be unaware of the disease, its treatment and prognosis, which causes distorting understandings about his condition, thus being unable to appropriate his reality. This failure in communication and in the patient-family relationship provokes feelings of abandonment and emotional fragility. With this, in addition to feeling distant from the parents, patients end up repressing their anguish, fears and fantasies, and may present poverty of internal resources to deal with the condition that are facing, as was verified by Bigio.

The experiences lived from the diagnosis are carried by an intense affection, causing all the perceptive and mental elements associated with this experience to accumulate around this affection, configuring what we know as complexes. As Jung (1984) explains, complexes are a fundamental part of the dream material, where they

manifest in dreams as characters, scenarios, ego attitude, dream climate, etc.

This article aims to study the dreams of four children, aged 10 to 12 years, diagnosed with cancer, in order to make a parallel between the dream content and the experience with the disease. We see, in this study, how the richness of this material makes it possible, through images and symbols, an approximation to the subjects' psychological situation.

Because they are subjected to very emotionally charged and potentially traumatic experiences – such as family separation, physical symptoms, surgical interventions, chemotherapy, impotence, among others – we can use dream analysis as a way of seeking a manner to understand how the psyche is being affected and how it reacts to these experiences.

Kalsched (2013) warns about the risk of psychic fragmentation of the child as a result of traumatic experiences. Typically, when this happens, "one part of the ego returns to the infantile period and another part progresses, that is, it grows too fast and becomes early adapted to the outside world, often as a 'false self'" (p. 15). In these cases, the regressing personality is usually presented in dreams as a vulnerable, innocent, and shamefully hidden self; while the part that has progressed presents itself in the dreams as a powerful being, who protects or oppresses its double, being able to be represented by an angel or a wild animal. Dissociation is part of the normal defenses of the psyche against the impact of trauma: it allows outer life to proceed, but at a great inner cost. Even when the traumatic event ends – which could, in the case of this study, account for the ending of surgical interventions, chemotherapies, or even cancer itself – psychological sequels continue to haunt the inner world through oppressive inner figures.

Some general aspects of the dream should be considered in carrying out this study. Jung (2001)

compares the dream to a drama, explaining three structural aspects that must be examined: first, the introduction, composed by the scenario, characters and the problem or issue; second, the development of the story; and, finally, the final solution or outcome.

Each of these three structural aspects reveals important information related to the unconscious content, the ego of the dreamer and even his personality. Already in the initial situation of the dream, it is possible that the introduction of the central archetypal theme takes place. In the course of developing action, important aspects of the present relationship of the ego to the complex constellations and archetypal patterns that make up the dream emerge. Even at the level of the story, there are elements that are coadjutant, considered as aspects of the dreamer's personality in contact with the dream-ego. The way in which this relation takes place suggests to us "the defensive, protective, propelling or impeding function that such elements play in the current dynamics of the psyche" (PENNA, 2014, 123).

The attitude of the dream-ego helps us to understand the potentialities at the disposition of the ego, that is, the capacities that are already practically available to him. When the dream-ego assumes an active position in the dream, as commander of action, it points out to a productive relation of the ego to the complexes. A passive attitude, when he suffers the actions of others, or lack of ego, placing him in an observer position, can denounce a "defensive attitude of victimization and/or projection of responsibility for his life in others or in external situations" (PENNA, 2014, 124). Finally, the way the dream ends, or as far as the dreamer's memory reaches, reveals to us the prospective sense of the psyche, that is, the course that is being outlined in psychic dynamics.

2. Cancer as a symbol

Through the association test, Jung was able to observe that when complexes are activated, changes are triggered at the physiological and psychological level. In other words, very char-

ged complexes of psychic energy can trigger symptoms at the level of the psyche, such as a psychosis, or at the level of the body, such as cancer. The higher the energy in a specific complex, the greater the chances of it being constellated, that is, the greater the symptomatology (RAMOS, 1996).

Jung (1982) understands that symptomatic content is partly symbolic and indirectly represents unconscious states or processes. It is understood, therefore, that the symptom itself is the symbolic representation of a deregulation in the psychic system, and can be shown in the body (as a physical disease) or in the psyche (as a mental illness). In the same way, Oliveira, Rosa, Bonatto & Oliveiro (2006) understand the symptom as a failure in the psychic elaboration in those who do not have internal resources able to elaborate and integrate a certain trauma.

In this sense, Lima, Botelho & Silvestre (2011) find, in the subjects of their research, links between the history of life and the emergence of cancer. The authors identified that children suffered from chronic emotional disappointments, such as neglect, family conflict, affective deprivation since childhood, making them "susceptible to disease, unprotected from their natural defense" (p.150).

Oliveira et al. (2006) raise some hypotheses about cancer as the manifestation of something not symbolized. They place the somatic manifestation as a possible call for help or attention; also note that in many hospitalized patients, cancer arose after intense trauma or psychic suffering, such as an accident, the death of a relative, a separation, among others.

Ramos (2006) also states that there is a relation between psychological events, the degree of emotional expressivity and the immune system. In other words, the non-expression of a negative and shocking emotion is potentially a factor in altering the functioning of the immune system.

It is understood that disease appears "as a compensation resource, a symbolic resource of self-regulation of conscious polarizations, throu-

gh the integration of unconscious contents” (SERINO, 1999, 43). By allowing awareness and elaboration of unconscious processes via work with dreams, we favor the flow of psychic energy from the unconscious to consciousness, avoiding deregulation or one-sidedness, which could affect the immune system or express itself symbolically in the body.

3. Method

This is a qualitative research with patients of pediatric oncology who resided temporarily in a philanthropic institution or “support house” in São Paulo, SP.

Fictitious names will be used to preserve the identity of the participants. They are: Mauricio, male, 10 years old, in treatment of Acute Leukemia, who was hospitalized for 6 months for chemotherapy; Melina, female, 12 years old, under treatment for bone tumor; Nadia, female, 12 years, maintaining the side effects of a brain tumor and consequent withdrawal of the pituitary gland, who was in coma for 2 years and underwent several head surgeries; and Carolina, a 12-year-old female, who was discharged from the treatment of renal and hepatic cancer 10 years ago, but continues to undergo endocrine, nephrotic and oncologic follow-up, and who was submitted to chemotherapy and radiotherapy, and had the adrenal gland removed. Participation was voluntary and there was no previous determination of specific type of cancer, the same about gender, ethnic origin and symptomatology.

It is important to emphasize that the individuals of this research have low purchasing power, which already constitutes a social vulnerability by itself. This condition can be a complicating factor in the process of illness, since they depend on public health services, which can mean long waiting lines, shortages of medicines, the need to travel to larger cities, among other difficulties experienced by the interviewees. In addition, the children and their respective caregivers came from different places in Brazil to São Paulo, in search of a better medical treatment. This chan-

ge implies a sudden breakdown in routine and habits, and especially in the abandonment of the family nucleus, school, work and all the emotional support which are absolutely important both for the child and his companion.

The material was collected in an individual meeting with the patient’s companion and with the child. The meetings occurred in the institution where the subjects lived during the period of data collection. Through individual semi-structured interviews, the context of the child’s life and his dreams were addressed, recorded with the prior authorization of the interviewees and the Term of Free and Informed Consent was signed according to Resolution n. 466/12 of the National Health Council. The method of analysis of the collected data consists on the categorization of dream elements and themes, making it possible to identify similarities between the dreams collected and to relate them to the life context of the subjects.

The project was submitted and approved by the Human Research Ethics Committee of the Pontifical Catholic University of São Paulo, number CAAE 61884216.9.0000.5482.

4. Results and discussion

From the dreams collected, it was possible to observe some similarities, both with respect to the content and the dream structure. What we propose to do is to analyze the common characteristics of dreams, based on the theoretical reading presented previously, in order to relate the dream material collected and the experience of illness.

The lives of children in this study have been traversed by various emotional disappointments and traumas such as emotional deprivation, violent family conflicts, caregivers with serious psychiatric or substance abuse issues, verbal harassment, and so on. We see that the same children who face hospitalizations, chemotherapies and surgeries have already experienced various impasses and difficulties in their development and their relationship with the world. In this sense, we can say that, as observed by Lima

et al. (2011), the instability marked by this social context may have contributed to a shortage of resources to cope with conflicting situations, resulting in a change in the psychic and corporal system, appearing the symptom.

5. Nightmares

Referring to the elements of dreams, we have been able to observe the frequent presence of aggressive figures, who put the dream ego at risk or indeed act in a violent way towards the dreamer.

According to Kalsched (2013), in the dreams of victims of early trauma, the inner daimonic figure actively attacks the dream-ego. In this dream material, the violent character of these self-attacking dissociative processes is illustrated, where “the devilish figure traumatizes the inner objective world in order to prevent retraumatization abroad” (p. 33).

“A man came and tied me in a sack. He would meet me in the bedroom” (Nádia, 12 years old).

The figure seems to represent an imminent and constant danger that acts in relation to the individual, making him unable to protect himself or to avoid it. According to the above-mentioned author, dreams of this kind happen to prevent the dream-ego from experiencing the affection associated with the trauma, violently interfering and dissociating the psyche, taking the ego out of the picture.

We have observed that the aggressive figure often carries or makes use of knives, which is easily related to the medical and surgical procedures that the population in question is and / or was subject to.

I had a dream that all my teeth were tearing. I had no teeth and I had to use plates. And in this here, all blood came out (pointing to the teeth). Then they took my teeth to a place hen I do not know. I was all tied back on my arm; my eye was all capped.

They painted me all in black. After putting the plate, painted in black, they placed a container in my mouth and a lot of blood came out. Then when a lot of blood came out, when it stopped, there came the taste of black blood, then when I opened the eye I fainted, that was it. They put a lot of things around here, they cut my cheek, cut my arms, my hand, my foot... I also had no eyebrows (Nádia, 12 years old).

In the report, blood appears as one of the main elements, which would symbolize, according to Chevalier (2003), the vehicle of life and principle of generation; however, it appears black, which indicates a sense of something dead or rotten. According to the author, black is the color of oppressive mourning, without hope, “as nothingness without possibilities” (p.740). On the other hand, teeth are understood as aggressive potential, they are “the most primitive weapons of attack and expression of activities” (CIRLOT, 1984, p. 120) and constitute the wall and defense of the inner man. In this sense, we can think of their loss or withdrawal as a negative symbolism, because it refers to inhibition, passivity, fear of defeat, as well as the loss of defense and attack mechanisms. Passivity and fragility are at such a level that the ego does not recognize any possibility of action or counterattack. The very experience of being immobile, blindfolded and being cut several times seems to be analogous to what she lived during the two years she was in a coma, being subjected to surgeries on her head.

These dreams reinforce the psychological distress and emotional fragility that these children seem to be going through, as well as the feelings of insecurity and fear already mentioned. Not only actions developed in dreams, such as dismemberment, immobility and lack of vision, but the present symbols represent the passivity and near-death experience lived. It is also verifiable how inner oppressive figures continue to haunt the inner world of the individual, forming true psychological sequels of traumatic experiences.

The dream materials seem to point to an attempt to rework and re-signify the violence suffered by medical interventions, represented by concrete physical death in dreams. These reports raise the possibility of what Kalsched (2013) called a “self-destructive system” (p. 52), where the inner world is transformed into a nightmare of oppression and self-harm. The oppressive agent is presented by images of titanic beings who threaten to annihilate the immature ego, continuing to traumatize the inner world.

Once my cousin appeared and she was like this, in the closet there. This closet here (goes to the front of the closet), but the closet was white, and my cousin was sitting here in her chair holding her doll, then I passed my bed here, from there I looked and she wasn't there anymore... I could not see her face, I do not know what I was doing there (Melina, 12).

It is important to emphasize that Melina points to the child as the main image of her nightmares, which leads us to think about the possibility of being the image of the part of her personality that was encapsulated in the process of fragmentation of the psyche. In the dream, the child is inside his room – his inner world – and finds himself in a retracted position, sitting in a corner facing the closet. We can understand these aspects as constituents of the fragile and vulnerable part of the patient that has been separated and dissociated from the reality of time and space.

The reason this image is so frightening to the ego is based on the fact that “integration or ‘totality’ is initially experienced as the worst thing imaginable” (p. 56). In other words, getting in touch with these images and the affects associated with them constitutes a threat to the survival of the self.

6. Protective figures

As opposed to the frequent presence of violent figures, parental images – protective references

– had few mentions in dream reports. This lack of protective references reinforces the feeling of loneliness and abandonment, already verified by Bigio (2005) as common in children in conditions of illness. However, it is not the frequency in which they appear – or the lack of – that catches our attention, but the quality and the fulfillment of the expected protective function of these images.

“I dreamed that I fell into a hole and I screamed for my mother and my mother did not listen” (Carolina, age 12). It is possible to understand the situation reported as an analogy to illness: the fall itself seems to refer to the disease, which places it as a subject with no possibility of action or escape, as the end of the powers, depending on others to get out of his condition. In this place, she asks and waits for the help of her mother who, in the child's imagination, should protect her or even prevent her from falling, but she does not come to help her.

“I remember a young man assaulting me, carrying a knife, assaulting me from my father. He went to the hospital. Then I woke up quickly, I was very scared” (Maurício, 10 years old).

In these reports, parents are passive or incapable of fulfilling the expected protective functions. In addition to illustrating abandonment, therefore, dreams also demonstrate the perception that parents are not omnipotent and are able to fully guarantee the child's safety and well-being, which in turn undermines his confidence, in the feeling of solitude.

The fear of an imminent separation between father/mother and child is illustrated in the dream, pointing to the way the child understands the risks of his/her treatment. In this way, we can verify that there is the association of the disease with the possibility of this separation, which is the main conflict in the dream, exemplifying what Di Lione (2001) affirms in relation to the parents' lack of being at times a source of distress greater than that caused by the prospect of death itself.

We also see that it is the space of the hospital where the separation of father and son occurs, that is, the ambiguity pointed out by Alves & Figueiredo (2017) is illustrated in relation to the image of the hospital in the infantile psyche. Although the child, in conscious life, knows that space is what allows a possible cure, also knows that it represents the lack of control – both by the parents and the child – and the danger of separation between them.

Dreams tell us the possibility of a tragic and sudden outcome, which can't be avoided by the relatives or the child himself, separating them against their will. The dream-ego is passive, that is, conflicts affect them and there is no reaction or attempt to avoid it. We can also observe what Penna (2014) calls the projection of responsibility for her life in others. This point is related to the current condition of these children, since, because they can't be responsible for medical decisions regarding the maintenance of their lives, they must rely on the decisions of the clinical staff and their relatives, seeing them as responsible for their welfare.

The other day that I was sleeping like this, on the side so close to the kitchen, there was a little girl in the table at the table like that [shows a height a little smaller than yours], it was there. But it was all white, it looked like it was day, everything was white... she was like this (she rests her head in her hands). Her hair was that big, her clothes were white, her little dress was white. And when I woke up it was night [...] I thought it was an angel (Melina, 12).

In this dream, the child wakes up in her house and there are no signs of his relatives; however, she finds an image that is identified as an angel. According to Chevalier (2003), in the Christian tradition it is common for angels to be represented by children referring to themes of protection or as guardians. It is possible that this image appears to compensate for the sensation of in-

security, of being in danger, corresponding to a rescue of the individual protection.

The white appears in both dreams of Melina, being especially emphasized in this second one. This color symbolizes a passage, a moment of transition, of mutations of being. "In all symbolic thinking, death precedes life, for every birth is a rebirth. For this reason, white is primitively the color of death and mourning" (CHEVALIER, 2003, p.141). This symbolism may refer to two transitions in which the dreamer in question is subject: the first is the transition to adolescence, marked by puberty. The archetypal images that announce the natural transformations of the development process usually refer to the theme of death and rebirth (VON FRANZ, 1988). It is also possible to interpret that the passage indicated by the archetypal image of white announces an organic transformation.

7. Compensatory dreams

Some of the collected dreams seem to exercise the compensatory function in the sense of compensating for the current conscious situation in order to provide images of hope and happiness. This type of dream is a compensation that enables the flow of energy needed to face conscious life.

For example, in the dream below, there is the realization of a conscious desire of the child to live in São Paulo, whose explanation was to live closer to the hospital – which would make her feel safer – and for her father to get a job. We see hope for a better and safer future for her and her family.

"I dreamed that I have a beautiful big house in São Paulo and have a lot of cars" (Nadia, 12 years old).

Compensatory dreams also exert their function by presenting a healthy childhood experience:

I dreamed playing very lively today, there I met the family that was there, then I got there, I was going to have a barbecue there.

Then we went to the beach and also, I think we went to play ball, that was in a field. Then we came here, we played a lot here. Then there was a really nice party, it was in another house, there I got there, people were there celebrating, it was a boy's birthday there. Then I got there, I played again, I ate a lot of candy there, did not I? Then they took us for a walk, all that (Maurício, 10 years old).

These dreams exercise the compensatory function in the sense that they are compensating for the current conscious situation, in order to provide images of hope and happiness, either through fulfillment of wishes or through the presentation of a better and more pleasurable future.

8. Dream outcome

With regard to the structure of these dreams, it was possible to observe the predominance of unfavorable outcome and absent outcome. By ending the dream in a tragic way, they impact the dreamer heavily, frightening him.

The common nightmare is characterized by the unpleasant outcome, where the closing of the question is given in a suffered and destructive way. Let's look at the following example:

"I also dreamed that they stabbed me all and put me inside a coffin" (Nadia, 12).

As we have seen previously, these characteristic points us to how the ego deals with situations that are dangerous or unfavorable to development. From this account, we can consider that the ego is still extremely vulnerable, fragile. Through the relapses of surgical procedures, the dreamer experiences the imminence of death, impotence and fragility. It is as if the ego still occupies this place, subjected to a constant and real danger of death.

In the same way, the dream presented earlier where Carolina falls into a hole and her mother does not hear the distress call is an example of an absent end, since she can't get out of the

hole. According to Von-Franz (1993), this points us to the fact that the unconscious itself does not present or consider a solution to the conflict.

The predominance of these types of dream outcomes is an example of the fragility of the subject's psyche, presenting weakened egos and limited resources to deal with conflicts. The passivity and inability of the dream-ego to solve the problems of the dream seem to reflect the conscious attitude of the dreamer, that is, dreams do not present the foresight function, presented by Jung (1984), in which the unconscious would present a sketch of the solution of the conflict.

9. Attitude of the dream-ego

The attitude of the ego in the dream reveals to us the possibilities or potentials that the dreamer possesses or is about to develop to deal with the conflict addressed in the dream, or even shows us the attitude that tends to harm him.

In virtually all accounts, the dream-ego was passive, that is, it suffered the actions of other elements of the dream, rather than being the protagonist. Because they are in treatment or following a serious illness such as cancer, these children are in a situation of great vulnerability and emotional and physical fragility, as well as being subject to medical interventions that cause pain and fear. The patients are in a condition of great passivity; often without full knowledge of their condition, prognosis and treatment; have no say in decisions relating to treatment; as well as are subjected to treatments that affect the physical and emotional integrity, often without being informed about the procedures and their effects (LIMA et al., 2011; BIGIO 2005; MONTEIRO, 2009). This context contributes to the child being unable to come into contact with subjective experiences with the disease, which impairs their emotional expressiveness and development, potentially interfering with the functioning of their immune system, as mentioned by Ramos (2006).

Since the dream demonstrates the possibility and willingness of the ego to deal with the material in question, we can understand the passive

attitude on the part of the dream-ego as a sign of a lack of internal resources to face the situations given by its current condition.

10. Conclusion

The dreams presented put us closer to the psychic situation of these children. Through the elements and dream structures and their analysis, it was possible to perceive an intense emotional fragility sustained by feelings of loneliness, abandonment, insecurity and passivity, already identified by Bigio (2005), Monteiro (2009) and Lima et al. (2011).

The morbid themes and elements related to the disease and its treatment, such as knives, hospitals and blood, point us to an attempt to elaborate these painful and invasive experiences. As well as the frequent presence of aggressive figures and the absence of protective references point to a sense of abandonment and constant fear, where the danger is uncontrollable and unavoidable both by the child and by his parents – which seems to have an obvious relation to the process of illness and the feeling of impotence provoked in the patient.

Structural characteristics of the dream as passive dream ego and unpleasant or absent outcome were predominant in the presented reports. Fundamentally, these aspects indicate to us that the ego is failing to develop resources to deal with conflict, and its passive position is a major detriment to the development of its potentialities. Although the passivity imposed by the disease is unavoidable, making the child an active subject in the process of coping with illness enables him to appropriate his or her real condition, as well as to develop internal resources to deal with physical and psychic suffering.

In addition, there are indications of fragmentation of the psyche, that is, that some of the children may have suffered psychic dissociation due to traumatic experiences – related or not to the pathology. This fact raises even more the urgency of the psychological accompaniment of these patients, not only with verbal therapy, but also with the work with creative arts, since the integration is threatening to the psyche, demanding therapeutic techniques that are softer than the usual ones of the analysis. ■

Recebido em: 30/08/2018 Revisão em: 12/12/2018

Referencias

- ALVES, S. W. E.; FIGUEIREDO, L. R. Estratégias de atuação da psicologia diante do câncer infantil: uma revisão integrativa. *Revista da SBPH*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 55-74, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582017000100005&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em 6 fev. 2018.
- BIGIO, C. B. A compreensão da criança acerca de seu diagnóstico: um estudo sobre a representação do câncer na infância. *Psicologia Revista*, v. 1, n. 14, p. 109-35, 2005.
- CIRLOT, J. E. *Dicionário de símbolos*. Tradução Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1984.
- CHEVALIER, J. *Dicionário de símbolos*: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução Vera da Costa Silva. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2003.
- DI LIONE, F. R. A criança existindo com câncer. *Revista ABD*, v. 10, p. 72-85, 2001.
- JUNG, C. G. *O eu e o inconsciente*. Tradução Dora Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982. (Obras completas de C. G. Jung, v.7/2).
- JUNG, C. G. *A natureza da psique*. Tradução Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis, RJ: Vozes. 1984. (Obras completas de C. G. Jung, v.8/2).
- JUNG, C. G. *Seminários de sonhos de crianças*. Tradução Lorena Kim Richter. Petrópolis, RJ: Vozes. 2001.
- KALSCHED, D. *O mundo interior do trauma*: defesas arquetípicas do espírito pessoal. Tradução Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Paulus, 2013.
- LIMA, C. S. S.; BOTELHO, S. R. H.; SILVESTRE, M. M. Câncer infantil: aspectos emocionais e o sistema imunológico como possibilidade de um dos fatores da constituição do câncer infantil. *Revista da SBPH*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 142-58, 2011.
- MONTEIRO, L. L. *Adolescentes com câncer*: vivências e reações a doença e hospitalização. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicologia Hospitalar) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- OLIVEIRA, C. B.; ROSA, C. R.; BONATTO, T.; OLIVEIRO, N. M. O câncer como manifestação do não simbolizado. *Revista da SBPH*, Rio de Janeiro, v.1, n.9, p. 15-29, 2006.
- PENNA, D. M. E. As mensagens dos sonhos: traduzir e compreender – processamento simbólico-arquetípico. In: FARIA, L. D.; FREITAS, V. L.; GALLBACH, R. M. (Orgs.). *Sonhos na psicologia analítica*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 106-33.
- RAMOS, D. G. *A psique do corpo*: uma compreensão simbólica da doença. 3. ed. São Paulo: Summus. 2006.
- SERINO, L. A. S. *Diagnóstico Compreensivo Simbólico* – uma proposta de resignificação da doença orgânica para a prática médica. 1999. 110 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)–Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- VON FRANZ, M. L. *O caminho dos sonhos*. Tradução Roberto Gambini. São Paulo: Cultrix, 1988.

A pele que somos e a pele que sentimos

Pele – símbolo – consciência

Iara Galiás Yoshinaga*
Iraci Galiás **

Resumo

O sistema somatosensorial humano funciona de forma dinâmica. Nossos órgãos recebem e produzem estímulos que são convertidos em informação biológica, necessária para a formação, maturação e funcionamento global do nosso corpo, mente e espírito. O "sentir-se bem, sentir-se com saúde" é uma consequência de vários fenômenos biológicos que envolvem o sistema nervoso central. Neste contexto, serão abordados os papéis da pele, do tato e do toque no desenvolvimento e estruturação da consciência e do que se chama "pele simbólica" ou "pele psíquica". ■



Palavras-chave
pele simbólica,
toque, psicologia
analítica,
psicodermatologia,
fibras tipo C.

* Médica, dermatologista pela FMSCSP (São Paulo, SP Brasil), Professora Doutora em Dermatologia, pela FMUSP (São Paulo, SP Brasil) e Harvard Medical School (Boston, MA USA)
E-mail: <iarayoshinaga@icloud.com>

** Médica, psiquiatra pela UNIFESP, Analista Junguiana, membro fundador da SBPA (Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica) e membro da IAAP (International Association for Analytical Psychology)
E-mail: <iraci.galias@icloud.com>

Introdução

1. Introduction

Os cinco sentidos clássicos descritos por Aristóteles são decorrentes de uma evolução da nossa espécie, garantem a nossa sobrevivência, desenvolvimento e aprendizado. O tato, um de nossos sentidos mais complexos, vem sendo investigado em pesquisas da psiconeurobiologia realizadas nos últimos 35 anos. No entanto, os relatos clínicos advindos da psicologia reconhecem há muito tempo (ANZIEU, 1988) que o tato e o toque são fundamentais à estruturação e ao desenvolvimento da nossa psique. O tato é o primeiro sentido a se desenvolver no ser humano, ainda na vida intrauterina.

Todos os nossos sentidos são igualmente importantes e integrados. O nosso corpo funciona de uma forma dinâmica, os nossos órgãos sensoriais tanto recebem quanto produzem os estímulos que vão se transformar em informações biológicas necessárias para a nossa formação, amadurecimento e funcionamento global: para o corpo, mente e espírito.

O "sentir-se bem, sentir-se com saúde" é uma consequência de vários fenômenos biológicos que envolvem o sistema nervoso central. Neste contexto, serão abordados o papel da pele, do tato e do toque no desenvolvimento e estruturação da consciência e do que se chama "pele psíquica".

Será realizado um breve resumo das investigações relevantes advindas das neurociências que forneceram substratos neurobiológicos para a compreensão do funcionamento psicocutâneo no contexto da Dermatologia Integrativa. Uma especial atenção será dada às fibras C, às terminações nervosas livres e aos queratinócitos (células presentes nas camadas mais superficiais da pele), cujas conexões podem mediar sensações de toque agradável, o "toque emocional", vital para a sobrevivência e a manutenção da nossa espécie.

2. O órgão pele na dermatologia integrativa

2.1 O que a pele e a psique têm em comum?

Em 1923, Freud postulou que o Ego surge a partir de sensações corporais vividas desde o nascimento, em especial pelo que ocorre na superfície do corpo, ou seja, aquilo que é vivido na pele serve para a construção de um Eu psíquico, "o Ego é antes de tudo um Ego corporal" (FREUD, 1980). Seja no desenvolvimento psíquico inicial do "Bebê de Melanie Klein" (KLEIN, 1991), nos "Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade" escritos por Freud (1977) ou no "Estágio do Espelho" de Lacan (1998), é através da observação do nosso funcionamento corpóreo que se apoiam as teorias para a compreensão de como somos "construídos" enquanto sujeitos.

A pele manifesta quem somos e como nos sentimos. Pele e psique são fronteiras entre o "EU" psíquico/corporal e o "outro". A pele estabelece uma fronteira entre o nosso corpo e o meio ambiente, assim como a psique estabelece e diferencia o "EU psíquico" (nosso "mundo interior") do mundo externo. Tanto a pele como a psique nos lembram de que somos seres únicos e indivíduo. Um bom exemplo são as nossas impressões digitais, que nos identificam através da pele. Outro exemplo é a nossa memória, que é absolutamente individual. A nossa memória é construída desde a vida intrauterina, tanto memórias corporais como emocionais. Os nossos registros são continuamente construídos ao longo da vida, atualizados e processados de forma dinâmica, como arquivos em várias linguagens, tais como imagens e sensações.

A nossa pele é um órgão vital de comunicação. Conceitos advindos da psiconeuroimunologia permitiram uma compreensão mais abrangente de como a pele e as nossas emoções se comunicam. As principais evidências anatômicas e funcionais que fundamentaram esses conceitos foram:

1. a presença de fibras nervosas em contato com células da superfície cutânea (queratinócitos) e com células imunológicas presentes na pele;
2. a descoberta de substâncias que traduzem as mensagens do sistema nervoso central para o funcionamento da pele e vice-versa (neuropeptídeos);
3. a existência de uma rede de comunicação dinâmica denominada NICE – rede neuro-imuno-cutâneoendócrina – que está constantemente em contato com as nossas emoções.

A possibilidade de sinergia entre as ciências básicas e a clínica é um importante fator para a compreensão de como a pele e as nossas sensações, vivências e emoções funcionam de forma integrada. Na prática, tornou-se necessário o desenvolvimento de uma linguagem que permitisse o entendimento entre as várias disciplinas médicas e de outras áreas da saúde para a viabilização do atendimento interdisciplinar, uma abordagem integrativa.

Este é o conceito da Medicina Integrativa, e a Dermatologia Integrativa é uma especialização nesta área. Outras terminologias também empregadas com o mesmo sentido incluem Psicodermatologia e Medicina Psicocutânea (KOO; LEE, 2003). Neste artigo utilizamos a terminologia Dermatologia Integrativa (YOSHINAGA, 2011).

O avanço nas neurociências gerou a ruptura de paradigmas, de conceitos cartesianos que separavam o funcionamento da psique e do corpo. Neste contexto a pele ganhou um novo *status*; um órgão do sistema Psico-NICE (SLOMINSKI et al, 2012), uma das principais vias de comunicação e integração mente-corpo-espírito.

A Dermatologia Integrativa aborda o indivíduo através desta "pele psíquica", em que pele é psique assim como psique é pele. Em vez de ser apenas um "envelope" do corpo humano, a pele passou a ser analisada como uma "interface de comunicação", em especial no que diz respeito

aos mecanismos neurológicos que envolvem o tato, o toque e as "emoções corporais".

3. Pele – símbolo – consciência

3.1 Prurido: sintoma e símbolo

A sensação de prurido, ou coceira, é uma das queixas mais frequentes em dermatologia, independentemente da sua etiologia. Como representado na Figura 1 (IKOMA et al, 2011), o prurido é uma sensação que envolve: estímulos (endógenos e ou exógenos), vias aferentes e eferentes neuroimunomodulatórias, moléculas (tais como o neuropeptídeo P) e a comunicação do sistema nervoso com a pele. Estudos acerca dos mecanismos neurofisiológicos da sensação do prurido indicam haver múltiplas vias neuronais periféricas, algumas podem ser seletivas (específicas) para o prurido, enquanto outras não (Figura 1). O prurido nos serve de modelo para ilustrar como uma sensação ou sintoma pode ser interpretado simbolicamente no referencial da psicologia analítica. Neste contexto, propomos um modelo que denominamos: "Modelo de Funcionamento Psicocutâneo Integrado" (Figura 2), usando o referencial da psicologia analítica, como descrito por C. G. Jung (2008) e neojunguianos (GALIÁS, 2002). Ao contemplarmos a estrutura da personalidade e o processo de individuação com seus respectivos dinamismos, a pele simbólica concreta e abstrata é imprescindível ao nosso funcionamento e desenvolvimento.

Teorias psicodinâmicas levam em conta a existência do inconsciente. Pressupõem uma consciência estruturada a partir desse inconsciente. Jung concebeu os arquétipos como matrizes de comportamento herdadas enquanto espécie. Descreve o que denominou Processo de Individuação como o processo pelo qual esses arquétipos conduzem o nosso desenvolvimento na segunda metade da vida. Neojunguianos, como Carlos Byington (2002), estenderam o conceito da estruturação da consciência pelos arquétipos desde a nossa concepção.

Assim, temos um Self, inconsciente, que contém os arquétipos, que estruturam nossa consciência através de símbolos. Estes são os mediadores entre a nossa consciência e o nosso inconsciente, nosso Self. Esse é nosso eixo Ego-Self. Byington ainda concebe o que denomina as quatro dimensões estruturantes desse eixo, percorridas pelos símbolos. Uma delas é o corpo, e cada órgão do sentido opera de inúmeras formas como símbolo e função estruturante (BYINGTON, 2002). Assim, todo o nosso corpo é altamente simbólico, ou seja, ele é uma via natural de acesso de nossos símbolos à nossa consciência.

Jung fala da sombra, instância psíquica para onde vão os símbolos que, por alguma razão, sobrecarregam o eixo, fragilidade egoica para a força de determinado símbolo ou por defesas que não foram para a consciência. Esses símbolos contidos na sombra, ao tentarem entrar no campo da consciência, geram os sintomas pela presença das defesas. Assim, todo sintoma é também simbólico. Daí Jung ter afirmado que o sintoma também aponta um caminho a ser percorrido para a sua compreensão simbólica. Somos animais com funcionamento simbólico, dentro das características gregárias de nossa espécie. A nossa intersubjetividade, característica fundamental do nosso funcionamento, nos torna interdependentes durante toda a existência. Para essa vinculação eu-outro, contamos com um repertório variado, para o qual diferentes autores designam diferentes nomes.

Ninguém nasce, em nossa espécie, com uma autoimagem já constituída. Essa autoimagem vai se formar mediante o espelhamento e troca com os nossos cuidadores primários. Assim, para essas primeiras experiências, tão fundamentais para a formação de uma base, de um alicerce emocional saudável e seguro, o tipo de interação mãe(cuidador/a) bebê ocupa um lugar de destaque. Essa mãe é um arquétipo, uma matriz relacional, presente em todos os cuidadores primários. Freud vai chamar a atenção para o que ocorre descrevendo a formação do narcisismo primário. Bowlby (1969) descreve a formação

do tipo de vínculo constituído, com a Teoria do Apego. Neumann (1973) fala da importância da relação primal entre o bebê e a mãe. Para a nossa compreensão, essa é a vinculação eu-outro regida pelo arquétipo da grande mãe, como denominou Jung. Desse vínculo eu-outro, na matriz vincular do arquétipo da grande mãe, vai depender a estruturação do nosso narcisismo primário saudável de Freud, ou a formação de um apego seguro de Bowlby, ou uma boa relação primal de Neumann. É na dependência de uma bem-sucedida experiência nessa fase de vida que se forma uma boa autoimagem, colorida de valores positivos, matriz de uma autoconfiança segura. Nessa fase da vida o corpo é a via régia dos símbolos para a estruturação da nossa consciência. A pele será o órgão de máxima importância para essa troca entre bebê e cuidador primário, através do toque. A comunicação entre bebê e cuidador é bastante corporal, sendo o olhar e o tato as principais vias para esse contato. Toda a estruturação da consciência nessa fase, regida pelo arquétipo da Grande Mãe, é preponderantemente corporal, requerendo proximidade física, carinho, proteção para ser bem-sucedida. Esse contato corporal se dará muito através da pele, do olhar e da tonalidade afetiva da fala do cuidador. Assim, atividades como banho, massagens, dar colo, enfim, proximidade física, são fundamentais. É através desse espelhamento positivo e nutrição afetiva que o bebê pode construir uma autoimagem positiva, que possibilitará a sua autoconfiança saudável.

Na estruturação da consciência do arquétipo do pai, a simbólica ativada é a do mundo dos limites, da separação dos opostos (BYINGTON, 1987). Associa-se ao que Freud chamou de fase edípica. O corpo passa a reconhecer limites, passa a reconhecer o que é a pele de um e a pele do outro. Há um papel importante da pele nessa estruturação, uma vez que é a pele o órgão que delimita o corpo. Ou seja, é a pele que vai separar o interno e o externo, o eu e o outro. Discrimina as polaridades quente e frio, áspero e macio, pontudo e redondo etc.

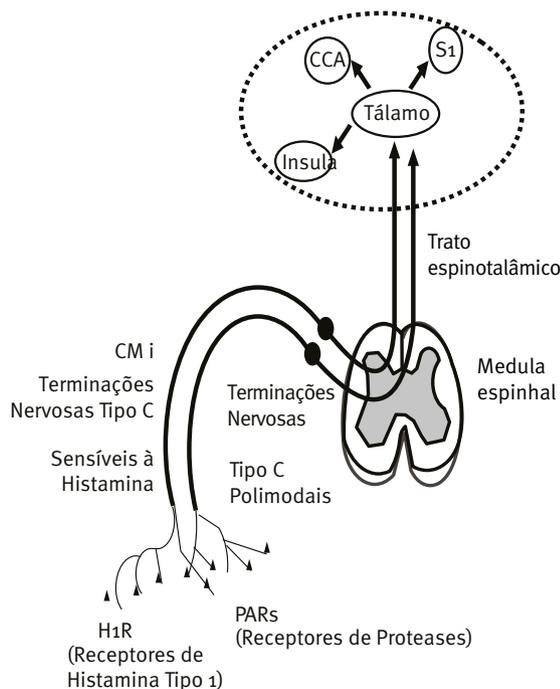
Na estruturação de alteridade, pelos arquétipos do *animus* e da *anima*, o eu e o outro buscam o encontro simétrico e dialético. É na alteridade que se busca a identidade profunda, a própria criatividade. É quando se buscam os parecidos e os diferentes, tentando encontrar um novo grupo, desta vez por escolha própria, é quando se busca o que denominamos a família psicológica. E novamente a pele carrega forte simbólica. É quando podemos "trocar de pele" com o outro, ou seja, se colocar na pele do outro, empatizar com o outro. É quando, ao nos sentirmos atraídos pelo outro, pelo parceiro, usamos a expressão "é uma questão de pele" para se falar desse tipo de atração.

Na velhice, quando a consciência é estruturada pelo arquétipo da sabedoria, novamente a pele espelha seus símbolos. As rugas, a diminuição do tônus, a pele sensível, traz cicatrizes apontando para a etapa final de nossa existência, nos preparando para a morte, importante e negada etapa da vida.

Assim, na dimensão estruturante do corpo, a pele é um dos órgãos de grande importância simbólica. Se os símbolos que ela carrega, servindo de comunicação entre o ego e o Self estiverem na sombra, ao eles tentarem entrar no campo da consciência, teremos o sintoma. Como este é simbólico, ele pode ser o caminho para a sua compreensão pelo campo da consciência.

Desta maneira, qualquer sintoma na pele, como por exemplo o prurido, pode apontar para uma simbólica da grande mãe, ansiando por proximidade, contato, aconchego, carinho, afeto. Um sintoma na pele pode apontar para a simbólica do arquétipo do pai, buscando limite, discriminação. Um sintoma na pele pode apontar para a simbólica do *animus* ou *anima*, requerendo alteridade, contato simétrico e dialético, buscando a criatividade, a identidade profunda. Um sintoma na pele pode apontar, finalmente, para a simbólica da sabedoria, para a vinculação com o todo, para o grande sentido da vida.

A Figura 2 representa de forma esquemática como um sintoma na pele, tal como a sensação

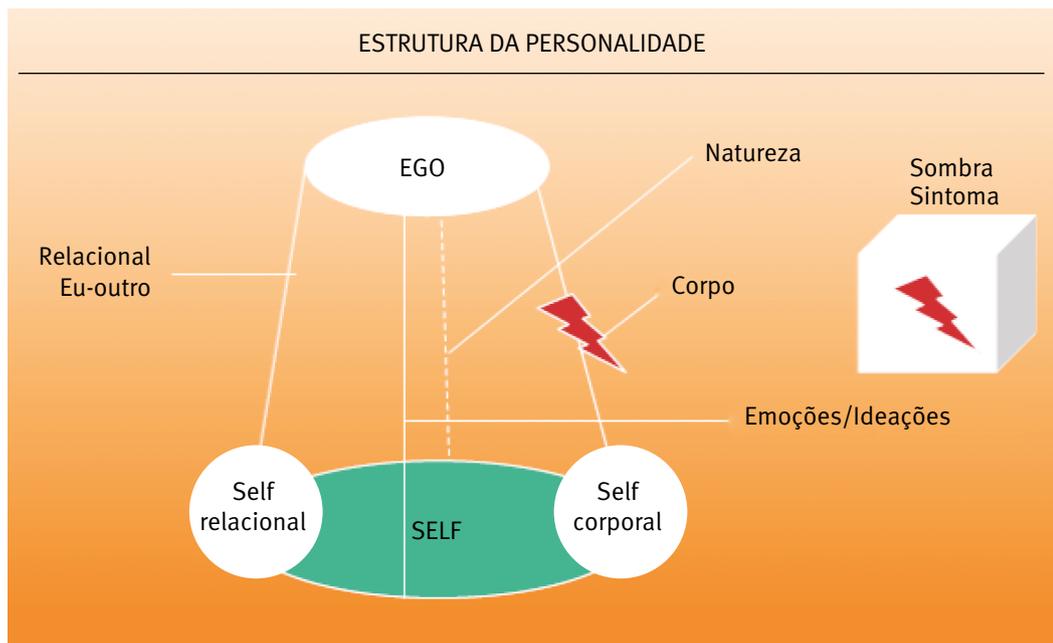


Fonte: Adaptado de Ikoma, et al (2011).

Figura 1 – A via (trajeto) neural do prurido. A histamina ativa receptores de histamina₁ “H₁R” específicos para o prurido, que consistem de terminações nervosas tipo Cmi (sensíveis à histamina e mecânico-insensíveis CMi) e de um trato espinotalâmico. Estudos sobre o prurido induzido por uma planta *cowhage* (*Macuna pruriens*), cuja protease exerce ativação neural de receptores de proteases PARs, como do tipo 2 (PAR₂), indicam a presença de outra via neural de prurido, composta de nervos C polimodais e nervos de outro trato espinotalâmico. Ambas as vias ascendem ao tálamo através do corno dorsal da medula espinhal. Há ativação de várias áreas cerebrais: o córtex, somatossensorial primário (S₁), córtex cerebral anterior (CCA) e ínsula parecem estar envolvidos na percepção do prurido.

de prurido, é um símbolo que chega à consciência através do eixo Ego-Self. O Self, inconsciente, contém os arquétipos que estruturam nossa consciência através de símbolos.

O prurido, sensação de coceira, pode estar presente em condições fisiológicas, como quando somos picados por um inseto, sinalizando uma lesão. Também está presente nas



Pele psíquica

Self corporal e relacional sintoma na pele/prurido = símbolo

Figura 2 – Modelo do funcionamento psicocutâneo integrado.

alergias, nas peles sensíveis e nos eczemas, bastante frequentes em crianças portadoras de dermatite atópica. A dermatite atópica altera o funcionamento imunológico da criança com o aparecimento de lesões cutâneas (eczema atópico) e quadros respiratórios (asma e bronquite). Essas crianças apresentam menor limiar ao prurido, ou seja, ele é facilmente deflagrado, intenso e ocorre também à noite. Com o ato de coçar, as lesões pioram ainda mais, gerando muita angústia aos cuidadores, que se sentem impotentes diante do sofrimento e da fragilidade da criança. É comum se dizer que "trair e coçar é só começar". De fato, o ato de se coçar piora as lesões existentes e gera novas lesões pruriginosas; assim se perpetua o ciclo *itching-scratch-itching* (coçar-arranhar/machucar-coçar), gerando mais prurido, em um ciclo vicioso que se retroalimenta e é extremamente estressante.

A gravidade e evolução do eczema atópico na criança têm estreita ligação com a forma que os pais, cuidadores, são capazes de cuidar da

criança. Por vezes, o excesso de preocupação leva a uma angústia nos cuidadores que os incapacita para ajudar a criança a se acalmar. Mesmo com medicamentos, anti-inflamatórios potentes como corticoides, o quadro crônico e intermitente traz limitações para o convívio e desenvolvimento da criança com outras crianças e na escola.

Por outro lado, famílias bem orientadas, capazes de lidar com essa angústia, conseguem acalmar as crianças. Estas passam a ser mais seguras se tocadas, massageadas com óleos hidratantes de uma forma que as acalme, hidrate a pele, fortaleça o sistema imunitário, minimize o prurido e assim diminua o número e intensidade das crises. Pode possibilitar uma vida mais adaptada ao cotidiano junto a outras crianças e não em uma "redoma" de isolamento e superproteção.

Feldman (2001) psicólogo norte-americano, analista junguiano, estudou crianças atópicas e seus familiares em diferentes contextos cul-

turais. Comparou a evolução clínica de crianças portadoras de atopia em países da América do Norte e da América Latina. Nos países da América Latina, as pessoas se tocam com mais frequência, há um contato físico mais "livre" entre crianças e adultos nas famílias, quando comparado aos hábitos das pessoas da América do Norte. Nos Estados Unidos as pessoas se tocam menos, abraçam-se menos, as famílias "comunicam o afeto" mais por palavras do que por carícias, mantém entre si uma maior distância, com menos pelo contato físico. Esses estudos revelam que nos países latinos, apesar das piores condições financeiras e dos escassos recursos para saúde e educação, as crianças atópicas apresentam quadros menos graves e de melhor evolução após a infância. Um outro exemplo de "toque nutritivo" está na Índia, um país de extrema pobreza: massagens como a Shantala, praticada nos bebês, parece ser de grande valor na nutrição advinda do contato com a intenção de acariciar, acalmar e relaxar.

Um outro estudo comparou o ganho de peso de bebês prematuros internados em unidade de tratamento intensivo (UTI) (FIELD, 2010). Os pesquisadores separaram os prematuros em dois grupos: um grupo de bebês que eram manipulados para os cuidados "técnicos de rotina" (trocar fraldas, limpeza, banho e alimentação) e um segundo grupo, que além de receber os mesmos cuidados do primeiro, também receberam massagem, carícias e atenção "extra". Apesar de terem a mesma nutrição alimentar e de estarem na mesma UTI, o ganho de peso dos bebês acariciados foi superior e mais rápido do que os que não recebiam os cuidados "extras".

4. Pele, tato e toque

4.1 Biologia celular do toque

O *Caenorhabditis elegans* e a *Drosophila melanogaster* são seres vivos que possuem um sistema nervoso relativamente simples. Dada a possibilidade de se manipular algumas de suas características genéticas correlacionadas ao

seu comportamento, a neurobiologia os utiliza frequentemente como modelo de pesquisa *in vivo*. (MAGUIRE, 2011; TINBERGEN, 1963; CROLL, 1975). Nesses organismos foram identificadas moléculas necessárias para que haja a sensação do toque e mecanismos pelos quais essas moléculas controlam a sensibilidade a estímulos mecânicos, convertendo força em sinalização celular (mecanotransdução) (LUMPKIN, 2010). Esse sistema envolve mecanorreceptores, neurônios sensíveis a forças que bombardeiam constantemente a superfície do corpo e uma sinalização necessária para a movimentação, sobrevivência e procriação desses seres, portanto para a manutenção da espécie.

Estudos acerca dos mecanismos envolvendo o tato e o toque em mamíferos demonstraram que os queratinócitos, principais células na superfície da epiderme, produzem neurotransmissores que têm o potencial para sintonizar a sensibilidade do toque por vias aferentes. Embora os queratinócitos e fibras sensoriais aferentes não formem sinapses, sua proximidade pode permitir uma rápida sinalização parácrina (capacidade de comunicação com as células vizinhas através da secreção de compostos bioativos). Se pensarmos que o *C. elegans*, um dos menores e mais simples organismos que possuem sistema nervoso, possui um genoma de apenas 100 milhões de bases, enquanto o genoma humano é constituído por 3 bilhões de bases, ou seja, 3 milhões de vezes maior, fica fácil imaginar a importância e a extrema complexidade que envolve o funcionamento sensorial da pele, do toque e do sistema nervoso nos seres humanos.

Toque e Fibras C: detectando o sentimento

O toque é definido como o contato direto entre dois corpos físicos. Em neurociências, "toque" descreve uma sensação especial pela qual o contato com o corpo de um organismo é percebido pela mente consciente.

Alguns toques envolvem um componente motor ativo – acariciar, tocar ou pressionar –

pelo qual uma parte do corpo é movida sobre outra superfície. Os componentes sensoriais e motores do toque são conectados e integrados no cérebro e são funcionalmente importantes para deflagrar ou direcionar um comportamento, como, por exemplo, um deslocamento. Seja um deslocamento para se afastar de algum estímulo potencialmente nocivo (por exemplo, um predador), ou para se aproximar em busca de alimento, ou para se aproximar de outro ser vivo a fim de se reproduzir. Ou seja, o tato/toque e as sensações advindas desse sentido são extremamente importantes para a manutenção da vida e preservação da espécie.

As modalidades sensoriais do tato são classicamente divididas em quatro: tátil, térmica, pruriginosa e dolorosa. A presença de terminações nervosas livres na superfície da pele (DELMAS et al, 2011) e a transmissão de estímulos por vias específicas sugeriram a existência de uma quinta modalidade, o toque afetivo. O toque que gera a sensação agradável, também chamada de sensação "afetiva positiva" é transmitido através de um tipo específico de fibra C.

As fibras C se dividem em dois tipos: C₁, as que funcionam como mecanorreceptores de baixo limiar (LTM, *Low Threshold Mechanoreceptors*) e as C₂ que, em contrapartida, possuem alto limiar (*HT High Threshold*) para deflagração do estímulo (despolarização via canais iônicos) e que se correlacionam com estímulos de dor ou nocivos (nociceptores). Esse segundo grupo também está relacionado ao prurido e à sensação prazerosa do toque, ao aspecto afetivo de uma carícia, como o aconchego que um bebê tem ao ser acolhido e sentir a pele da mãe. Logo ao nascer, é esta sensação que geralmente o acalma, o faz parar de chorar diante do susto ao sair do útero e ter tido o primeiro contato com o ambiente. Ambiente este muito diferente daquele intrauterino, repleto de líquido amniótico. Ainda que distintos no tocante ao limiar, ambos os sistemas de vias aferentes do tipo C, tanto o de alto como o de baixo limiar, são igualmente importantes para a nossa sobrevi-

vência e preservação da espécie. A necessidade do outro para a sobrevivência caracteriza a necessidade de agregação do ser humano. Somos um dos animais mais frágeis e suscetíveis à morte na ausência de cuidados após o nascimento. Esses cuidados não estão apenas relacionados à alimentação, como a amamentação para a sobrevivência. O contato físico da nossa pele, o ato de ser tocado, massageado e acolhido constituem estímulos importantes para a formação do "EU PELE", que estabelece fronteiras, dando contorno para o meu EU e viabilizando trocas através do contato com outros seres (BOWLBY, 1969).

Os diversos subtipos de fibras C fornecem o substrato para reinterpretarmos a nossa visão de como se dá o processamento somatosensorial humano. A família de fibras C participa de vias neuronais cujas sensações incluem: a dor, a temperatura, o prurido e o toque afetivo (DELMAS et al, 2011).

5. Conclusão e perspectivas

5.1 Além da pele

A dissecação do tato, um dos nossos sentidos, nos leva a refletir sobre a importância da pele na evolução da nossa espécie, como seres humanos cuja característica marcante é a agregação. A nossa pele está além da pele tátil, integra nosso EU somato/emocional, onde "pele é psique e psique é pele".

Jung, em sua primeira conferência, "Fundamentos da Psicologia", faz as seguintes observações: "A consciência é, sobretudo o produto da percepção e orientação no mundo externo, que provavelmente se localiza no cérebro e sua origem seria ectodérmica"; "No tempo de nossos ancestrais essa mesma consciência derivaria de um relacionamento sensorial da pele com o mundo exterior. É bem possível que a consciência derivada dessa localização cerebral retenha tais qualidades de sensação e orientação" (JUNG, 2008).

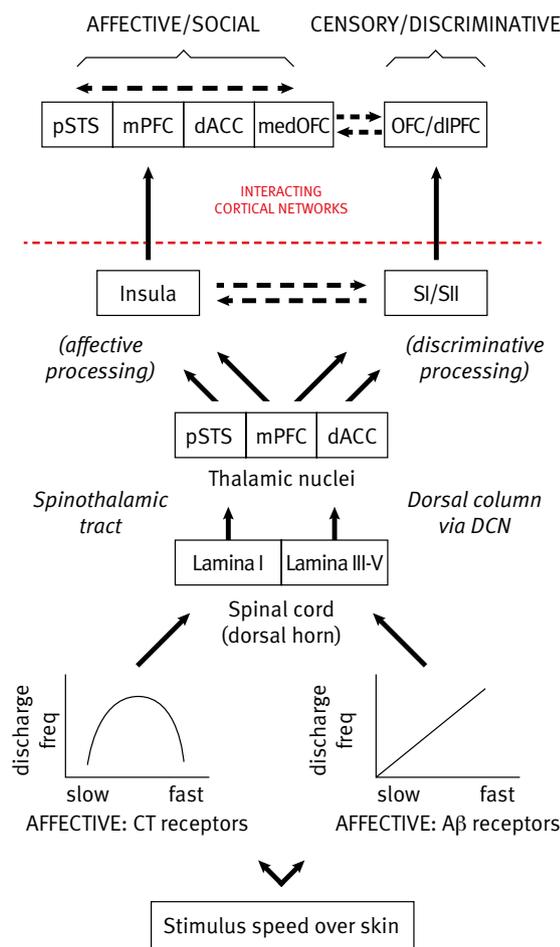
Fica evidente o fato de a pele ocupar um papel importante na formação da consciência. Cabe ressaltar a embriologia, a origem ectodérmica da pele assim como a do sistema nervoso.

Craig (2003) realizou estudos com dados convergentes que indicam que os primatas apresentam uma área cortical distinta, o córtex interoceptivo, cuja atividade aferente reflete todos os aspectos homeostáticos do estado fisiológico de todos os tecidos do corpo.

Como ilustrado na Figura 3 (McGLONE et al, 2014), essa via de interocepção (aspecto afetivo/social do estímulo cutâneo) inclui:

- Fibras C Tácteis Aferentes (CT receptors);
- Lâmina I;
- Trato Espinotalâmico / Núcleos Talâmicos;
- Ínsula e áreas específicas do córtex cerebral.

O núcleo talâmico VMpo (*posterior ventral medial nucleus*) projeta-se topograficamente para o córtex interoceptivo localizado na região marginal dorsal da ínsula (uma "ilha" localizada no sulco lateral e que estabelece íntimas conexões com o córtex cingulado anterior, a amígdala, o hipotálamo e o córtex orbitofrontal) (CRAIG, 1995). Este sistema interoceptivo está associado ao controle motor autônomo que se distingue do sistema exteroceptivo, que orienta a atividade motora somática (mecanocepção exteroceptiva cutânea e propriocepção). A representação cortical interoceptiva gera sensações corporais extremamente distintas que incluem: dor, temperatura, prurido (sintoma/símbolo), toque sensual, sensações musculares e viscerais, atividade vasomotora, fome, sede e "falta de ar". Em seres humanos, uma metarrepresentação da atividade interoceptiva produzida na ínsula anterior direita parece constituir a base para a imagem subjetiva do EU CORPORAL, "corpo material/emocional", como um "ser". Esses achados inseridos no contexto do que Jung postulou sobre a "localização da consciência" nos oferece uma outra perspectiva para a lei-



Fonte: Adaptado de McGLONE et al (2014).

Figura 3 – Vias neuronais de estímulos cutâneos afetivos e discriminativos. Representação esquemática das vias neuronais dos estímulos cutâneos (de diferentes velocidades): a partir de receptores CT (C Tactile afferents) e receptores Aβ.

tura da pele. A pele que nos conscientiza de que "somos", a pele que traduz o que "sentimos". A consciência das sensações geradas pelos diversos estímulos captados pela pele, extero- e interoceptivos, advindos de todas as células do nosso organismo, dá origem a como nos sentimos. Os nossos mais profundos sentimentos estão enraizados na vasta superfície do corpo que nos confere identidade. ■

Recebido em: 30/08/2018 Revisão em: 12/12/2018

Abstract

The skin we are, the skin we feel. Skin – symbol – consciousness

The human somatosensory system works in a dynamic way. Our organs receive and produce stimuli that will be converted into biological information, which are necessary for formation, maturation and the overall functioning of the body, mind, and spirit. The “wellbeing sensation” is a result of several biological phenomena that involve the central nervous system. In this context, the role of skin, tact and touch in the development and structuring of our consciousness will be discussed. The concepts of “symbolic skin” and “psychic skin” will be explored. ■

Keywords: symbolic skin, touch , analytical psychology psychodermatology, type C fibers

Resumen

La piel que somos y la piel que sentimos. Piel – símbolo – conciencia

El sistema somatosensorial humano funciona de forma dinámica. Nuestros órganos reciben y producen estímulos que se convierten en información biológica, necesaria para la formación, maduración y funcionamiento global de nuestro cuerpo, mente y espíritu. El "sentirse bien, sentirse con salud" es una consecuencia de varios fenómenos biológicos que involucran el sistema nervioso central. En este contexto, se abordarán el papel de la piel, del tacto y del toque en el desarrollo y estructuración de la conciencia y de lo que se llama “piel simbólica” o “piel psíquica”. ■

Palabras clave: piel simbólica, toque, psicología anítica, psicodermatología, fibras tipo C

Referências

- ANZIEU, D. O Eu-Pele. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.
- BOWLBY, J. *Attachment Volume 1: Attachment and Loss*. New York: Basic Books, 1969.
- BYINGTON, C. A. *Desenvolvimento da Personalidade: O Ciclo do Patriarcal*. São Paulo: Atica, 1987. (Capítulo 6, p. 59-68).
- BYINGTON, C. Os sentidos como funções estruturantes da consciência, uma contribuição da psicologia simbólica. *Junguiana*, n. 20, p. 7-15, 2002.
- CRAIG, A. D. Interoception: the sense of the physiological condition of the body. *Current Opinion in Neurobiology*, v. 13, n. 4, p. 500–5, jun. 2003.
- CRAIG, A. D. Supraspinal projections of lamina I neurons. In BESSON, J. M.; GUILBAUD, G. O. H. (Eds.). *Forebrain Areas Involved in Pain Processing*. Paris: John Libbey, 1995. p. 13-26.
- ROLL, N. A. Components and patterns in the behaviour of the nematode *Caenorhabditis elegans*. *Journal of Zoology*, v. 176, n. 2, p. 159–176, 1975. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7998.1975.tb03191.x>.
- DELMAS, P.; HAO, J.; RODAT-DESPOIX, L. Molecular mechanisms of mechanotransduction in mammalian sensory neurons. *Nature Reviews Neuroscience*, v. 12, p. 139-153, mar. 2011.
- FELDMAN, B. Una Piel para la Función Simbólica: Como Crear un Espacio para la Transformación. In: IX SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIACAO JUNGUIANA DO BRASIL, 2001, Sao Paulo. *Anais...* Sao Paulo, 2001.
- FIELD, T.; DIEGO, M.; HERNANDEZ-REIL, M. Preterm Infant Massage Therapy Research: A Review. *Infant Behavior & Development*, v. 33, n. 2, p. 115–24, abr. 2010.
- FREUD, S. *O Ego e o Id*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX, 1923.).
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol VII.).
- GALIÁS, I. Psiquiatria e dermatologia: o estabelecimento de uma comunicação. *Junguiana*, n. 20, 2002, p. 57-62.
- IKOMA, A.; CEVIKBAS, F.; CORDULA, K.; STEINHOFF, M. Anatomy and Neurophysiology of Pruritus. *Seminars in Cutaneous Medicine and Surgery*, v. 30, n. 2, 64–70, jun. 2011.
- JUNG, C.G. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- KLEIN, M. *Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Obras Completas de Melanie Klein, Volume III Inveja e Gratidão e outros trabalhos, 1952).
- KOO, J. Y. M.; LEE, C. S. (Eds.). *Psychocutaneous Medicine* (Basic and Clinical Dermatology). New York, NY: Marcel Dekker, 2003.
- LACAN, J. O Estágio do Espelho como formador da função do eu tal como nos revela a experiência psicanalítica. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 96–104.
- LUMPKIN, E.; MARSHALL, K. L.; NELSON, A. M. The cell biology of touch. *Journal of Cell Biology*, v.191, n. 2, p. 237–248, 18 out. 2010.
- MAGUIRE, S. M.; CLARK, C. M.; NUNNARI, J.; PIRRI, J. K.; ALKEMA, M. J. The *C. elegans* Touch Response Facilitates Escape from Predacious Fungi. *Current Biology*, v. 21, n. 15, p. 1326–30, ago. 2011. <https://doi.org/10.1016/j.cub.2011.06.063>.
- MCGLONE, F.; WESSBERG, J.; OLAUSSON, H. Discriminative and affective touch: sensing and feeling. *Neuron*, v. 82, n. 4, p. 737–55, 2014. <https://doi.org/10.1016/j.neuron.2014.05.001>.
- NEUMANN, E. *The Child: Structure and Dynamics of Nascent Personality*. New York: Putman, 1973.
- SLOMINSKI, A. T.; ZMIJEWSKI, M. A.; SKOBOWIAT, C.; ZBYTEK, B.; SLOMINSKI, R. M.; STEKETEEARTICLE, J. D. Sensing the environment: Regulation of local and global homeostasis by the skin neuroendocrine system. *Advances in Anatomy, Embryology, and Cell Biology*, v. vii, n. 212, 1-115, 2012.

TINBERGEN, N. On aims and methods of ethology. *Zeitschrift für Tierpsychologie*, v. 20, n. 4, p. 410–33, 1963. <https://doi.org/10.1111/j.1439-0310.1963.tb01161.x>.

YOSHINAGA, I. G. Pele, saúde e o processo de envelhecimento. In: BLOISE, P. (Org.). *Saúde Integral: a medicina do corpo, da mente e o papel da espiritualidade organizado*. São Paulo: Senac, 2011.

The skin we are, the skin we feel

Skin – symbol – consciousness

Iara Galiás Yoshinaga*
Iraci Galiás **

Abstract

The human somatosensory system works in a dynamic way. Our organs receive and produce stimuli that will be converted into biological information, which are necessary for formation, maturation and the overall functioning of the body, mind, and spirit. The “wellbeing sensation” is a result of several biological phenomena that involve the central nervous system. In this context, the role of skin, tact and touch in the development and structuring of our consciousness will be discussed. The concepts of “symbolic skin” and “sensorial psychic skin” will be explored. ■



Palavras-chave
symbolic
skin, touch,
analytical
psychology
psychodermatology,
type C
fibers.

* MD, PhD in Medical Sciences and Dermatology, MD from FMSCSP (Santa Casa Medical School, São Paulo, SP Brazil), PhD from FMUSP (São Paulo University Medical School, SP Brasil), and Harvard Medical School (Boston, MA USA). E-mail: <iarayoshinaga@icloud.com>

** MD, psychiatrist, MD from UNIFESP (Federal University of São Paulo State Medical School), Junguian analyst, founder member of the SBPA (Brazilian Society for Analytical Psychology) and member of the IAAP (International Association for Analytical Psychology). E-mail: <iraci.galias@icloud.com>

The skin we are, the skin we feel Skin – symbol – consciousness

1. Introduction

Our classic five senses as described by Aristoteles are resultant of our species evolution, they ensure our survival, development and learning. Touch, one of our most complex senses, has been investigated in psychoneurobiology research over the last 35 years. However, clinical reports originated from psychology recognize a long ago¹ that the sense of touch is crucial for the structuring and development of our psyche. Tact is the first sense to develop in the human being, early during intrauterine life. All of our senses are equally important and integrated. Our body works in a dynamic way, our organs receive and produce stimuli that will be converted into biological information, which are necessary for formation, maturation and the overall functioning of the body, mind, and spirit.

The “wellbeing sensation” is a result of several biological phenomena that involve the central nervous system. In this context, the role of skin, tact and touch in the development and structuring of our consciousness and what is called “sensorial psychic skin” will be discussed.

A brief summary of relevant investigations stemming from neurosciences which provided neurobiological substrates for the understanding of the psychocutaneous functioning in the context of Integrative Dermatology will be presented. A special attention is given to touch type C fibers, to the free nervous endings and to keratinocytes (cells present in the most superficial layers of the skin), whose connections can mediate sensations of pleasant touch, the “emotional touch”, which is vital for the survival and maintenance of our species.

2. The skin organ in integrative dermatology

2.1. What does skin and psyche have in common?

In 1923, Freud postulated that the Ego comes from bodily sensation experiences since birth, in

particular by what occurs on the body, i.e., what is experienced in the skin serves for the construction of a psychic I, “the Ego is first of all a body Ego” (FREUD, 1980). Whether during the child’s early development according to Melanie Klein’s theory” (KLEIN, 1991), in the “Essays on the Theory of Sexuality” written by Freud (1977) or the “Mirror Stage” of Lacan (1998), it is through the observation of our body functioning that we are “constructed” as subjects.

The skin expresses who we are and how we feel. Skin and psyche are boundaries between the “I” and the “other”. The skin establishes a boundary between our bodies and the environment, as well as the psyche establishes and differentiates the “psyche” (our “inner world”) from the external world. Both the skin and the psyche remind us that we are unique human beings as individuals. A good example are our fingerprints, which are identified through the skin. Another example is our memory, which is absolutely individual. Our memory, both physical and emotional, is built since the intrauterine life. Our records are continuously constructed, they are dynamically updated and processed throughout life. They are like files saved in various forms, such as images and sensations.

Our skin is a vital organ of communication. Concepts of psychoneuroimmunology has enabled a more comprehensive understanding of how the skin and our emotions communicate. The main anatomical and functional evidences supporting these concepts are:

1. The presence of nerve fibers in contact with the skin surface skin cells (keratinocytes) and with immune cells present in the skin;
2. the discovery of substances that translate the messages from the central nervous system to the functioning of the skin and vice-versa (neuropeptides);
3. the existence of a dynamic network named NICE – neuro-immuno-cutaneous-endocrine network – that is in constant communication with our emotions.

The synergy between basic science and clinical practice is important for the understanding of how the skin and our sensations, experiences and emotions work in an integrated manner. Therefore, it became necessary to develop a language that would allow the understanding among the various medical disciplines and other areas of health for the practice of the interdisciplinary care, an integrative approach. This is the concept of Integrative Medicine, the “Integrative Dermatology” is a specialization in this area. Other terminologies also employed with the same sense include “Psychodermatology” and “Psychocutaneous Medicine (KOO; LEE, 2003).” In this article we use the term Integrative Dermatology (YOSHINAGA, 2011). The advances in neurosciences brought paradigm shifts, changing Cartesian concepts that “separated” the functioning of the psyche and the body. In this context, the skin gained a new *status*; an organ of the Psycho-NICE system (SLOMINSKI et al, 2012), one of the main communication routes for the integration mind-body-spirit. The Integrative Dermatology deals with the individual through this “psychic skin”, where the skin is psyche as well as psyche is skin. Instead of being just an “envelope” of the human body, the skin has to be considered as a “communication interface”, in particular as regards the neurological mechanisms that involve the tact, touch and the “bodily emotions”.

3. Skin – Symbol – Conscience

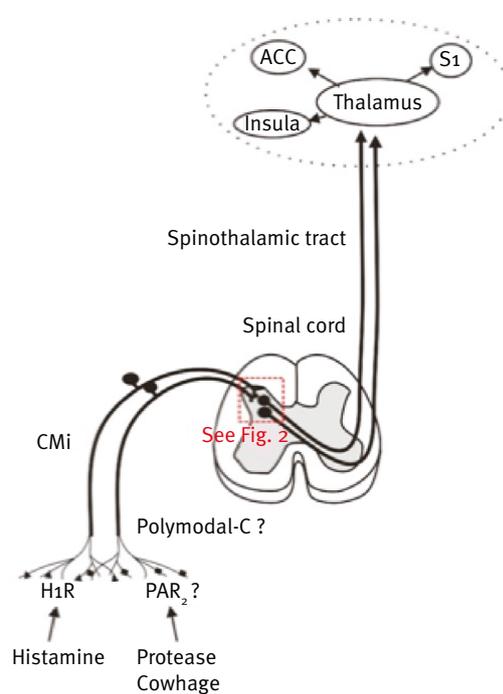
3.1. Pruritus: Symptom and Symbol

The sensation of pruritus or itching, is one of the most frequent complaints in dermatology, regardless of its etiology. As shown in Figure 1 (IKOMA et al, 2011), the pruritus is a sensation that involves: stimuli (endogenous or exogenous), afferent and efferent pathways, neuroimmunomodulatory molecules (such as Neuropeptide P) and the communication of the nervous system with the skin. Studies about the neurophysiological mechanisms of pruritus indicate that there are multiple peripheral neural pathways, some

may be specific for the itching, while others are not (Figure 1): The itching serves as a model to illustrate how a feeling or symptom may be symbolically interpreted in the framework of Analytical Psychology. In this context, we propose a model that we call: “Integrated Psychocutaneous Functional Model” (Figure 2) by using the framework of analytical psychology, as described by Jungians (JUNG, 2008) and neojunguians (GALLIÁS, 2002). In contemplating the structure of the personality and the individuation process with their respective dynamisms, the concrete and abstract symbolic skin is essential to our functioning and development.

Figure 2 represents a schematic model showing how a symbol, such as the sensation of pruritus reaches the consciousness through the Ego-Self axis.

Psychodynamic theories take into account the existence of unconscious. They consider a consciousness that is structured from the uncon-



Adapted from Ikoma et al (2011).

Figure 1 – “The Neural Pathway for Itch”

scious. Jung conceived the archetypes as arrays of inherited behaviour as a species. He describes the individuation process as the process by which these archetypes lead to our development in the second half of life. Neojunguianos, as Carlos Byington (2002), have extended the concept of consciousness structuration by archetypes since our conception. Thus, we have a Self, unconscious, which contains the archetypes, that structure our consciousness through symbols. These are the mediators between our consciousness and our unconscious, our Self. This is our Ego-Self axis. Further, Byington conceives what he denominates the four structuring dimensions of this axis. One of them is the body, and each of our senses operates in many ways as a symbol with an structuring function (BYINGTON, 2002). So, our entire body is symbolic, i.e., it is a natural way by which our symbols gain access to our consciousness.

In Jungian psychology, the “shadow” is a psychic instance. The symbols that for some reason overloaded the Ego-Self axis go to the shadow; either due to the Ego fragility for the strength of a

particular symbol or due to defences. When these symbols contained in the shadow, try to move towards the consciousness, they generate the symptoms by the presence of defences. Thus, every symptom is also symbolic. Hence Jung have stated that the symptom also points out a path to their symbolic understanding.

We are animals with a symbolic functioning. The gregarious characteristics of our species make us interdependent throughout life. We count with a varied repertoire of terms to name this “I-Other” binding, according to different authors.

Nobody in our species is born with an established self-image. This self-image will be formed upon the mirroring and the exchange with our primary caregivers. Thus, these first experiences, so fundamental to the formation of a base, a safe and healthy emotional foundation, the type of mother/caregiver-baby interaction occupies a prominent place.

This mother is an archetype, a relational matrix, present in all primary caregivers. Freud will draw attention to what occurs, describing the formation of primary narcissism. Bowlby (1969) des-

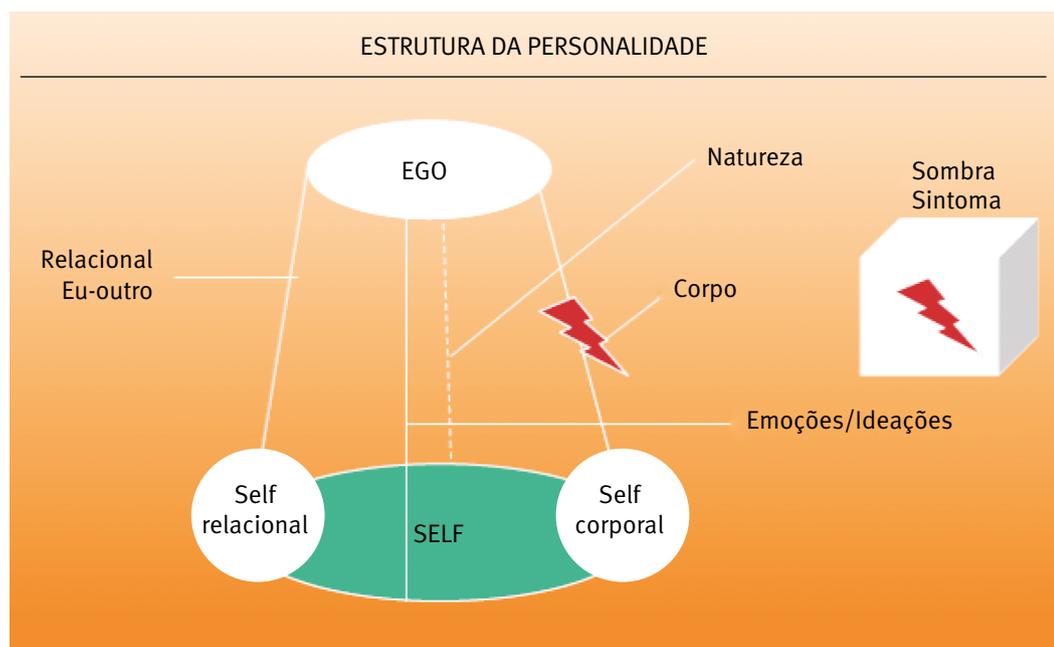


Figure 2 – “Integrated Psychocutaneous Functional Model”

cribes the formation of this type of bond with the “Attachment Theory”. Neumann (1973) speaks of the importance of the primal relationship between the baby and the mother. To our understanding, this is the link I-Other governed by the archetype of the great mother, as termed by Jung.

This bond I-Other, in the relational matrix of the Great Mother, will depend on the structure of our healthy primary narcissism as described by Freud, on the formation of a secure attachment as described by Bowlby, or on a good primal relationship according to Neumann.

The formation of a good self-image is dependent on a successful experience in this stage of life, colored of positive values, the matrix of a secure self-confidence. In this phase of life the body is the major via of the symbols for the structuring of our consciousness. The skin is the organ of utmost importance for this exchange between infant and the primary caregiver, through the touch.

The communication between the infant and the caregiver is based on the body, vision and touch are the main routes for this interaction. The similar and different, trying to find a new group, this time by choice, is when seeking what we call the psychological family. Structuring of consciousness at that stage, governed by the archetype of the Great Mother, requires physical closeness, affection, and protection in order to be well succeeded. This body contact will be mostly through the skin, the look and the affective tone of speech of the caregiver. Thus, activities such as baths, massages, comforting and proximity are fundamental. It is through this positive mirroring and emotional nourishment that the baby can build a positive self-image.

The next step in the structuring of consciousness is governed by the archetype of the Father. The symbolic enabled is the world of limits, the separation of opposites (BYINGTON, 1987). It is associated to what Freud called Oedipus phase. The body recognizes limits, the body starts to differentiate its own skin from someone else’s skin. There is an important role of the skin in this

structure, since it is what defines the body. In other words, it is the skin that will separate the inner and the outer, the I and the other.

During the alterity, structured by the archetypes of *animus* and *anima*, the I and the Other seek the symmetrical encounter. It is in the alterity that the search of ones profound identity and creativity occurs. And again, the skin plays a strong symbolic role. It is when you put yourself in the place of another, it is when we feel attracted by another partner. We use the term “it is a matter of skin” to speak of this type of attraction.

In old age, when the consciousness is structured by the archetype of wisdom, again the skin reflects its symbols. The wrinkles, the reduction of the tonus, the sensitive skin bring scars pointing to the final stage of our existence, preparing ourselves to death, an important and denied stage of life.

The pruritus, itching sensation, can be present in physiological conditions, like when we are bitten by an insect, signaling a lesion. It is also present in the allergies, in sensitive skin and eczema, quite frequent in children with atopic dermatitis.

Atopic dermatitis alters the child’s immune functioning with the onset of cutaneous lesions (atopic eczema) and respiratory symptoms (asthma and bronchitis). These children have a lower threshold to the pruritus, i.e., it is easily triggered, intense and also occurs at night.

With the act of scratching, the lesions worsen even further, causing much anguish to caregivers, who feel powerless in the face of the suffering and the fragility of the child. The act of scratching worsens existing lesions and generates new pruritic lesions; thus perpetuating the cycle “itching-scratch-itching”, generating more pruritus in a vicious cycle that is extremely stressful

The severity and progression of atopic dermatitis in the child has a close connection with the way the parents are capable of taking care of the child. Sometimes, the excess of concern leads to an anguish that disables them to help the child to calm down. Even with powerful an-

ti-inflammatory drugs, such as steroids, chronic and intermittent crisis brings limitations to the contact and the development of the child with other children and at school. On the other hand, well oriented families, capable of dealing with such anguish, are able to calm the children. They become more secure if touched, and massaged with oils in a way that soothes, moisturizes the skin, strengthen the immune system, minimize the itching and thus decrease the number and intensity of the crises. They become more adapted to everyday life along with other children, and do not stay in a “bubble” of overprotection.

Feldman (2001) an american psychologist, Jungian analyst, studied atopic children and their families in different cultural contexts. He compared the clinical outcome of children with atopic disease in countries of North America and Latin America. In the countries of Latin America, people touch each other more frequently in comparison with North America. There is more physical contact between children and adults in the latin families, when compared to the habits of north americans. In the United States, families “communicate the affection” more by words than by petting, they keep a greater distance between themselves, with less physical contact. These studies show that in the Latin countries, despite the worst financial conditions, fewer resources for health and education, the atopic children have less severe atopic dermatites and a better evolution of the disease after childhood.

Another example of the “nourishing touch” is in India, a country of extreme poverty: massages as the Shantala, practiced in babies seem to be of great value in the nutrition derived from contact with the intention to caress, soothe and relax.

Another study compared the weight gain of preterm infants hospitalized in the ICU (FIELD, 2010). The researchers separated the preterm infants into two groups: one group of babies that were handled for the technical care “routine” (changing diapers, cleaning, bathing and feeding) and a second group which, in addition to

receive the same care from the first, also received a massage, petting and “extra” attention.

Despite having the same food nutrition and being in the same ICU, the weight gain of caressed babies was higher and faster than those who did not receive the “extra” care.

4. Skin: feel and touch

Caenorhabditis elegans and *Drosophila melanogaster* are living beings which have a relatively simple nervous system. Given the possibility of manipulating some of their genetic characteristics correlated to their behavior, the neurobiology often uses them as a model for *in vivo* research (MAGUIRE, 2011; TINBERGEN, 1963; CROLL, 1975). In these organisms molecules required for the sensation of touch were identified and mechanisms by which these molecules control the sensitivity to mechanical stimuli, converting strength into cell signalling (mecanotransduction) was described (LUMPKIN, 2010). This system involves mecanoceptores, neurons sensitive to forces that constantly bombard the surface of the body. These signals were required for their movement, survival and reproduction, therefore, for the maintenance of the species.

Studies on the mechanisms involving the tact and touch in mammals have demonstrated that keratinocytes, main cells on the surface of the epidermis, produce neurotransmitters which have the potential to tune the sensitivity of the touch by afferent pathways. Although the keratinocytes and sensory afferent fibers do not form synapses, its proximity may allow rapid paracrine signalling (capacity of communication with neighboring cells through the secretion of bioactive compounds).

4.1 Touch and Type C Fibers

The touch is defined as the direct contact between two physical bodies. In the neurosciences, “touch” describes a special feeling by which the contact with the body of an organism is perceived by the conscious mind. Some types of touching involve an active behaviour – caress, touch or press – by which a part of the body is moved on

another surface. Sensory and motor components of touching are connected and integrated in the brain. They are functionally important for deflagrating or to induce a behaviour, such as locomotion. Be a shift to depart from some potentially harmful stimulus (e.g. a predator), to move in search of food, or to get closer to another living being in order to reproduce, it is extremely important for the maintenance of life and the species preservation. The sensory modalities of touch are classically divided into four: tactile, thermal, itchy and painful. The presence of free nervous endings in the skin surface (DELMAS et al, 2011) and the transmission of stimuli in specific ways suggested the existence of a fifth modality, the affective touch. The touch that creates a pleasant sensation, also called “positive touch” is transmitted through a specific type of touch C fiber.

C fibers are divided into two types: C1 – those which work as low threshold mecanoceptors, and the C2 – which, in contrast, have a high threshold for outbreak of stimulus (depolarization via ionic channels). Type C2 fibres correlate with stimuli of pain or “harmful effects” (nociceptors). This second group is also related to the itching and the pleasant sensation of touch, the affective aspect of a caress (BOWLBY, 1969).

The various subtypes of C fibers provide the substrate for a possible reinterpretation of the human somatosensory processing. The family of C fibers participates in neuronal pathways of various sensations, including pain, temperature, pruritus and the affective touch (DELMAS et al, 2011).

5. Conclusions and perspectives

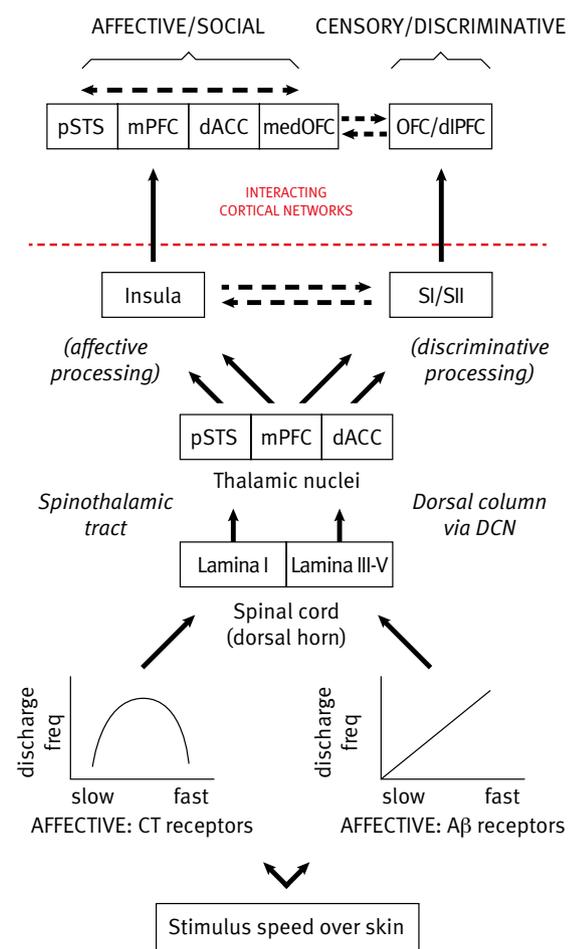
5.1 Beyond the skin

The dissection of the tact, one of our senses, leads us to reflect on the importance of the skin in the evolution of our species. Our skin is beyond the touch skin, integrates our “somato/emotional I”, where skin is psyche and psyche is skin.

Jung, in his first conference, “Fundamentals Of Psychology”, makes the following observations:

“The conscience is above all the product of perception and orientation in the external world, which probably is located in the brain and its origin would be ectodermal.” “At the time of our ancestors, this same consciousness would derive from a skin sensory relationship with the outside world. It is quite possible that the awareness derived from this of brain localization retain qualities such as sensation and orientation”.(JUNG, 2008).

It becomes evident that the skin occupies an important role in the formation of conscience. It is worth noting the embryology, the ectodermal origin of the skin as well as the nervous system.



Source: Adapted from McGLONE et al (2014).

Figure 3 – Schematic Diagram of Affective and Discriminative Pathways for Touch.

Craig (2003) conducted studies with convergent data, indicating that primates have a distinct cortical area, the interoceptive cortex, whose afferent activity reflects all aspects of the homeostatic physiological *status* of all tissues of the body.

As illustrated in Figure 3, this route of interoception (affective/social aspect of cutaneous stimulus) includes (McGLONE et al, 2014), C afferent fibers, tactile receptors (CT) lamina I, spinothalamic tract, thalamic nuclei, insula and specific areas of the cerebral cortex

The interoceptive cortical representation generates body sensations extremely different, which include: pain, temperature, pruritus (symptom/symbol), sensual touch, muscular and visceral sensations, vasomotor activity, hunger, thirst, and “lack of air”. In hu-

mans, a meta-representation of the interoceptive activity produced in the right anterior insula seems to constitute the basis for the subjective image of the “I”, “material body/emotional”.

These findings in the context of what C. G. Jung postulated on the “location of consciousness”, gives us a different perspective to the reading of the skin. The skin that makes us aware of who “we are”, the skin that translates what we “feel”. The awareness of the sensations produced by various stimuli captured by the skin, both extero- and interoceptive, arises from all the cells of our body; it gives rise to how we feel within ourselves. Our deepest feelings are rooted in the vast surface of our body. The body which gives us identity. ■

Recebido em: 30/08/2018 Revisão em: 12/12/2018

Resumo

A pele que somos e a pele que sentimos. Pele – símbolo – consciência

O sistema somatosensorial humano funciona de forma dinâmica. Nossos órgãos recebem e produzem estímulos que são convertidos em informação biológica, necessária para a formação, maturação e funcionamento global do nosso corpo, mente e espírito. O "sentir-se bem, sen-

tir-se com saúde" é uma consequência de vários fenômenos biológicos que envolvem o sistema nervoso central. Neste contexto, serão abordados os papéis da pele, do tato e do toque no desenvolvimento e estruturação da consciência e do que se chama "pele simbólica" ou "pele psíquica". ■

Palavras-chave: pele simbólica, toque, psicologia analítica, psicodermatologia, fibras tipo C

Resumen

La piel que somos y la piel que sentimos. Piel – símbolo – conciencia

El sistema somatosensorial humano funciona de forma dinámica. Nuestros órganos reciben y producen estímulos que se convierten en información biológica, necesaria para la formación, maduración y funcionamiento global de nuestro cuerpo, mente y espíritu. El "sentirse bien, sen-

tirse con salud" es una consecuencia de varios fenómenos biológicos que involucran el sistema nervioso central. En este contexto, se abordarán el papel de la piel, del tacto y del toque en el desarrollo y estructuración de la conciencia y de lo que se llama "piel simbólica" o "piel psíquica". ■

Palabras clave: piel simbólica, toque, psicologia anlitica, psicodermatologia, fibras tipo C

References

- ANZIEU, D. *O Eu-Pele*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.
- BOWLBY, J. *Attachment Volume 1: Attachment and Loss*. New York: Basic Books, 1969.
- BYINGTON, C. A. *Desenvolvimento da Personalidade: O Ciclo do Patriarcal*. São Paulo: Atica, 1987. (Capítulo 6, p. 59-68).
- BYINGTON, C. Os sentidos como funções estruturantes da consciência, uma contribuição da psicologia simbólica. *Junguiana*, n. 20, p. 7-15, 2002.
- CRAIG, A. D. Interoception: the sense of the physiological condition of the body. *Current Opinion in Neurobiology*, v. 13, n. 4, p. 500–5, jun. 2003.
- CRAIG, A. D. Supraspinal projections of lamina I neurons. In BESSON, J. M.; GUILBAUD, G. O. H. (Eds.). *Forebrain Areas Involved in Pain Processing*. Paris: John Libbey, 1995. p. 13-26.
- ROLL, N. A. Components and patterns in the behaviour of the nematode *Caenorhabditis elegans*. *Journal of Zoology*, v. 176, n. 2, p. 159–176, 1975. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7998.1975.tb03191.x>.
- DELMAS, P.; HAO, J.; RODAT-DESPOIX, L. Molecular mechanisms of mechanotransduction in mammalian sensory neurons. *Nature Reviews Neuroscience*, v. 12, p. 139-153, mar. 2011.
- FELDMAN, B. Una Piel para la Función Simbólica: Como Crear un Espacio para la Transformación. In: IX SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO JUNGUIANA DO BRASIL, 2001, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2001.
- FIELD, T.; DIEGO, M.; HERNANDEZ-REIL, M. Preterm Infant Massage Therapy Research: A Review. *Infant Behavior & Development*, v. 33, n. 2, p. 115–24, abr. 2010.
- FREUD, S. *O Ego e o Id*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX, 1923.).
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol VII.).
- GALIÁS, I. Psiquiatria e dermatologia: o estabelecimento de uma comunicação. *Junguiana*, n. 20, 2002, p. 57-62.
- IKOMA, A.; CEVIKBAS, F.; CORDULA, K.; STEINHOFF, M. Anatomy and Neurophysiology of Pruritus. *Seminars in Cutaneous Medicine and Surgery*, v. 30, n. 2, 64–70, jun. 2011.
- JUNG, C.G. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- KLEIN, M. *Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Obras Completas de Melanie Klein, Volume III Inveja e Gratidão e outros trabalhos, 1952).
- KOO, J. Y. M.; LEE, C. S. (Eds.). *Psychocutaneous Medicine* (Basic and Clinical Dermatology). New York, NY: Marcel Dekker, 2003.
- LACAN, J. O Estágio do Espelho como formador da função do eu tal como nos revela a experiência psicanalítica. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 96–104.
- LUMPKIN, E.; MARSHALL, K. L.; NELSON, A. M. The cell biology of touch. *Journal of Cell Biology*, v. 191, n. 2, p. 237–248, 18 out. 2010.
- MAGUIRE, S. M.; CLARK, C. M.; NUNNARI, J.; PIRRI, J. K.; ALKEMA, M. J. The *C. elegans* Touch Response Facilitates Escape from Predacious Fungi. *Current Biology*, v. 21, n. 15, p. 1326–30, ago. 2011. <https://doi.org/10.1016/j.cub.2011.06.063>.
- MCGLONE, F.; WESSBERG, J.; OLAUSSON, H. Discriminative and affective touch: sensing and feeling. *Neuron*, v. 82, n. 4, p. 737–55, 2014. <https://doi.org/10.1016/j.neuron.2014.05.001>.
- NEUMANN, E. *The Child: Structure and Dynamics of Nascent Personality*. New York: Putman, 1973.
- SLOMINSKI, A. T.; ZMIJEWSKI, M. A.; SKOBOWIAT, C.; ZBYTEK, B.; SLOMINSKI, R. M.; STEKETEEARTICLE, J. D. Sensing the environment: Regulation of local and global homeostasis by the skin neuroendocrine system. *Advances in Anatomy, Embryology, and Cell Biology*, v. vii, n. 212, 1-115, 2012.
- TINBERGEN, N. On aims and methods of ethology. *Zeitschrift für Tierpsychologie*, v. 20, n. 4, p. 410–33, 1963. <https://doi.org/10.1111/j.1439-0310.1963.tb01161.x>.
- YOSHINAGA, I. G. Pele, Saúde e o Processo de envelhecimento. In: BLOISE, P. (Org.). *Saúde integral: a medicina do corpo, da mente e o papel da espiritualidade organizado*. São Paulo: Senac, 2011.

O Banquete de Psique

BARCELLOS, Gustavo. Petrópolis: Vozes, 2017.

Victor Palomo*

O analista junguiano Gustavo Barcellos convida-nos, desde o início desse ensaio, a uma enunciação da psique da comida e da comida da psique menos ocupada com as possíveis camadas que ensejam seus suportes linguísticos, que entregue às propriedades metafóricas implícitas a essas terminologias. Importam aqui a trama das imagens e as propriedades imaginativas suscitadas pelo alimento, por suas escolhas, as formas de preparo, as receitas, o engolimento, o tubo digestivo, a excreção, o salgado, o doce, a mesa e a sobremesa, apreciados a partir de suas “necessidades ritualísticas intrínsecas”, cerimônias necessárias ao *soul making*. A adesão do autor a tais premissas imprime ao texto sua perspectiva (seu olhar através) radicular, a qual se afasta de uma narrativa linear ou uma resenha analítica sobre o ato de comer e suas vicissitudes, ancorando-se em pressupostos teóricos resultantes de um marcante trabalho de pesquisa.

Cabe lembrar que pesquisar aqui não se restringe somente ao esforço revisional dos escritos acadêmicos, mas em deli-

cados destaque e atenção aos ditos e expressões da linguagem coloquial que acolhe, com relativa inconsciência, as imagens alimentares como recurso metafórico para a comunicação e expressão de suas ideias. O que se registra, atualmente, é um enorme volume de publicações (obviamente importantes) que tentam destrinchar os emaranhados neurofisiológicos e psicopatológicos que dão suporte aos Transtornos Alimentares, locução adotada pelos tratados de saúde mental para catalogar as desordens que derivam da obesidade à anorexia. O ensaio *O Banquete de Psique* apresenta-nos imagens que não se ocupam, restritivamente, com tais conceitos.

Se a imaginação dos processos alimentares é análoga aos processos que delineiam os caminhos culturais percorridos entre o estado de natureza e a cultura, a boca será a imagem inicialmente eleita para as reflexões sobre a alma e a comida. O mundo adentra o corpo pelo engolimento e essa poética da sensação integra imagens saborosas, amargas, doces, salgadas e azedas. A dialética engolidor-engolido já fora registrada nas narrativas míticas, pois os deuses comem e são

comidos. Da boca ao estômago, atenta-se ao fígado como imagem das paixões vivazes e dos excessos e, fiéis à rota, deparamo-nos com uma poética da excreção, quando o intestino e o ânus são imaginados. Sendo a alimentação arquetípica, seus utensílios, técnicas e temperos denotam e conotam nossos humores, nossas fantasias, nossa alma faminta e saciada. Entre a fome e o fastio, as metáforas digestivas são destacadas de forma insistente ao longo do texto, pois na alma gástrica operam processos alquímicos profundos e presentes, por analogia, no trabalho psicoterápico. Novamente, linguagem e imagem fundem-se para provar que linguagem poética é imagem quando o texto convida o leitor a adentrar em um corpo imaginal. E confirma que a psicoterapia é tributária da função poética da linguagem, quando a retórica digestiva convida suas imagens ao consultório para “digerir, engolir, engasgar, entalar, mastigar, saborear, degustar, assimilar, processar, cozinhar, ruminar, evacuar” nossas belezas, verdades e dores anímicas. E não somente na psicoterapia, lembra Gustavo, mas também no discurso vigil e na gramática onírica.

* Psiquiatra, analista junguiano, membro da SBPA.
E-mail: <victorpalomo@uol.com.br>

Contudo, a protagonista deste texto é a função poética da linguagem, quando o ritmo da prosa que implica uma sustentação de conceitos é transmutado no devir próprio à gramática das imagens, apresentadas em sucessão ou contraposição. Em tais instigantes momentos, o texto não se serve das palavras, mas se rende servo delas, de suas imagens intrínsecas, convidando-nos a digerí-las em uma temporalidade própria, como uma “lição de paciência” inerente à alquimia da cozinha. As “experiências” com o tem-

po estão presentes nas entrelinhas da prosa poética servida por Gustavo a qual, antes de nos oferecer a doçura e a ternura da sobremesa, nos serve na bandeja o coração do texto: a inextricável associação entre comida, mesa, cozinha e o arquétipo fraterno. Em “Notas sobre a função fraternal”, incluída em *Voos e Raízes* (2006), lê-se que o irmão “define, em níveis mais avançados do que aqueles do influxo de pai e mãe, meu estar no mundo, meu amor pelo mundo” e que o irmão é imagem que instaura na alma os discursos

da diversidade e da semelhança na diferença. Talvez, em *O Banquete de Psique*, o autor tenha respondido, saborosamente, à indagação deixada como provocação naquelas divagações: “como, de que forma constelar o eu fraterno? [...] Como libertar os horizontes da alma para que finalmente ela se fraternize?”. Resposta: na sofisticação poética da mesa e da sobremesa, quando compartilhamos o olhar do irmão. Bom apetite! ■

Recebido em: 30/08/2018

Revisão em: 12/12/2018

Morte e Luto – A Psiquiatria sem Drogas e as Enfermidades Míticas no Cinema

SOUZA, Ana Célia Rodrigues de. Curitiba: Appris Editora, 2018.

Sylvia Mello Silva Baptista*

Morte & Luto – A Psiquiatria sem Drogas e as Enfermidades Míticas no Cinema, o livro de Ana Célia Rodrigues de Souza, começa com uma citação de Thomas Moore já anunciando o novo olhar da autora ao tema, num convite inescapável à *noite escura da alma*: o da experiência da depressão como processo e do luto como etapa para o autoconhecimento. Sob o paradigma junguiano/arquetípico da psique como imagem, Ana Célia vai buscar nos filmes – pontuando seu texto com poesia e música –, expressão para sua tese de que a depressão – palavra muitas vezes citada entre aspas – é uma experiência natural da vida, cuja investida pode levar a um importante caminho de transformação. Cita Edgar Morin para dar fundamento à sua escolha – “a literatura, tal como o cinema, pode tornar-se uma escola ‘da descoberta de si’ [...]” – de uma alternativa para exemplificar suas afirmações que não a partir das histórias de seus pacientes. Quer que penetremos em seus

pensamentos em três dimensões e viajemos com ela pelos campos míticos e psicológicos. Porque Ana Célia deseja falar de sua prática, intenciona trazer o testemunho em primeira pessoa de um fazer psíquico, um fazer de alma que sensibilize o leitor e o faça enxergar-se no espelho das imagens, refletido e refletindo.

Divide seu livro em quatro partes, a saber: “Da morte e do morrer”, “Dos símbolos e dos mitos”, “Dos lutos e dos filmes” e “Considerações finais e minha prática”, arrematando tudo com uma primorosa lista de filmes sugeridos. Além da psicologia analítica, toma como panorama para seu olhar boa parte da obra de James Hillman – analisada cuidadosamente livro a livro –, autor que ladeia C. G. Jung, Joseph Campbell, Karl Kerényi, Patricia Berry entre muitos outros. Busca em Phillipe Ariès subsídios para entender a morte como fenômeno na História, e as referências canônicas da mitologia grega acrescentam a esse banquete de ideias o sabor dos mitos e das divindades.

A presença da ausência, a morte na Grécia Antiga, no

Ocidente, na Idade Média, na pós-modernidade, os deuses que habitam o mundo dos mortos, os castigados, os heróis, o desejo de imortalidade, os “hospices”, a morte interdita e a morte escancarada, todas essas abordagens vão tramando um chão para a concepção de morte simbólica e do luto enquanto “processo de elaboração das vivências de perdas simbólicas sem o qual se torna impossível a adaptação às novas demandas que nossos destinos trazem no dia a dia”.

Ao lado dessa pesquisa, há definições de conceitos da psicologia analítica que se farão alicerces para afirmar sobre o divino mítico como metáfora psicológica. Ana escolhe alguns deuses cuja intimidade com o mundo dos Ínferos será o critério para que sirvam de expressão à sua reflexão. Dessa maneira, estarão ali Cronos-Saturno, Deméter, Core-Perséfone, Dioniso e Hades com suas narrativas e respectivas leituras simbólicas a partir das quais fará um levantamento de possíveis patologias, lembrando sempre que, como disse Jung, o sintoma é a primeira tentati-

* Psicóloga, membro analista da SBPA/IAAP. Mestre em psicologia clínica (PUC-SP). Professora, supervisora clínica e coordenadora do Núcleo de Mitologia e Psicologia Analítica (MiPA) na SBPA e do Núcleo de Mitologia no Areté – Centro de Estudos Helênicos. Autora de *O arquetipo do caminho* (Casa do Psicólogo), entre outros.
E-mail: sylviamellobaptista@gmail.com

va natural de cura, e portanto, de conscientizar as demandas de transformação.

Parte, então, para a análise de cinco filmes relacionados aos cinco deuses elencados, tendo como perspectiva o entendimento de que os lutos simbólicos nos ocorrem diariamente, bem como o convite a compreender as vivências de perda e da assim chamada depressão como *infirmatas* do arquétipo. Este termo remete a uma patologia no arquétipo, uma espécie de enfermidade ou tema patológico contido no mito e que não pode ser dele eliminado sem que com isso se viole a sua totalidade. E a autora empresta a voz de Hillman para concluir: “Uma vez que a *infirmatas* dos deuses é essencial para a configuração plena deles, necessária

ao modo de ser destas figuras, decorre que nossas patologias também são necessárias à nossa completude”. Ao lado dessas afirmações, surge a dura e contundente crítica à forma como a psiquiatria vem sendo praticada segundo o modelo americano em que a medicalização dos sentimentos tem ganhado espaço, modelo esse ao qual se opõe veementemente.

Desse modo, a morte e o luto recebem *status* de oportunidades, sendo os mitos pano de fundo constante. Toda a construção de um conhecimento complexo e rico em símbolos se desenha nesse livro entretecido de representações plásticas da própria autora. São colagens, desenhos e pinturas que pontificam os capítulos e fazem do texto algo ainda mais vivo,

dando-nos a certeza de que foi escrito a partir de um centro.

Morte & Luto constitui-se, portanto, num importante instrumento de reflexão para o psicólogo, o psiquiatra ou qualquer pessoa interessada na psique e em seus mistérios. Tal como a terra que recebe a chuva boa e criadeira, deixando-se inundar pela água fresca que fará brotar as sementes escondidas, assim Ana Célia nos oferta poesia e provocações, música e questionamentos, imagens e testemunhos, fazendo a ida à escuridão da noite escura se acompanhar de dádivas preciosas. Boa descida!

São Paulo, 19 de outubro de 2018 ■

Recebido em: 20/10/2018

Revisão em: 12/12/2018

Normas para publicação de artigos

A revista Junguiana, periódico científico da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, editada pela primeira vez no ano de 1983, destina-se à divulgação de trabalhos inéditos, que contribuam para o conhecimento e o desenvolvimento da psicologia analítica e ciências afins, em um espírito aberto ao debate científico, cultural, social e político contemporâneo. Com periodicidade semestral, a revista aceita artigos originais, de revisão, casos clínicos, comunicação breve, entrevista e resenha.

Para mais informações sobre as normas de publicação acesse o site da SBPA:
<http://sbpa.org.br/portal/acervo/normas-para-publicacoes/>.

Guidelines for publishing articles

Junguiana is the scientific Journal of the Brazilian Society for Analytical Psychology, published for the first time in 1983 and directed towards the dissemination of unpublished works that contribute to the knowledge and development of analytical psychology and related sciences, with an openness towards scientific, cultural, social and contemporary political debate. Twice a year, the journal accepts original and review articles, clinical cases, brief announcements, reviews and interviews.

For further information about publication rules visit SBPA site:
<http://sbpa.org.br/portal/acervo/normas-para-publicacoes/>.

Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica
Rua Dr. Flaquer, 63 – Paraíso – CEP 04006-010 – São Paulo (SP)
Telefax (11) 2501-4859
www.sbpa.org.br

